LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E AGOSTINHO:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XII

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E AGOSTINHO:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XII

Estudo Comparado XII da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 31 de outubro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o pensamento de Agostinho de Hipona, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. Agostinho é exposto pelas obras, no latim da Nuova Biblioteca Agostiniana conferido pelo site augustinus.it — Confissões, Cidade de Deus, De magistro, De vera religione, Solilóquios, A Trindade, O livre-arbítrio, Enchiridion, as obras da graça, as Cartas 93 e 185 — e pela tradição que o lê. É o autor que o cânon mais cita por nome, e o estudo começa pelos lugares em que o nomeia. Encontra oito pontos de contato (o mestre interior e a luz que se revela; interior intimo meo e o valor anterior ao mérito; a privação do bem e a Disputatio; os três presentes e os três ritmos; a memória e o Examinar; a peregrina, a vida social e as Águas Comuns; o corpo contra os platônicos e o Corpus; o tolle, lege como ocasião) e oito fronteiras (Deus e a Luz sem nome; a graça eleita e a luz de todos; a vontade dividida e o lobo; a conversão dada e a Mutatio escolhida; o tempo da alma e o rio da história; a teodiceia da ordem e a recusa da teodiceia; a coerção e o rio que não é programa; o corpo na Ficha e o nome da Luz). Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção”, reúne o que Agostinho oferece ao tratado da justiça, à Regra de Vida e às Fichas da série e entrega ao fundador onze questões, das quais oito novas foram decididas em 31 de outubro de 2026, com a fórmula. Toda citação traz localização por obra, livro, capítulo e parágrafo e marcador de verificação.

Palavras-chave: Agostinho; Lumen Fluens; interioridade; graça; vontade; tempo; filosofia comparada.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with the thought of Augustine of Hippo, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. Augustine is expounded from the works, in the Latin of the Nuova Biblioteca Agostiniana checked through augustinus.it — Confessions, City of God, De magistro, De vera religione, Soliloquies, The Trinity, On Free Choice of the Will, Enchiridion, the works on grace, Letters 93 and 185 — and from the tradition that reads him. He is the author the canon most often names, and the study begins where the canon names him. It finds eight points of contact (the inner teacher and the light that reveals itself; interior intimo meo and value prior to merit; the privation of good and the Disputatio; the three presents and the three rhythms; memory and the Examining; the pilgrim city, social life and the Common Waters; the body against the Platonists and the Corpus; tolle, lege as occasion) and eight borders (God and the nameless Light; elected grace and the light of all; the divided will and the wolf; given conversion and chosen Mutatio; the time of the soul and the river of history; the theodicy of order and the refusal of theodicy; coercion and the river that is not a programme; the body in the Ficha and the name of the Light). It proposes the formula “Lumen Fluens accepts from Augustine the within and refuses the exception”, gathers what Augustine offers to the treatise on justice, to the Rule of Life and to the series’ Fichas, and hands the founder eleven questions, eight of them new and decided on 31 October 2026 together with the formula. Every quotation carries a location by work, book, chapter and paragraph and a verification marker.

Keywords: Augustine; Lumen Fluens; interiority; grace; will; time; comparative philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-pt] / [V-en] / [V-es]	citação conferida em edição portuguesa, inglesa ou espanhola
[V-lat]	citação de Agostinho conferida no latim (augustinus.it, texto NBA)
[V-extr]	citação de autor da tradição conferida em edição estrangeira
[V via secundária]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[tradução do estudo]	tradução de trabalho feita pelo estudo, a partir do francês, do espanhol ou do inglês
[paráfrase]	sentido fiel ao texto; palavras do estudo
[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar]	o que ainda falta conferir
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes
decisão n.º 1–7	decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII
decisão n.º 1–12 (19/10)	decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII
decisão n.º 1–13 (23/10)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, numeradas como no Prólogo daquele estudo
decisão n.º 1–10 (23/10, Estudo X)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, numeradas como no Prólogo daquele estudo
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XI)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XI, entregue no mesmo dia
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XII)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre este estudo, numeradas na seção 1.2
Cânon v1.2	Cânon do Lumen Fluens, versão 1.2 (agosto de 2026), texto publicado
interior intimo meo	“mais interior do que o meu íntimo” (*Confissões* III, 6, 11), a primeira metade da fórmula
massa damnata	a massa condenada, a fronteira da exceção
distentio	a distensão da alma, o tempo de *Confissões* XI

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 10
1.1 Como ler este estudo 11
1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 31 de outubro de 2026) 14
1.3 O que o X e o XI anteciparam 15

2 AGOSTINHO EM SUA MELHOR FORMA 17
2.1 Uma vida e uma inquietude 17
2.2 Os livros dos platônicos e a luz imutável 18
2.3 A vontade dividida e o jardim 18
2.4 A memória e o si que não se compreende 19
2.5 O tempo como distensão da alma 19
2.6 O mestre interior e a iluminação 20
2.7 O mal como privação e a causa deficiente 21
2.8 A graça, o mérito e a eleição 22
2.9 As duas cidades, a paz e a peregrina 23
2.10 O corpo, a carne e a ressurreição 23
2.11 O que ele deixa: a coerção, a mulher, a predestinação 24
2.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui 25

3 ONDE NOS TOCAMOS 27
3.1 O mestre interior e a luz que se revela 27
3.2 *Interior intimo meo* e o valor anterior ao mérito 28
3.3 A privação do bem e a Disputatio 29
3.4 Os três presentes e os três ritmos 30
3.5 A memória e o Examinar 31
3.6 A peregrina, a vida social e as Águas Comuns 32
3.7 O corpo contra os platônicos e o Corpus 33
3.8 O *tolle, lege* como ocasião 33

4 ONDE NOS SEPARAMOS 35
4.1 Deus e a Luz sem nome: o que a letra autoriza 35
4.2 A graça eleita e a luz de todos 37
4.3 A vontade dividida e o lobo com ou sem intenção 38
4.4 A conversão dada e a Mutatio escolhida 39
4.5 O tempo da alma e o rio da história 40
4.6 A teodiceia da ordem e a recusa da teodiceia 41
4.7 A coerção e o rio que não é programa 42
4.8 O corpo na Ficha e o nome da Luz 43

5 AGOSTINHO E AS CASAS QUE JÁ VISITAMOS **45**
5.1 O cristianismo: Tomás, Lutero, Pascal — e a Ficha do Estudo III 45
5.2 O estoicismo: a *apatheia* recusada 46
5.3 Platão e Aristóteles: os livros dos platônicos e as *Categorias* 47
5.4 Hegel: as *Lições* 48
5.5 O existencialismo: Kierkegaard, Heidegger em 1921, Jaspers, Marcel 48
5.6 Levinas e Ricoeur: a interioridade; a *distentio* e o pecado original 49
5.7 Arendt e Taylor: a natalidade e o *homo interior* 50
5.8 Buber e o que não há: o diálogo; budismo, vedanta, taoísmo 50
5.9 O padrão 51

6 PRÉVIAS: AUTORES QUE VIRÃO **53**
6.1 Hannah Arendt 53
6.2 Gabriel Marcel 55
6.3 Karl Jaspers 56
6.4 Charles Taylor 57

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS **59**
7.1 O que o estudo encontrou 59
7.2 A fórmula 60
7.3 Questões abertas 61
7.4 O que Agostinho oferece 63
7.5 A lamparina 64

REFERÊNCIAS **65**

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO **77**

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES **97**

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO **102**

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux (o valor anterior ao mérito e a luz interior), o Flumen e a Mutatio (o tempo), a Bússola (a vontade), a Vigília e a Disputatio (o mal como privação), o Abrigo e as Águas Comuns (a cidade), o Corpus, a Regra da Misericórdia e a independência confessional

Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.

Versão 1.1, 31 de outubro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 30 de outubro de 2026.

Agostinho é o terceiro clássico da série, na ordem que o fundador fixou em 23 de outubro de 2026: Platão, Aristóteles, Agostinho; depois Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor (decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo IX, n.º 11). É também o autor que o cânon mais cita por nome.

A Origem toma dele a imagem da ocasião, “como a voz que dizia tolle, lege no jardim de Agostinho” (Cânon v1.2, “Origem”; ver 3.8); o Tratado da Luz Interior lhe deve o *interior intimo meo*, o *noli foras ire* e o “mestre interior” que “ensina antes de qualquer voz externa”, e chama a isso “sua principal herança” para o Pilar I (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 3.1); a Disputatio toma dele, como tese atribuída, que o mal “não é substância, mas privação do bem” (Disputatio, 2, “Sed contra”; ver 3.3). Dois estudos o anunciaram. O X deixou duas tarefas: testar o mestre interior contra a letra do Tratado e o tempo que se distende na alma contra o rio (Estudo X, 5.2). O XI acrescentou o que Agostinho tem e Aristóteles não tem, a vontade que manda em si e resiste, a graça que a cura, e a história como drama de duas cidades (Estudo XI, 6.1). Depois de um filósofo da luz e de um filósofo da aquisição, a série encontra um teólogo da graça, e o teste muda de natureza: aqui o toque é de letra, e não só de estrutura, e a regra mais sensível da série, a independência confessional, é posta à prova pelo autor mais confessional que ela visitou.

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: Agostinho entra no Lumen Fluens pelo dentro e pela privação, e encontra duas fronteiras, a do nome e a da exceção. Entra pelo dentro, porque Deus lhe é *interior intimo meo*, “mais interior do que o meu íntimo” (*Confissões* III, 6, 11; ver 2.6) [V-lat; tradução do estudo], o buscado estava “dentro de mim e eu fora” (*Confissões* X, 27, 38; ver 2.6), e o Tratado lê nisso que “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). Entra pela privação, porque o mal, para ele, “não é substância” (*Confissões* VII, 12, 18; ver 2.7) e a Disputatio usa a tese para dizer que o mal não dita “a última palavra sobre o que uma pessoa vale” (Disputatio, 2, “Sed contra”; ver 3.3).

Encontra a fronteira do nome, porque para Agostinho a luz imutável que ele viu ao entrar em si é Deus (*Confissões* VII, 10, 16; ver 2.2), e o cânon deixa a Luz sem nome: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1). A letra autoriza quem crê a dar à Luz o nome da sua fé; não autoriza o estudo a dá-lo, e o estudo escreve “quem lê com Agostinho pode…” e para aí.

E encontra a fronteira da exceção, porque a graça de Agostinho não é dada a todos. Há “uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina” (*Ad Simplicianum* I, 2, 16; ver 4.2) [V-lat; tradução do estudo] e “o número dos eleitos é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” (*De correptione et gratia* 13, 39; ver 2.11 e 4.2) [V-lat; tradução do estudo]; o cânon diz de cada pessoa que o valor é “intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”), e “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 4.2).

O estudo propõe ao fundador uma fórmula, e só ele pode adotá-la (7.2): **o Lumen Fluens aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção.** Aceita o dentro: o que se busca já está dentro, antes de toda busca, e nenhuma voz de fora o fabrica. Recusa a exceção: a letra diz “cada pessoa”, e que isso valha sem exceção é leitura do estudo; nenhuma massa nem número a reparte. “Exceção” não é a “eleição” que a decisão n.º 1 de 19 de outubro de 2026 recusou de Levinas, a responsabilidade que me escolhe: é o que a letra de Agostinho faz com a graça, dada a alguns e não a todos. O nome fica fora da fórmula, com cada leitor, como a letra manda. O que mais a fórmula diga depende de perguntas que o capítulo 7 reúne — sobretudo de (as), se a fronteira da *massa damnata* consta como fronteira da série, e de (ao), se a decisão sobre o sol de Platão cobre a luz imutável de Agostinho tomada como estrutura.

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. Agostinho diz o que está nas obras, citado e localizado por obra, livro, capítulo e parágrafo: as *Confissões* antes de tudo, a *Cidade de Deus*, o *De magistro*, o *De vera religione*, os *Solilóquios*, *A Trindade*, *O livre-arbítrio*, o *Enchiridion*, as obras da graça (*Ad Simplicianum*, *De gratia et libero arbitrio*, *De correptione et gratia*, *De dono perseverantiae*), as *Cartas* 93 e 185. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: Mammì, Novaes, Marcos Roberto Nunes Costa, Gagnebin, Scherer, Gilson, Brown, Rist, Wetzel, Evans, Ricoeur, Arendt, Taylor, Heidegger, e os leitores brasileiros e portugueses por cujas páginas muitas passagens chegaram até aqui. O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo

nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, Regra da Misericórdia, Examinar, Revisão do rio.

"Nas fontes do cânon" quer dizer o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações e as decisões. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais; os Estudos VII a XI entram como leitura anterior do estudo e se citam como tais. O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. O latim de Agostinho foi conferido por inteiro no texto da Nuova Biblioteca Agostiniana, pelo site augustinus.it (*O livre-arbítrio* no texto dos beneditinos, não no do *Corpus Christianorum*); a *Cidade de Deus* XII, 21 leva a dupla numeração, XII, 20, 4 na Nuova Biblioteca e XII, 21 em Dombart e Kalb. Das edições em português, foram conferidas a edição bilíngue de Lisboa (Arnaldo do Espírito Santo e outros, Imprensa Nacional–Casa da Moeda) nos livros VII, X e XI das *Confissões* e em *A Trindade*; a de Lorenzo Mammì numa cópia digital sem paginação, por isso sempre com [página a confirmar]; a de J. Dias Pereira para a *Cidade de Deus*, em cópia com ruído de digitalização, e as passagens afetadas levam [V-lat] quando conferidas no latim; Amarante só por intermédio de quem a cita. Nenhuma edição portuguesa de *O livre-arbítrio*, do *Enchiridion*, das obras da graça, das cartas ou do *De magistro* foi aberta, e o estudo os traduz do latim e o diz. O estudo verte *distentio* por "distensão"; a edição de Lisboa diz "extensão" e, em XI, 29, 39, "dispersão".

Por isso [V-lat] indica que a passagem foi conferida no latim; [V-pt: tradutor], na edição portuguesa nomeada; [V-en] e [V-es], no inglês ou no espanhol; [V-pt via secundária: autor], que a tradução portuguesa foi lida dentro de outro texto. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o latim nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e o estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. As teses dos intérpretes vêm, quase todas, como [tese a confirmar]: a pesquisa de fontes confirmou a existência das obras e, salvo nos artigos lidos por inteiro, não leu o conteúdo; Rist e Wetzel chegam por indicação da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Nas Fontes de cada capítulo a ordem dos marcadores é fixa: latim, tradução, natureza. Dentro das aspas fica a grafia da edição, inclusive a de Portugal; fora delas, o português do Brasil.

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 2 enumera (2.12) e cada capítulo repete onde trabalha. "A luz imutável" é a de Agostinho, e é Deus; "a Lux" é a de cada pessoa, e fica sem nome. "Interior" é o *homo interior* de um lado e a "luz interior" do outro. "Mestre" é palavra do Tratado, dita a propósito de Agostinho; o cânon não tem mestre. "Memória" e "tempo" são de Agostinho, a *distentio*; o cânon tem o rio e a Revisão do rio, e

nenhuma teoria do tempo. “Vontade” não é termo de doutrina do cânon: ocorre três vezes em uso comum, e a vontade dividida é de Agostinho. “Graça” não ocorre nas fontes do cânon, salvo numa linha da Ficha do Estudo III, que não é cânon. “Conversão” é a *conversio* (“conversão”) de Agostinho; a Mutatio não se chama conversão. “Cidade” é a *civitas* (“cidade”) de Agostinho; o cânon tem o rio, que “não é programa político” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). “Paz” é a de *Cidade de Deus* XIX, 13, e o estudo não lhe procura contraparte no cânon, onde “em paz” diz só o retiro de quem atraca. “Hábito” é a *consuetudo* (“costume”) que acorrenta, e não o “por hábito” que encobre, do Tratado, nem o que forma, de Aristóteles (Estudo XI). “Abrigo”, em Novaes, é a alma que abriga a verdade, não o Abrigo do cânon. O latim vai em itálico só nas fórmulas consagradas, com a tradução na primeira ocorrência. “Fonte” e “eterno” são palavras que Agostinho usa; o estudo não as usa para dar nome à Luz do cânon, cuja letra de “eterno” é só “O eterno dança no tempo” (Cânon v1.2, “Origem”).

Quando um capítulo diz que Agostinho não trata de algo, a afirmação vale só para as obras e passagens que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que a pesquisa de fontes do estudo conferiu.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. Agostinho é exposto primeiro em sua melhor forma, pelas obras, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que ele deixa — a massa condenada, o número dos eleitos, a coerção, a mulher de duas faces — é dito com clareza no mesmo capítulo, sem desculpa de época e sem acusação anacrônica. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3), começando pelos lugares em que o nomeia, e onde se separa dele (capítulo 4), e o capítulo 4 é o único que numera as perguntas, de (ao) a (av); as letras seguem às do Estudo XI, que vão de (ag) a (an).

O capítulo 5 pergunta o que cada casa que a série já visitou recebeu de Agostinho ou lhe opôs: o cristianismo por Tomás, Lutero e Pascal; o estoicismo, de quem ele recusa a *apatheia*; Platão e Aristóteles; Hegel, que dele diz pouco; o existencialismo; Levinas e Ricoeur; Arendt e Taylor; Buber; e, com honestidade, o que não há: o Oriente. Dele sai um padrão: as casas recebem dele a interioridade, a vontade e o tempo, e decidem cada uma por si o que fazer com a graça. O capítulo 6 abre as portas seguintes: Arendt, com o dobro do espaço, porque a natalidade vem de Agostinho; Marcel; Jaspers; Taylor. O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões que o estudo deixa abertas, numa só lista, e o que Agostinho oferece à Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (como no Prólogo do IX, n.º 1 a 13) e de 23 de outubro sobre

o Estudo X (como no Prólogo do X, n.º 1 a 10) valem como palavra dele e não são reabertas; as duas listas de 23 de outubro vão sempre com o nome do estudo. Nenhuma delas foi tomada sobre Agostinho. Uma o nomeia: a n.º 9 de 23 de outubro sobre o Estudo X, entre os pontos não adotados, diz que "o Estudo XII não recebe a pergunta pelo 'mestre interior'"; o Estudo X (6.3), e não a decisão, explica de que pergunta se trata, a de Platão estar por trás dele; este estudo não a faz. A pergunta que faz nasce da letra do Tratado, e o Estudo IX (5.3) a deixou sem decisão.

Quando o estudo relaciona a Agostinho as decisões tomadas sobre Platão — o sol como estrutura (n.º 3), o corpo como templo (n.º 6), o veto como a própria Luz (n.º 7) —, pergunta se a leitura vale, e marca. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 31 de outubro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre o Estudo IX, das de 23 de outubro sobre o Estudo X e das de 31 de outubro sobre o Estudo XI, tomadas no mesmo dia que estas. As duas listas de 31 de outubro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como "decisão n.º N de 31 de outubro sobre o Estudo XII". Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou. No corpo, cada questão decidida leva a marca "[Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º N): …]".

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção. O dentro é o que se busca e já está lá, antes de toda busca; a exceção recusada é a graça dada a alguns e não a todos — distinta da "eleição" de Levinas, recusada pela decisão n.º 1 de 19 de outubro. O nome fica fora da fórmula, com cada leitor.
2. **A decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X cobre Agostinho** (questão (ao)): a luz imutável que ele viu ao entrar em si é estrutura, como o sol de Platão, e nunca nome da Luz. Agostinho não pede decisão própria; o nome "para o cristão" continua onde a letra o pôs, com quem crê.
3. **O mestre interior fica como herança nomeada** (questão (ap)): como está no Tratado da Luz Interior, dito a propósito de Agostinho; não passa a estrutura sem nome.
4. **Os três presentes são leitura do estudo** (questão (aq)): a correspondência entre memória, atenção e expectação e os três ritmos do dia — Acender, Portar, Examinar — não entra na letra como glossário.

5. **A *consuetudo* é contraparte do hábito que encobre** (questão (ar)): o hábito que acorrenta, de Agostinho, fica registrado ao lado do “por hábito” do Tratado da Luz Interior, como contraparte e não só como fronteira. O cânon continua a definir o lobo pelo ato.
6. **A fronteira com a *massa damnata* é fronteira da série, com frase própria** (questão (as)): o estudo a diz em voz sua, apoiada nas decisões n.º 1 de 23 de outubro sobre o Estudo IX e n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo X, e ela vale como padrão para os clássicos cristãos, ao lado da fronteira de (al) do Estudo XI. A condição da fórmula está cumprida.
7. **A ordem do todo de *Cidade de Deus* XI, 18 pede leitura própria** (questão (at)): a fórmula de 17 de outubro, tomada sobre Hegel, não se estende a Agostinho; a Vigília deixa a leitura de fé a quem crê, e o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua.
8. **O corpo contra os platônicos entra na Ficha do Estudo III** (questão (au)): *Cidade de Deus* XIV, 3 fica como aliado do Corpus. A decisão n.º 6 de 23 de outubro sobre o Estudo X, “Só templo”, fica como está.
9. **A coerção e a causa deficiente são material do tratado da justiça** (questão (av)): as *Cartas* 93 e 185 e a causa deficiente de *Cidade de Deus* XII, 7 entram ao lado das peças de Ricoeur e de Levinas, da cura de Platão e da tríade de Aristóteles, sem ordem escolhida; (g) continua aberta até o tratado.
10. **Registros adotados**: a linha “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”, da Ficha do Estudo III, separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo; a Ficha do Estudo II recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates. A mulher de *De Trinitate* XII, 7, 12 fica registrada com as duas faces, sem decisão; os quatro autores seguem sem letra.
11. **Publicação** como o Estudo XI: integral, resumo trilíngue e nota de decisões.

Continuam abertas (j) e (k); (g) fica aberta até o tratado da justiça.

1.3 O que o X e o XI anteciparam

Os dois estudos escreveram a prévia de Agostinho antes da pesquisa de fontes do estudo, e ela cumpriu duas tarefas, corrigiu uma leitura e mediu uma suposição. A primeira tarefa, testar o mestre interior contra a letra do Tratado (Estudo X, 5.2), mostrou que o Tratado diz de Agostinho menos do que a série supunha: traz o *interior intimo meo* sem a metade que diz “mais alto”, o *noli foras ire* e o “mestre interior” sem Cristo, sem consulta e sem “iluminação”, palavra que nenhuma fonte do cânon tem (3.1, 3.2). A segunda, testar o tempo da alma contra o rio, manteve a leitura do X de que o rio é história e a corrigiu em dois pontos: a letra diz “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”, e não só “a

história", e Agostinho aplica a distensão também "em todo o século dos filhos dos homens" (*Confissões* XI, 28, 38; ver 4.5).

A correção de leitura: o X disse que o cânon define o lobo "sem pedir ignorância nem vontade dividida", como inferência; a pergunta se a vontade dividida cabe no lobo não é do X, é deste estudo, e a letra responde pelo ato (4.3). O Estudo X remete também a "Estudo VII, 4.4" o que o VII diz de Agostinho; a seção é a 5.3, e o que o VII ali escreve é que a frase atribuída a Agostinho "não é apoio nem objeção".

A suposição medida: o XI leu que o dom que precede o mérito é "estrutura que as duas letras partilham; quem dá, o cânon não diz" (Estudo XI, 6.1). A medida confirma a estrutura (3.2) e põe a fronteira onde o XI a deixou: a graça de Agostinho não é dada a todos, e a Lux é de cada pessoa (4.2). O XI perguntou ainda se a massa, os eleitos e a coerção ficam registrados como matéria do interlocutor pelo padrão do escravo natural; este estudo os declara como fronteira (4.2, 4.7) e pergunta, em (as) e (av), o que o fundador quer que conste.

2 AGOSTINHO EM SUA MELHOR FORMA

Fala aqui Agostinho; a tradição entra, com intérprete nomeado, para situar; o cânon só é apontado em 1.12. O percurso segue a ordem do pensamento, não a das datas de composição: a inquietude, os livros dos platônicos, a vontade e o jardim, a memória, o tempo, o mestre interior, o mal, a graça, as duas cidades, o corpo e o que ele deixa. Agostinho é o terceiro dos clássicos por palavra do fundador (decisão n.º 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX: “A ordem dos clássicos: Platão (Estudo X), Aristóteles, Agostinho; depois Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor”). É teólogo, e a luz de que fala é, para ele, Deus; o capítulo o expõe como ele o diz, como pensamento dele [leitura do estudo].

2.1 Uma vida e uma inquietude

A vida de Agostinho cabe em poucas datas, e em alguns pontos as fontes abertas não coincidem.

Agostinho nasce em 13 de novembro de 354, em Tagaste, na África romana (hoje Souk Ahras, na Argélia); a mãe, Mônica, é cristã (verbete “Augustine of Hippo”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*) [V-en]. Estuda em Madaura e em Cartago e, por volta dos dezoito anos, lê o *Hortensius*, de Cícero, livro que lhe muda o afeto e as preces (*Confissões* III, 4, 7). Vive em Cartago cerca de catorze anos com uma companheira, de quem tem um filho, Adeodato, e é maniqueu como ouvinte, nunca “eleito”. Muda-se para Milão como professor público de retórica, em 383 ou no fim de 384, conforme a fonte. Ali ouve Ambrósio, lê alguns livros dos platônicos em tradução latina (ver 2.2) e vive, no fim de agosto de 386, a cena do jardim (ver 2.3).

Passa o inverno de 386–387 em Cassicíaco, onde escreve os *Solilóquios*, e é batizado por Ambrósio na vigília pascal de 24–25 de abril de 387. Mônica morre em Óstia, em 387 ou 388. De volta à África escreve o *De magistro* (388–391) e o *De vera religione* (389–391); em 391 é ordenado presbítero em Hipona, ao que parece contra a vontade, e é bispo coadjutor em 395 ou sucessor por volta de 396, conforme a fonte. As *Confissões* são de cerca de 396–400; a *Cidade de Deus* nasce depois da tomada de Roma pelos godos, em 410. Morre em 28 de agosto de 430, durante o cerco de Hipona pelos vândalos.

As *Confissões* começam pela inquietação do coração: “porque nos fizeste para ti, e inquieto está o nosso coração, até que repouse em ti” (*Confissões* I, 1, 1) [V-lat; tradução do estudo]. É o horizonte do que segue.

O primeiro lugar onde Agostinho vê a inquietude responder é a leitura dos platônicos.

2.2 Os livros dos platônicos e a luz imutável

O livro VII conta o que Agostinho achou e o que não achou nos livros dos platônicos, e o que viu quando se voltou para dentro.

Agostinho diz que ali leu a luz que brilha nas trevas, mas não o resto: “mas que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, isso não li ali” (*Confissões* VII, 9, 14) [V-lat; tradução do estudo]. O Estudo X (4.2) lembrou que o texto não nomeia Platão, e que a identificação com Plotino e Porfírio é tradição de intérpretes [tese a confirmar]. Admoestado a voltar a si, ele entra: “entrei no mais íntimo de mim, guiado por ti”, e viu, “acima da minha mente, uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda a carne”; era “superior a mim, porque ela própria me fez, e eu inferior, porque feito por ela” (VII, 10, 16) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]: a superioridade é de origem, não de lugar.

Por trás da imagem há um argumento: ao julgar as coisas mutáveis, Agostinho buscou de onde julgava e achou o padrão acima da mente mutável (VII, 17, 23). A visão, porém, não dura: “era arrebatado para ti, pela tua beleza, e logo a seguir era arrancado de ti, pelo meu peso […] e esse peso era o hábito carnal” (VII, 17, 23) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. No balanço, tinha certeza, mas era fraco demais para fruir (VII, 20, 26). Cléver Cardoso lê o parágrafo 16 como o clímax do livro VII e o momento central do abandono da exterioridade rumo a uma interiorização (*Humanidades em Diálogo* IV(2)).

O que ele viu e não pôde segurar tem nome na vida seguinte, o peso do hábito, e é esse peso que o livro VIII leva ao jardim.

2.3 A vontade dividida e o jardim

O livro VIII conta como o hábito prende a vontade, como ela se divide e qual voz a chama.

Agostinho descreve a cadeia: “da vontade pervertida nasce a libido, e quando se obedece à libido nasce o hábito, e quando não se resiste ao hábito nasce a necessidade” (*Confissões* VIII, 5, 10) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]. O hábito é a *consuetudo* (“costume”, “hábito”), e não é só vício: o mesmo termo nomeia, no livro IX, o costume do convívio com a mãe (IX, 12, 30).

A divisão vem em seguida: “a alma ordena a si mesma, e encontra resistência. […] Não é absurdo, então, que em parte queira, em parte não queira: é a doença da alma, que não consegue se erguer por inteiro, alçada pela verdade, oprimida pelo hábito. Por isso as vontades são duas, porque nenhuma delas é inteira” (VIII, 9, 21) [V-lat; V-pt: Mammì]. São as *duae voluntates*, “duas vontades”, e Agostinho as volta contra os maniqueus, que viam nelas duas mentes de natureza diferente, uma boa, outra má (VIII, 10, 22). Quem tem duas vontades continua sendo um só sujeito.

Então chega a voz: “E eis que de uma casa próxima ouço uma voz, como de meninos ou meninas, não sei, que diziam e repetiam sem parar, cantando: ‘Pega, lê, pega,

lê’”. É o *tolle, lege*, “pega, lê”. E o efeito: “foi como se uma luz de certeza derramada no meu coração dissipasse todas as trevas da dúvida” (VIII, 12, 29) [V-lat; V-pt: Mammì]. Lorenzo Mammì escreve, no prefácio, que “basta ler o relato da conversão no Livro VIII para perceber que, para Agostinho, toda decisão é dádiva” [V-pt: Mammì].

Do jardim a narrativa passa ao livro X, onde Agostinho deixa de contar o que foi e diz o que é, e o diz pela memória.

2.4 A memória e o si que não se compreende

No livro X Agostinho confessa o que é agora, e a memória é o lugar por onde a busca passa.

Confessar é conhecer-se: “O que é ouvirmos-te falar de nós mesmos senão conhecermo-nos a nós mesmos?” (*Confissões* X, 3, 3) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. O que ele ama quando ama, responde por analogia com os sentidos: uma certa luz, uma certa voz, um certo perfume (X, 6, 8). A memória é a travessia, com suas planícies e seus vastos palácios (X, 8, 12), e dentro dela Agostinho encontra o limite do que sabe de si: “e eu mesmo não apreendo tudo o que sou” (X, 8, 15) [V-lat; tradução do estudo].

O que aprendeu ali não estava antes na memória: encontrou-o em quem está acima de si (X, 26, 37). E diz de si, perante Deus: “tornei-me uma questão para mim mesmo, e essa é minha doença” (X, 33, 50) [V-lat; V-pt: Mammì]. Nos *Solilóquios*, a mesma busca é oração breve: *noverim me, noverim te*, “que eu me conheça, que eu te conheça” (II, 1, 1) [V-lat; tradução do estudo]. Renato Rodrigues dos Santos divide a memória do livro X em graus e lê a última, a memória da felicidade, como memória de Deus (*Primeiros Escritos* 8, 2017).

Se a memória é o lugar do que fomos, falta dizer o que é o tempo em que fomos, e esse é o livro XI.

2.5 O tempo como distensão da alma

O livro XI parte de uma pergunta que Agostinho diz não saber responder e a leva para dentro do espírito.

Agostinho diz: “Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei” (*Confissões* XI, 14, 17) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. Sabe, porém, que o tempo só é porque “tende a não ser” [V-lat; tradução do estudo], e que foi feito com o mundo, não no tempo (*Cidade de Deus* XI, 6).

Passado e futuro não são, e o presente não se estende; resta que os tempos estejam na alma: “Existem na minha alma estas três espécies de tempo e não as vejo em outro lugar: memória presente respeitante às coisas passadas, visão presente respeitante às coisas presentes, expectação presente respeitante às coisas futuras” (*Confissões* XI, 20, 26) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. Daí a fórmula: “o tempo não é outra coisa senão extensão; mas

extensão de que coisa, não sei, e será surpreendente se não for uma extensão do próprio espírito" (XI, 26, 33) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. O latim diz *distentio animi*; o estudo verte "distensão do espírito", e a edição de Lisboa verte *distentio* por "extensão" aqui e por "dispersão" em XI, 29, 39. Jeanne Marie Gagnebin lê a *distentio*, com Ricoeur, como a tensão em sentidos opostos, luta dolorosa entre a lembrança e a expectativa, e a atenção como a tensão que é intensidade e concentração ("Dizer o tempo", 1994, pp. 33–34).

O canto que se recita mostra a estrutura. Ao recitar, "distende-se a vida desta minha ação para a memória, pelo que já disse, e para a expectação, pelo que vou dizer; mas está presente a minha atenção, por onde passa o que era futuro para tornar-se passado" (XI, 28, 38) [V-lat; tradução do estudo]. A distensão é também dor: "eis que a minha vida é uma dispersão"; a esperança é ficar "não distraído, mas atraído […] não com dispersão, mas com atenção" (XI, 29, 39) [V-lat; V-pt: Espírito Santo], onde o latim opõe o distendido ao estendido para o que está adiante. O que leva a um lugar ou a outro é o peso: *pondus meum amor meus*, "O meu peso é o meu amor; por ele sou levado aonde quer que seja levado" (XIII, 9, 10) [V-lat; tradução do estudo].

O tempo se faz no espírito que o mede, e o espírito se acha, em outro registro, diante de uma luz que o ensina de dentro.

2.6 O mestre interior e a iluminação

Nas obras do mestre e da verdade, Agostinho diz o que é aprender: ninguém ensina por fora o que se vê por dentro.

Agostinho diz de Deus, a quem buscava segundo o sentido da carne: "Tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo e mais alto do que o meu mais alto" (*Confissões* III, 6, 11) [V-lat; tradução do estudo]. É o *interior intimo meo*, "interior a meu íntimo". E de si: "E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava" (X, 27, 38) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. O convite, *noli foras ire* ("não vás para fora"), está no *De vera religione*: "volta a ti mesmo; no homem interior habita a verdade", e, ao se transcender, é uma alma que raciocina que se transcende: "Tende, pois, para onde a própria luz da razão se acende" (39, 72) [V-lat; tradução do estudo].

O *De magistro* é o diálogo da tese negativa. Sobre tudo o que entendemos, "não consultamos quem fala e soa por fora, e sim a verdade que preside, por dentro, à própria mente, advertidos talvez pelas palavras para que a consultemos. Aquele que é consultado ensina: dito que habita no homem interior, é Cristo, isto é, a Virtude imutável de Deus e a Sabedoria sempiterna, que toda alma racional consulta; mas a cada um se abre tanto quanto pode receber, por causa de sua própria vontade, má ou boa" (*De magistro* XI, 38) [V-lat; tradução do estudo]. O diálogo conclui que ninguém é mestre na terra, porque um só é o mestre de todos nos céus (XIV, 46).

Na *Trindade*, a iluminação vem no lugar da reminiscência de Platão, que Agostinho nomeia: “é antes de crer que a natureza da mente intelectual foi criada de tal modo que […] vê essas coisas numa certa luz incorpórea do seu próprio gênero, como o olho da carne vê o que o rodeia nesta luz corpórea” (*De Trinitate* XII, 15, 24) [V-lat; tradução do estudo].

Daniel Rodrigues da Costa expõe a leitura de Gilson, que o autor chama de “regulacionista”: a iluminação regula o caráter necessário dos conhecimentos, e não o seu conteúdo (*Kriterion* 146, 2020, pp. 363–380). Moacyr Novaes lê a interioridade da alma a partir de uma interioridade primeira, a de Deus, e a inspeção da alma como transformação da alma em “abrigo da verdade” (*Analytica* 7(1), 2003, pp. 98–99); o “abrigo” é dele, e não o Abrigo do cânon.

Quem aprende vê; mas a vontade pode voltar-se para outro lado, e é aí que Agostinho pergunta de onde vem o mal.

2.7 O mal como privação e a causa deficiente

Agostinho pergunta de onde vem o mal e responde que o mal não é coisa; o que resta é o movimento de uma vontade.

Agostinho diz: “Logo, tudo o que é é bom, e o mal, de que procurava a origem, não é substância, porque se fosse substância seria bom” (*Confissões* VII, 12, 18) [V-lat; V-pt: Mammì]. Quanto à iniquidade, não achou uma substância, mas a perversão da vontade que se desvia da suprema substância rumo ao ínfimo (VII, 16, 22). É a *privatio boni*, “privação do bem”: “E o que é, afinal, o que se chama mal, senão a privação do bem?”; “Logo, não pode haver mal a não ser algum bem” (*Enchiridion* 11 e 13) [V-lat; tradução do estudo]. A tese não dissolve o mal: o que Agostinho mantém real é a perversão da vontade [leitura do estudo].

A vontade peca ao se afastar do que não muda: “A vontade, porém, afastada do bem imutável e comum e voltada para o bem próprio, ou exterior, ou inferior, peca”, e esse afastamento e essa conversão “não são forçados, mas voluntários” (*O livre-arbítrio* II, 19, 53) [V-lat; tradução do estudo]. De onde vem o movimento? Agostinho diz não saber, porque não se pode conhecer o que é nada (II, 20, 54). Daí a causa deficiente: “Ninguém procure, pois, a causa eficiente da vontade má; ela não é eficiente, mas deficiente”, e querer achá-la “é como querer ver as trevas ou ouvir o silêncio” (*Cidade de Deus* XII, 7) [V-lat; tradução do estudo]. O furto das peras é o caso extremo: “amava perecer, amava minha queda, não aquilo pelo qual caía, mas minha própria queda eu amava” (*Confissões* II, 4, 9) [V-lat; V-pt: Mammì].

Há ainda a ordem do todo. “E não há absolutamente mal algum para ti; não apenas para ti, mas tampouco para o universo que criaste” (*Confissões* VII, 13, 19) [V-pt: Mammì]. E: “a beleza do mundo se compõe, por uma eloquência não de palavras, mas de coisas, da oposição dos contrários” (*Cidade de Deus* XI, 18) [V-lat; tradução do estudo].

Gillian Evans escreveu o estudo clássico da *privatio* e da causa deficiente (*Augustine on Evil*, 1982) [tese a confirmar]; Ricoeur mede o preço da coerência dessa doutrina (ver 3.3). Agostinho conhece também o mal sofrido, o luto do amigo (*Confissões* IV, 4–9) e a morte da mãe (IX, 12), que o capítulo 4 retoma.

Se a vontade perversa não tem causa que a explique, resta saber o que a cura, e é aí que Agostinho fala de graça.

2.8 A graça, o mérito e a eleição

Nas obras contra os pelagianos, Agostinho diz que a vontade ferida só é curada por um dom, e disso tira uma doutrina da eleição que o capítulo registra com a letra inteira.

A oração vem antes da polêmica: *da quod iubes et iube quod vis*, "Concede o que ordenas, e ordena o que queres" (*Confissões* X, 29, 40) [V-lat; V-pt: Mammì]. No *Enchiridion*, o homem que usa mal o livre-arbítrio perde a si mesmo e a ele (30). A cura é um deleite que se infunde: "A graça é, em verdade, o dom do Espírito Santo, pelo qual se faz no ânimo do homem o deleite e o amor do Sumo Bem" (*De spiritu et littera* 3, 5) [V-lat; tradução do estudo]. A graça não substitui a vontade: muda o que ela deseja [leitura do estudo].

O mérito é dom: "Deus não coroa os teus méritos como teus méritos, mas como dons seus" (*De gratia et libero arbitrio* 6, 15) [V-lat; tradução do estudo]. E a ação divina não dispensa a nossa: "Aquele que te fez sem ti não te justifica sem ti. Fez-te sem que o soubesses; justifica-te se o queres" (*Sermão* 169, 11, 13) [V-lat; tradução do estudo].

A eleição vem da *massa*. "Todos os homens são, pois, […] uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina; e, quer o suplício seja exigido, quer perdoado, não há iniquidade"; Deus a ninguém força a pecar, "mas somente deixa de dar a alguns que pecam a misericórdia de sua justificação" (*Ad Simplicianum* I, 2, 16) [V-lat; tradução do estudo]. E, no *Enchiridion*, jazia nos males "a massa condenada de todo o gênero humano" (*massa damnata*) (27) [V-lat; tradução do estudo].

A tradição lê de dois modos. Uma leitura da tradição agostiniana e tomista, cujo autor o estudo não conferiu, vê aí a justiça gratuita de Deus, que pode perdoar ou exigir sem iniquidade, e a base de toda graça gratuita [tese a confirmar]. A outra a vê como a dificuldade clássica: a divisão entre quem recebe e quem não recebe, sem critério que o homem alcance, foi a objeção de Pelágio e dos semipelagianos de Marselha, e é a que John Rist e James Wetzel pesam [tese a confirmar]. A letra fica dita como está, sem atenuar e sem acusar.

A predestinação e o número dos eleitos vêm em 2.11; antes, o que Agostinho diz do povo em que isso se dá.

2.9 As duas cidades, a paz e a peregrina

Na *Cidade de Deus* Agostinho diz que o que se ama separa os povos, e que a cidade peregrina se serve da ordem comum sem se confundir com ela.

Agostinho abre a obra pela Cidade de Deus que faz a sua peregrinação no meio dos ímpios, vivendo da fé (*Cidade de Deus* I, prefácio). O que separa as cidades é o amor: "Dois amores fizeram as duas cidades: o amor de si até ao desprezo de Deus — a terrestre; o amor de Deus até ao desprezo de si — a celeste" (XIV, 28) [V-lat; V-pt: Dias Pereira]. E o povo se conhece pelo que ama: "Povo é a reunião de uma multidão racional, associada pela concorde comunhão das coisas que ama" (XIX, 24) [V-lat; tradução do estudo]. Marcos Roberto Nunes Costa nota que a Cidade de Deus aparece identificada com a Igreja e a terrena com o Império, mas que "Agostinho adverte que estes termos não são sinônimos" (*Veritas* 43(4), 1998).

A paz da cidade é a da ordem: "a paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem. A ordem é a disposição que dá a cada uma das coisas, iguais e desiguais, o lugar que lhe é próprio" (XIX, 13, 1) [V-lat; tradução do estudo]. A cidade peregrina vive nela: "chama cidadãos de todas as nações e reúne, em todas as línguas, uma sociedade peregrina", sem se importar com o que há de diverso nos costumes e nas leis. Serve-se da paz terrena e a refere à celeste, mas só "na medida em que isso se concede salvando a piedade e a religião" (XIX, 17) [V-lat; tradução do estudo]. A vida social não é fuga: o juiz sábio se senta mesmo nas trevas da vida social, e a sua miséria é de homem, não malícia de sábio (XIX, 6).

Abaixo das cidades está a distinção entre *uti* e *frui*, "usar" e "fruir": "Fruir é aderir a uma coisa por amor, por ela mesma. Usar, porém, é referir o que veio ao uso a obter aquilo que se ama" (*De doctrina christiana* I, 4, 4) [V-lat; tradução do estudo]. O justo é o que tem ordenada a dileção: não ama o que não deve ser amado, nem deixa de amar o que deve, nem "ama mais o que deve ser amado menos" (I, 27, 28). A fórmula *ordo amoris*, "ordem do amor", é da tradição; a letra dela é de *Cidade de Deus* XV, 22, livro que o estudo não abriu [tese a confirmar].

As cidades vivem entre corpos, e o que Agostinho diz do corpo é o que vem agora.

2.10 O corpo, a carne e a ressurreição

Contra os maniqueus e contra os platônicos, Agostinho diz que a carne não é a causa do pecado, e pensa a ressurreição com o corpo.

Agostinho diz: "E não foi a carne corruptível que tornou pecadora a alma" (*Cidade de Deus* XIV, 3, 2) [V-lat; V-pt: Dias Pereira], mas a alma pecadora que fez corruptível a carne [tradução do estudo]. Os platônicos não desvairam como os maniqueus, a ponto de detestar os corpos terrenos como natureza má, e mesmo assim atribuem ao corpo as doenças da alma; Agostinho recusa: "Não é preciso, pois, em nossos pecados e vícios, acusar a natureza da carne, com injúria ao Criador, ela que no seu gênero e ordem é boa"

(XIV, 5) [V-lat; tradução do estudo]. Os afetos são movimentos de um só amor: “A vontade reta é, pois, bom amor, e a vontade perversa, mau amor” (XIV, 7, 2) [V-lat; tradução do estudo]. E, enquanto se carrega a fraqueza desta vida, “se não tivéssemos afetos de modo algum, viveríamos antes não retamente” (XIV, 9, 4) [V-lat; tradução do estudo].

A ressurreição é com o corpo. A visão final, Agostinho a pensa com ele, e declara o limite: se Deus se verá também pelos olhos do corpo é questão aberta, porque falamos de coisa não experimentada (XXII, 29, 3–4); o fim da cidade é ver, amar e louvar, no fim sem fim (XXII, 30, 5). São passos sobre o fim dos tempos, citados como posição de Agostinho, e não como doutrina do estudo; nenhum intérprete foi aberto sobre este ponto.

Da carne que ressuscita passa-se ao que Agostinho deixa, e aí a letra pesa.

2.11 O que ele deixa: a coerção, a mulher, a predestinação

Há três pontos em que a letra de Agostinho pesa; o capítulo os põe como estão, com as duas leituras que a tradição faz de cada um, sem desculpa de época e sem acusação anacrônica.

A predestinação é, para Agostinho, isto: “Esta é a predestinação dos santos, e nada mais: a presciência e a preparação dos benefícios de Deus, pelos quais com toda a certeza são libertados quantos são libertados. Os demais, onde ficam senão na massa de perdição, por justo juízo divino?” (*De dono perseverantiae* 14, 35) [V-lat; tradução do estudo]. “O número dos eleitos é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” (*De correptione et gratia* 13, 39) [V-lat; tradução do estudo].

Quanto ao querer de Deus: “quando ouvimos e lemos nas Letras Sagradas que ele quer que todos os homens se salvem, ainda que seja certo para nós que nem todos os homens se salvam, não devemos por isso tirar algo à vontade do Deus onipotente, mas entender o que está escrito como se se dissesse que nenhum homem se salva senão aquele que ele mesmo quis que se salvasse” (*Enchiridion* 103) [V-lat; tradução do estudo]. Uma leitura, cujo autor o estudo não conferiu, vê na predestinação a consolação de quem crê e, no dever de corrigir, a prova de que ninguém sabe quem está no número; a outra vê o ponto em que o Agostinho tardio é contestado pelos monges de Hadrumeto e de Marselha, e nota que um número fechado parece tornar irrelevante o esforço dos demais [tese a confirmar].

A coerção tem uma data e uma mudança de opinião. Agostinho diz: “Pois minha primeira opinião era que ninguém devia ser forçado à unidade de Cristo; que se devia agir pela palavra, combater pela discussão, vencer pela razão, para não termos católicos fingidos, a quem conhecíamos como hereges declarados. Mas essa minha opinião foi superada, não pelas palavras dos que a contradiziam, mas pelos exemplos dos que a demonstravam” (*Carta* 93, 5, 17) [V-lat; tradução do estudo]. E na *Carta* 185: “Naqueles que primeiro foram trazidos com brandura cumpriu-se a primeira obediência; nestes,

porém, que são forçados, a desobediência é coibida", e dos donatistas diz que "a quantos forçam, não forçam senão ao mal" (185, 6, 24) [V-lat; tradução do estudo].

Peter Brown descreve a mudança como efeito da experiência (*Journal of Roman Studies* 54, 1964, pp. 107–116) [tese a confirmar]; John Rist pesa as intenções dos bispos que aplicam a coerção, pois o texto supõe caridade em quem pune [tese a confirmar]; e uma leitura posterior, sem autor conferido, recusa a exegese de *cogite intrare* ("forçai-os a entrar") e prefere "compelir pela persuasão" [tese a confirmar].

A mulher tem, na mesma página, duas faces. A imagem de Deus está na mente, que não tem sexo: "o homem foi feito à imagem de Deus, onde não existe sexo, isto é, no espírito da sua mente" (*De Trinitate* XII, 7, 12) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. E, no mesmo parágrafo, o corpo feminino figura a parte da razão voltada ao temporal: "Mas, porque se distingue do homem pelo sexo do corpo", pôde "com razão ser figurada, no seu véu corporal, aquela parte da razão que se inclina a governar as coisas temporais", parte que têm "não só os homens, mas também as mulheres" (XII, 7, 12) [V-lat; V-pt: Espírito Santo; tradução do estudo]. A ressurreição conserva o sexo: "Não é vício o sexo feminino, mas natureza" (*Cidade de Deus* XXII, 17) [V-lat; tradução do estudo]. Nenhum intérprete foi aberto sobre este ponto; qual das duas faces pesou na leitura de cada casa é matéria do capítulo 5.

Declaradas as fronteiras, resta dizer o que o leitor do cânon leva da exposição.

2.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui

O que os capítulos 3 e 4 testarão fica aqui nomeado, sem desenvolvimento; a letra do cânon só marca lugar.

O leitor leva de Agostinho a inquietude e o peso que leva ao lugar; a luz imutável vista e não segurada; a vontade dividida como doença e o hábito que acorrenta; a memória em que o eu não cabe; o tempo como distensão do espírito, com três presentes; o mestre interior consultado por dentro; o mal como privação e a causa deficiente, junto da ordem do todo; a graça como dom que precede o mérito, e a eleição pela massa; as duas cidades e a peregrina; o corpo bom e a ressurreição com corpo; e, no que deixa, a massa condenada, o número dos eleitos, a coerção e a mulher de duas faces.

Do lado do cânon, só se aponta. A Origem toma dele a imagem da ocasião: "como a voz que dizia tolle, lege no jardim de Agostinho" (Cânon v1.2, "Origem"). O Tratado da Luz Interior lhe dá o *interior intimo meo*, o *noli foras ire* e o "mestre interior" que "ensina antes de qualquer voz externa", e diz que dele vem ao Pilar I a "principal herança": "o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"; ver 3.1). O Tratado traz o *interior intimo meo* sem a metade que diz "mais alto", e o mestre interior sem Cristo e sem a palavra "iluminação" [leitura do estudo]. A Disputatio lhe toma a "privação do bem" (Disputatio, 2, "Sed contra"; ver 3.3). E o

cânon deixa o nome da Luz a cada pessoa: “seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1). Quem lê com Agostinho pode dar à Luz o nome que a sua fé lhe dá; o estudo para aí.

Dois verbos da letra o capítulo 3 conferirá: o mestre interior “se abre” a cada um (*De magistro* XI, 38) e a luz da razão “se acende” (*De vera religione* 39, 72), enquanto o cânon diz que “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”) [leitura do estudo].

Os homônimos ficam avisados: luz, interior, mestre, memória, tempo, vontade, graça, conversão, cidade, paz, hábito, bem e abrigo valem em Agostinho o que ele lhes dá e, no cânon, outra coisa, quando valem. “A luz imutável” é a de Agostinho; “a Lux” é a de cada pessoa, e a Luz fica sem nome. O cânon não tem mestre nem “graça”, e só tem “vontade” em uso comum. O hábito que acorrenta, a *consuetudo*, não é o hábito que encobre, do Tratado, nem o que forma, do Estudo XI. “Abrigo”, em Novaes, é a alma que abriga a verdade, não o Abrigo do cânon. “Paz” é a de *Cidade de Deus* XIX, 13, e o estudo não lhe procura contraparte no cânon.

Três decisões do fundador cercam a exposição. A n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, tomada sobre Platão: “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”. A n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, que leu a voz do outro “em mim” como a própria Luz e, segundo o Estudo X (6.3), não foi estendida ao mestre interior de Agostinho. E a n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, que entre os pontos não adotados diz: “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”; o Estudo X (6.3) a lê como a pergunta sobre Platão por trás dele. Este estudo trata o mestre interior pela letra do Tratado e faz a sua própria pergunta, sem atribuí-la ao X; ela fica indecidida, nem decidida nem recusada.

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) três coisas que o capítulo 4 formula: se a decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, tomada sobre o sol de Platão, cobre a luz imutável de Agostinho como estrutura, sem que Deus seja nome da Luz, ou se Agostinho pede decisão própria; se o mestre interior que o Tratado da Luz Interior ouve a propósito de Agostinho fica como herança nomeada ou como estrutura sem nome; e se a fronteira da *massa damnata* consta como fronteira da série, diante da massa condenada de 1.8. Com isso na mão, o capítulo 3 procura onde as duas doutrinas se tocam.

3 ONDE NOS TOCAMOS

Toque não é identidade. O cânon nomeia Agostinho em poucos lugares, e o capítulo começa por eles, porque aqui o toque é de letra, e não só de estrutura: a Origem toma dele a voz do jardim, o Tratado da Luz Interior lhe deve o *interior intimo meo* (“mais interior do que o meu íntimo”), o *noli foras ire* (“não saias para fora”) e o “mestre interior”, e a Disputatio, a privação do bem (Cânon v1.2, “Origem”; Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; Disputatio, 2, “Sed contra”). Nas Meditações, nos outros dois Tratados e nas decisões de 17/10/2026 e de 19/10/2026 o nome não aparece. O Tratado da Luz Interior diz que o Lumen Fluens “dialoga com três deles sem se filiar a nenhum de modo exclusivo” e abre quatro parágrafos, Agostinho, Tomás, Heráclito e o personalismo; o estudo registra a conta e não a corrige.

A Ficha do Estudo III põe numa linha só “Agostinho, interior intimo meo” [Ficha, não cânon]. As seções 2.1 a 3.3 e 3.8 seguem os lugares da letra; as seções 2.4 a 3.7 acrescentam quatro aproximações que o cânon não faz e que são do estudo. Três palavras mudam de dono. “A Lux” é a luz de cada pessoa no cânon; “a luz imutável” é a de Agostinho (*Confissões* VII, 10, 16; ver 2.2). “Interior” é o homem interior de um lado e a luz interior do outro. “Mestre” é palavra do Tratado, dita a propósito de Agostinho, e o cânon não tem mestre. O cânon deixa a Luz sem nome, e este capítulo também: quem lê com Agostinho pode dar à Luz o nome que a sua fé lhe dá, e o estudo para aí [leitura do estudo].

3.1 O mestre interior e a luz que se revela

Agostinho diz que nenhuma palavra de fora ensina a coisa, e o Tratado da Luz Interior ouve nisso a principal herança do Pilar I; a seção confere o que a letra do Tratado tem desse mestre e o que não tem.

Agostinho diz, no *De magistro*, que as palavras só servem para “advertir-nos que busquemos as coisas, não exibi-las para que as conheçamos” (*De magistro* XI, 36) [V-lat; tradução do estudo]. O que entendemos, não o consultamos em quem fala por fora, e sim na verdade que preside à mente por dentro: “Aquele que é consultado ensina” (*De magistro* XI, 38; a passagem inteira está em 2.6) [V-lat; tradução do estudo], e esse, diz ele, é Cristo, que habita no homem interior. O ouvinte aprende “pelas próprias coisas, tornadas manifestas, abrindo Deus por dentro” (*De magistro* XII, 40) [V-lat; tradução do estudo]. A tradição lê o passo como o centro da doutrina do mestre interior: segundo o verbete “Augustine of Hippo” da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, “a cognição não resulta simplesmente da presença de Cristo na nossa alma, mas do nosso ‘consultar’ o mestre interior” (§5.2) [V-en; tradução do estudo].

O cânon responde pela letra do Tratado: “A imagem agostiniana da luz interior — presente também no célebre tratado De Magistro, onde o ‘mestre interior’ ensina antes de qualquer voz externa — oferece ao Pilar I sua principal herança: o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). O Pilar diz que “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”), e “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui” (Tratado da Luz Interior, “Definição”). Diante do outro, a reserva é a mesma: “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la” (decisão n.º 3 de 17/10/2026), e “O olhar do outro apenas vê” (decisão n.º 3 de 19/10/2026).

A direção e a reserva são comuns: a verdade que se busca está dentro, e nenhuma voz de fora a fabrica; as palavras de Agostinho só advertem, e o olhar do outro, no cânon, apenas vê [leitura do estudo].

Três coisas separam os dois mestres. Primeiro, o mestre de Agostinho ensina, e revelar não é ensinar; o Tratado diz só que ele ensina “antes de qualquer voz externa”, sem Cristo, sem consulta e sem “iluminação”, palavra que nenhuma fonte do cânon traz [leitura do estudo]. Segundo, o cânon não tem mestre: “o Abrigo revela e nada exige” (decisão n.º 3 de 19/10/2026). Terceiro, o mestre interior não é, por decisão alguma, a Lux, a voz do outro “em mim” ou a Bússola. A decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX leu a voz do outro “em mim” como a própria Luz; a n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X estendeu a leitura ao veto da Bússola; e o Estudo X (6.3) diz que não a estendeu ao mestre interior. A n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, entre os pontos não adotados, diz que “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”.

Agostinho diz que o consultado é Cristo (*De magistro* XI, 38); o Tratado da Luz Interior não o diz, e o estudo para aí. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o mestre interior, que o Tratado ouve a propósito de Agostinho, fica como herança nomeada, como está, ou como estrutura sem nome; o Estudo IX (5.3) o deixou sem decisão.

Se o mestre está dentro e antes, falta ver como Agostinho situa o que ele consulta, na fórmula que o Tratado põe primeiro (3.2).

3.2 *Interior intimo meo* e o valor anterior ao mérito

Agostinho confessa ter buscado fora o que estava dentro, no lugar de onde a busca partia, e o Tratado toma dessa confissão uma anterioridade; a seção mede o parentesco entre “mais interior do que o meu íntimo” e “anterior a qualquer conquista”.

Agostinho diz de Deus, a quem buscava segundo o sentido da carne, que era *interior intimo meo*, “mais interior do que o meu íntimo” (*Confissões* III, 6, 11; ver 2.6), e, no livro X, a inversão vem em primeira pessoa: o buscado estava “dentro de mim e eu fora” (*Confissões* X, 27, 38; ver 2.6). O buscado estava dentro e acima ao mesmo tempo, e estava

antes da busca. Moacyr Novaes lê o dentro como derivado: a interioridade da alma só se entende a partir de uma interioridade primeira, a de Deus (*Analytica* 7(1), 2003, pp. 98–99) [paráfrase]. O “abrigo da verdade” de que ele fala (Novaes, ver 2.6) é homônimo do Abrigo do cânon.

O cânon responde com a letra do Tratado: “Agostinho, nas Confissões, descreve Deus como interior intimo meo — mais interior a mim do que o que há de mais íntimo em mim”, e a verdade que ele buscava fora “ele a encontra voltando-se para dentro: noli foras ire, in te ipsum redi; in interiore homine habitat veritas — não saias para fora, volta para dentro de ti mesmo; é no homem interior que habita a verdade” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). Do lado do valor: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”); “Um recém-nascido ainda não conquistou nada e já o tem” (Catecismo, 6).

Duas anterioridades aproximam as letras. A primeira é a do buscado sobre a busca: em Agostinho, o que se procura já estava dentro, de onde a busca saiu; no Tratado, “anterior a toda busca”. A segunda é a do dom sobre o mérito: Agostinho diz, nas obras da graça, que Deus coroa os méritos como “dons seus” (*De gratia et libero arbitrio* 6, 15; ver 2.8), e o cânon diz valor antes de conquista. A estrutura comum é só a ordem, antes e depois, com o esforço depois [leitura do estudo].

Separam-nas quem dá e quanto se carrega da fórmula. O Tratado leva metade dela: não traz o “mais alto” da frase de Agostinho, e “acima” e “iluminação” não ocorrem nas fontes do cânon. O cânon diz “dada” sem dizer por quem, e diz “valor”, palavra que não está nestes passos de Agostinho. O nome fica para 4.1, e a dádiva que Agostinho dá a alguns e não a todos, para 3.2.

Dos três lugares em que o cânon toma algo de Agostinho, o terceiro é o mais estreito: uma só frase da Disputatio (3.3).

3.3 A privação do bem e a Disputatio

A Disputatio invoca Agostinho num só lugar, para dizer que o mal não é substância; a seção confere o que Agostinho diz com o que a Disputatio toma, e responde à tarefa que o Estudo IX deixou: se a privação se toma sem a história penal.

Agostinho diz que o mal, de que procurava a origem, “não é substância”, porque tudo o que é, é bom (*Confissões* VII, 12, 18; ver 2.7). No *Enchiridion*, o que se chama mal é a “privação do bem”, e não pode haver mal sem algum bem (*Enchiridion* 11 e 13; ver 2.7). Paul Ricoeur lê aí um preço: “todo mal é ou peccatum (pecado) ou poena (pena)” (*O mal*, edição espanhola, p. 38) [V-es via secundária: Estudo IX, 5.3].

O cânon responde com uma frase da Disputatio: “Agostinho já sustentava que o mal não é substância, mas privação do bem (privatio boni): dizer que a luz persiste não é negar a realidade do mal, é negar que o mal seja capaz de ditar a última palavra sobre o que uma

pessoa vale” (Disputatio, 2, “Sed contra”). Agostinho entra como tese atribuída: a Disputatio não traz dele aspas, obra, livro ou capítulo. Ela foi debatida em julho de 2026, antes da distinção entre a noite e o lobo (Disputatio, “Nota da edição”).

A aproximação é de letra, e é estreita. Nos dois, a privação serve para limitar o poder do mal: em Agostinho, o mal precisa de um bem em que viver; na Disputatio, o mal não dita o que a pessoa vale [leitura do estudo]. Quanto à tarefa do Estudo IX, a Disputatio toma a privação sem a história penal: nenhuma pena, castigo ou ordem na letra, e o Tratado da Vigília deixa fora do alicerce a tese de que “o sofrimento paga uma culpa” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). Em Agostinho, a privação e a pena andam em textos vizinhos: o afastamento do bem imutável, por ser voluntário, tem como consequência, “digna e justa, a pena da miséria” (*De libero arbitrio* II, 19, 53) [V-lat; tradução do estudo]. A privação pode ser tomada sem a pena, e Agostinho nem sempre a toma assim [leitura do estudo].

Duas coisas as separam. A privação diz o que o mal é; a noite e o lobo dizem como ele se dá [leitura do estudo]: “A fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa: a noite é o que não se causou, o lobo o que se causou” (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). E a Disputatio não leva “causa deficiente” nem “ordem”, palavras da *Cidade de Deus* e do *De ordine*; o capítulo 4 as retoma (4.6).

Da privação, que diz o que o mal é, passa-se ao tempo, que o cânon divide em três ritmos (3.4).

3.4 Os três presentes e os três ritmos

Agostinho diz que o tempo tem três presentes na alma, e o cânon divide o dia em três ritmos; a seção propõe uma correspondência como leitura do estudo e mede quanto a letra a sustenta.

Agostinho diz que as três espécies de tempo existem na alma: “memória presente […] expectação presente” (*Confissões* XI, 20, 26; ver 2.5). Adiante, o espírito faz “três operações: a expectativa, a atenção e a memória” (*Confissões* XI, 28, 37) [V-lat; V-pt: Espírito Santo], e a atenção é aquela “por onde passa o que era futuro para tornar-se passado” (XI, 28, 38; ver 2.5). A fórmula é *distentio animi*, “distensão do espírito” (*Confissões* XI, 26, 33) [V-lat; tradução do estudo]; a edição de Lisboa verte *distentio* por “extensão”. Jeanne Marie Gagnebin, lendo com Ricoeur, vê nela a luta entre lembrança e expectativa (“Dizer o tempo”, 1994, pp. 33–34; ver 2.5) [paráfrase].

O cânon responde com três ritmos e um pilar. Acender: “Definir a única coisa que hoje não pode ficar sem luz.” Portar: “voltar ao corpo e ao lugar presente. Diante de cada mudança inesperada, perguntar: que mensagem carrego através disto?” Examinar: “Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário”). E o Flumen: “o que recebi que me trouxe até aqui? O

que estou deixando para quem vem depois?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Prática”).

A leitura que o estudo propõe: o Examinar é o ritmo do passado, a única palavra do dia que olha para trás; o Portar, o do presente, “lugar presente”; o Acender, o do que vem, porque define o que hoje não pode faltar [hipótese do estudo]. A letra sustenta pouco. “Memória” e “distensão” não ocorrem nas fontes do cânon; “atenção” só aparece no Corpus (“caminhar com atenção”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Prática”), fora a voz de Weil no Tratado da Vigília, e não no Portar; se há ponte para a atenção, ela passa por ali [hipótese do estudo]. O ritmo diário não tem palavra de futuro; o “quem vem depois” é do Flumen e do Legado.

Os três presentes são uma teoria de como o tempo está na alma, e os três ritmos são três horas de um dia; o cânon tem “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”) e nenhuma teoria do tempo [leitura do estudo]. A *distentio* é também dilaceração: “eu dispersei-me nos tempos, cuja ordem ignoro” (*Confissões* XI, 29, 39) [V-lat; V-pt: Espírito Santo], e os ritmos não dizem dispersão. O tempo da alma e o rio da história ficam para 3.5. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se a correspondência entra como glossário ou fica como leitura.

Se o Examinar é o ritmo que olha para trás, falta ver o que Agostinho diz de olhar para trás: a memória (3.5).

3.5 A memória e o Examinar

Agostinho faz da memória o lugar onde não cabe inteiro o que ele é, e o cânon fecha o dia com duas perguntas; a seção mede o que o Examinar e a Revisão do rio guardam do exame de si, sem a palavra “memória”, que o cânon não tem.

Agostinho diz que não apreende “tudo o que sou” (*Confissões* X, 8, 15; ver 2.4). Confessar tem destinatário: ouvir de Deus o que se diz de nós é conhecer-nos a nós mesmos (*Confissões* X, 3, 3; ver 2.4). Das *Retractationes*, em que reexaminou a própria obra, o estudo guarda só a existência [paráfrase; localização a confirmar]. Fábio Scherer lê memória e interioridade como os dois temas das *Confissões* (*Controvérsia* 2(2), 2006, pp. 34–42) [paráfrase].

O cânon responde: “Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas: onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”). “O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta e onde apareceu sem obstáculo” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). A Revisão do rio pede: “nomear: o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação”). E a decisão n.º 9 de 19/10/2026 diz: “O dano que não se quis entra no Examinar”, e anuncia redação futura.

Aproxima-os um exame de si que não se esgota. Agostinho não apreende tudo o que é, e a decisão n.º 9 de 19/10/2026 faz o Examinar olhar também o mal que o existir causa sem intenção; o estudo não escreve que o Examinar já o contém [hipótese do estudo]. Que a Revisão do rio seja parente leve das *Retractationes* é hipótese do estudo, e a escala difere: três meses de uma pessoa, e uma obra inteira.

Separam-nos o objeto do exame e o interlocutor. A memória de Agostinho guarda o que ele não sabe de si; o Examinar pergunta onde a luz ficou coberta, que é pergunta de visibilidade. A confissão é diante de Deus e dos homens, e a letra do Examinar não nomeia interlocutor.

Do exame de si passa-se ao que se deve aos outros: a peregrina e o rio (3.6).

3.6 A peregrina, a vida social e as Águas Comuns

Agostinho diz que a cidade peregrina vive entre instituições que não são dela, e o cânon que ninguém navega um rio privado; a seção mede o parentesco entre os dois modos de habitar o que não se possui.

Agostinho diz que a cidade celeste, enquanto peregrina na terra, reúne "uma sociedade peregrina", "sem se importar com o que há de diverso nos costumes, nas leis e nas instituições com que a paz terrena se busca ou se mantém" (*Cidade de Deus* XIX, 17; ver 2.9) [V-lat; tradução do estudo]. O uso é condicional: só "na medida em que isso se concede salvando a piedade e a religião" (*Cidade de Deus* XIX, 17; ver 2.9).

O cânon responde: "Ninguém navega um rio privado. […] devo ao rio o próprio fluxo: manter as águas passáveis — não represar, não envenenar, não desviar a correnteza para o meu moinho" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). "Águas comuns, e não comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono" (Tratado das Águas Comuns, "Definição"). "A luz é pessoal, nunca individual", e "Quem privatiza o fluxo apaga a própria margem" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). "O rio do cânon é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"); a frase é desse Tratado, dita a propósito de Arendt, e não do Cânon.

Aproxima-os o modo de habitar o que não se possui, sem tomá-lo: a peregrina serve-se das leis diversas sem se importar com elas, e a pessoa deve ao rio "manter as águas passáveis", em três negativas [hipótese do estudo]. Nos dois, a vida em comum é condição, e não refúgio.

Separa-os muito: o cânon não tem "cidade", "povo", "peregrino" nem "pátria", e recusa dar ao rio um dono. Agostinho define o povo pelo que ama, na "concorde comunhão das coisas que ama" (*Cidade de Deus* XIX, 24; ver 2.9), e dá à cidade um fim, que as águas passáveis não têm. A coerção, onde o rio se separa da cidade, fica para 3.7.

Da vida em comum passa-se ao corpo que a leva e ao Corpus (3.7).

3.7 O corpo contra os platônicos e o Corpus

Agostinho recusa que a carne seja a causa do pecado, e o Corpus diz que o corpo é instrumento do espírito; a seção mede o parentesco, que o estudo lê como hipótese forte, e o que o Corpus não diz.

Agostinho diz, contra os platônicos, que a alma pecadora fez corruptível a carne, e não a carne corruptível pecadora a alma (*Cidade de Deus* XIV, 3, 2; ver 2.10). Não é preciso, “em nossos pecados e vícios, acusar a natureza da carne”, que “no seu gênero e ordem é boa” (*Cidade de Deus* XIV, 5; ver 2.10). O mesmo capítulo reconhece que da corrupção da carne vêm “estímulos dos vícios” (*Cidade de Deus* XIV, 3, 2) [V-lat; tradução do estudo]. Nenhum intérprete foi aberto sobre este ponto.

O cânon responde: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio”). A decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X diz: “Só templo: o corpo não encobre a luz”.

Como hipótese forte, a aproximação é esta: contra Platão, Agostinho está do lado do templo, porque a carne não causa o pecado e a sua natureza é boa; o Corpus põe o corpo como instrumento [hipótese do estudo]. A decisão n.º 6 foi tomada sobre Platão, e o estudo não a estende a Agostinho. Agostinho também não é “só templo”: a corrupção da carne dá estímulos. O Corpus não diz “alma”, “pecado” nem “ressurreição”, e “carne” aparece uma só vez na letra do cânon, em “celebrar na carne” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”). “Encarnada” é adjetivo do Corpus, e a Encarnação do Verbo (“o Verbo se fez carne”, *Confissões* VII, 9, 14) [V-lat; tradução do estudo] é de Agostinho: o estudo não a leva ao Corpus. O sexo e a mulher em Agostinho (*De Trinitate* XII, 7, 12) ficam para o capítulo 2 e para 3.8. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o corpo de Agostinho contra os platônicos entra como aliado do Corpus na Ficha do Estudo III.

Resta a ocasião: a voz do jardim, que a Origem nomeia (3.8).

3.8 O *tolle, lege* como ocasião

A Origem toma de Agostinho uma analogia, e só ela; a seção confere o que a analogia diz e o que Agostinho conta do jardim, e deixa ao capítulo 4 o que o jardim diz a mais.

O cânon diz: “[…] a ocasião, não o fundamento — como a voz que dizia tolle, lege no jardim de Agostinho, elas apenas despertaram o que já esperava para nascer. O fundamento está nas próprias ideias, e é por elas que esta filosofia pede para ser julgada” (Cânon v1.2, “Origem”). O Catecismo traduz: “como a voz que Agostinho ouviu num jardim — ‘toma e lê’” (Catecismo, 3). O parágrafo da Origem trata de uma ocasião de outra natureza, e o estudo cita dele a analogia e nada mais, pela Regra da ocasião: “nenhum texto

doutrinal cita faixas, artistas ou gêneros musicais específicos” (Cânon v1.2, Parte II, “Regra da ocasião”).

Agostinho conta a voz de uma casa próxima, que repetia “Pega, lê” (*Confissões* VIII, 12, 29; ver 2.3), e o efeito: “Não quis ler mais, nem era preciso. […] foi como se uma luz de certeza derramada no meu coração dissipasse todas as trevas da dúvida” (*Confissões* VIII, 12, 29) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar].

A aproximação é a distinção entre ocasião e fundamento: a voz despertou o que esperava, e o fundamento está nas ideias. O verbo do cânon é “despertaram”; a Origem não diz que a voz mandou, nem o que ela dizia, nem fala de conversão, de graça ou de vontade [leitura do estudo]. A analogia também não toma a “luz de certeza” de Agostinho, que é homônimo da Lux.

A distância fica com o capítulo 4: para Mammì, na leitura do prefácio, a decisão é dádiva (ver 2.3); o Estudo X (5.2) lê que a voz do jardim impele, e a Bússola só veta (ver 4.4).

4 ONDE NOS SEPARAMOS

O capítulo 3 mostrou onde a letra de Agostinho e a do cânon se tocam; este mostra onde se separam, sem diminuir nenhuma das duas. Cada fronteira vem com o que Agostinho diz, com o que a tradição lê e com o que o cânon responde, quando responde: há fronteiras em que Agostinho diz mais do que o cânon pode dizer sem nomear, e há aquelas em que o cânon não tem texto. O estudo propõe e pergunta. As perguntas ao fundador vêm em parágrafos próprios, e as decisões citadas valem como palavra dele e não se reabrem.

4.1 Deus e a Luz sem nome: o que a letra autoriza

Esta seção mede o que a letra do cânon permite dizer quando se lê com Agostinho, e o que ela deixa a cada leitor.

A luz imutável que Agostinho viu ao entrar em si (*Confissões* VII, 10, 16; ver 2.2) é, diz ele, superior à sua mente por origem, porque foi ela que o fez [paráfrase]. A fórmula que reúne o dentro e o alto vinha de antes (*Confissões* III, 6, 11; ver 2.6): Deus é *interior intimo meo*, “mais interior do que o meu íntimo” [V-lat; tradução do estudo]. E ele nomeia aquilo a que se dirige: “Deus luz inteligível, em quem, de quem e por quem brilham inteligivelmente todas as coisas que brilham inteligivelmente” (*Solilóquios* I, 1, 3) [V-lat; tradução do estudo]. Para Agostinho, a luz imutável é Deus.

A tradição lê por mais de um caminho. Moacyr Novaes sustenta que a interioridade da alma só se entende a partir de “Deus como máxima interioridade” (*Analytica* 7(1), 2003, p. 98) [V-pt: Novaes]. Que Agostinho chame de Deus a luz que vê não está em disputa; o modo como ela se articula com o conhecer, o estudo não decide.

O cânon responde com a Independência confessional: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”).

O Tratado da Luz Interior traz de Agostinho o *interior intimo meo* e deixa a origem fora do que toma: o ponto comum entre as vozes “não é a origem que cada um atribui à luz — questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional — mas a estrutura: há algo na pessoa anterior ao seu desempenho” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A letra do Tratado não traz o *superior summo meo*, a metade da fórmula que fala do alto, nem “iluminação”, nem “acima”. O fundador decidiu, sobre Platão, que “o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz” e que “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X).

A letra autoriza quem crê, e lê com Agostinho, a dar à Luz o nome que a fé lhe dá (“para o cristão, é o próprio Deus”); não autoriza o estudo a dá-lo. O estudo escreve “quem lê com Agostinho pode…” e para aí [leitura do estudo]. Resta a estrutura, e dela Agostinho

diz mais do que o cânon pode dizer sem nomear: diz de onde vem a luz que ele vê [leitura do estudo]. A imagem da luz que faz ver ele a usa com cautela, o inteligível iluminado "como por um sol seu" (*Solilóquios* I, 8, 15) [V-lat; tradução do estudo]; o estudo poderia tomá-la como estrutura, como o Estudo X tomou o sol de Platão, se a decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X a cobrir [hipótese do estudo]. Os homônimos pedem disciplina: a luz imutável é de Agostinho, a Lux é de cada pessoa, e o "interior" do *homo interior* ("homem interior") não é a "luz interior" do cânon.

Questão aberta (ao): a decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, tomada sobre Platão, cobre a luz imutável de Agostinho tomada como estrutura, ou Agostinho pede decisão própria, porque a letra do cânon já lhe dá um nome, "para o cristão"? Se cobre, a imagem entra como estrutura e o nome fica a cada leitor, ao custo de estender uma decisão a um autor que ela não nomeou. Se Agostinho pede decisão própria, o estudo espera a palavra do fundador, ao custo de deixar a estrutura sem leitura firme neste capítulo.

Há, na mesma fronteira, o mestre interior. Agostinho diz que o mestre interior de *De magistro* XI, 38 (ver 2.6) se abre a cada um "tanto quanto pode receber, por causa de sua própria vontade, má ou boa" [V-lat; tradução do estudo], e diz que o consultado é Cristo; o Tratado da Luz Interior não o diz. O Tratado conhece o mestre por via mais curta: o "mestre interior" que "ensina antes de qualquer voz externa" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"), sem livro nem capítulo, e o estudo para aí. O cânon não tem mestre: o Abrigo "revela e nada exige" (decisão n.º 3 de 19/10/2026). A abertura proporcional à vontade de quem consulta lembra os "graus de visão" que a Lux admite, "nunca de valor" (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); a diferença é que, em Agostinho, a proporção depende da vontade de quem consulta, boa ou má [leitura do estudo].

A decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, entre os pontos não adotados, diz que o Estudo XII "não recebe a pergunta pelo 'mestre interior'"; o Estudo X (6.3) a explica pela dúvida sobre se Platão está por trás dele. Este estudo não faz a pergunta como pergunta do Estudo X: a que faz nasce da letra do Tratado. Resta o que o Estudo IX deixou, se o mestre interior é a voz do outro "em mim" ou a Lux vista de dentro (Estudo IX, 5.3): a decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX leu essa voz como a própria Luz, não o nomeia, e o Estudo X, 6.3, diz que ela não foi estendida a ele. A pergunta não está nem decidida nem recusada.

Questão aberta (ap): o mestre interior que o Tratado da Luz Interior ouve a propósito de Agostinho fica como herança nomeada, como está, ou como estrutura sem nome? Como herança nomeada, o Tratado segue intacto, ao custo de a pergunta do Estudo IX seguir sem resposta. Como estrutura sem nome, ele passa a ser lido ao lado da Lux, ao custo de pedir uma extensão que nenhuma decisão fez.

Da questão do nome passa-se à da graça, em que a separação deixa de ser de nome e passa a ser de alcance (4.2).

4.2 A graça eleita e a luz de todos

Esta seção declara a fronteira mais dura entre as duas letras, sem atenuá-la: a quem se dá a graça, e a quem se atribui a luz.

Agostinho diz que os homens são, em Adão, “uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina; e, quer o suplício seja exigido, quer perdoado, não há iniquidade” (*Ad Simplicianum* I, 2, 16) [V-lat; tradução do estudo]. Essa é a *massa peccati*; a *massa damnata*, a “massa condenada de todo o gênero humano”, jazia nos males (*Enchiridion* 27) [V-lat; tradução do estudo]. Diz que a predestinação dos santos é “a presciência e a preparação dos benefícios de Deus, pelos quais com toda a certeza são libertados quantos são libertados”, e pergunta: “Os demais, onde ficam senão na massa de perdição, por justo juízo divino?” (*De dono perseverantiae* 14, 35) [V-lat; tradução do estudo]. Diz que “o número dos eleitos é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” (*De correptione et gratia* 13, 39; ver 2.11) [V-lat; tradução do estudo]. O mérito não é negado, mas é dom: são “dons seus” (*De gratia et libero arbitrio* 6, 15; ver 2.8).

A tradição lê esta letra de dois modos, e o estudo não escolhe. Uma leitura da tradição agostiniana e tomista, cujo autor o estudo não conferiu, a recebe como justiça: se Deus pode exigir ou perdoar sem iniquidade, toda graça é gratuita por ser indevida [tese a confirmar]. A outra a recebe como dificuldade: a divisão entre quem recebe e quem não recebe, sem critério acessível ao homem, foi o ponto em que Pelágio e os monges de Marselha a contestaram, e é o que leitores modernos como Wetzel e Rist discutem [tese a confirmar]. Lorenzo Mammì lê em Agostinho a decisão como dádiva (prefácio às *Confissões*; ver 2.3).

O cânon responde com o Princípio da Lux: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”). A luz “não é prêmio de quem a merece” (Catecismo, 7); “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”); admite graus de visão, nunca de valor (ver 4.1); e o que a pessoa vale “não se conquista nem se perde no caminho” (decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX).

A fronteira é esta. Na letra de Agostinho, a misericórdia da justificação não é dada a todos, e os que não a recebem ficam na massa a que o suplício é devido; na letra do cânon, a cada pessoa se atribui um valor intrínseco, sem ranking, que não se perde no caminho. O estudo não desfaz a fronteira nem faz de Agostinho o que ele não é [leitura do estudo].

A letra do cânon não traz as palavras “pecado” nem “condenação”, e a única “eleição” que registra é a de Levinas, “aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição” (decisão n.º 1 de 19/10/2026): o eu eleito para responder ao outro, e não a predestinação. Agostinho, por sua vez, não tem “valor” como medida, mas tem a divisão. Na Regra da Misericórdia, “falhar na regra não apaga a luz”, e quem retoma é o rio (Cânon v1.2, “A

Regra da Misericórdia”): o agente da retomada é o Flumen, e em Agostinho o agente do dom é Deus [leitura do estudo]. A letra diz da retomada que “não depende de outra pessoa” (decisão n.º 4 de 17/10/2026; Catecismo, 48), e o estudo não a estende a Deus nem a nega.

Questão aberta (as): a fronteira com a *massa damnata* consta como fronteira da série, dita numa frase do estudo e apoiada nas decisões n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX e n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, ou fica só na letra do cânon (“cada pessoa”)? Se consta, a fronteira ganha uma frase própria, ao custo de o estudo dizer em voz sua o que o cânon só implica. Se fica só na letra, a fronteira segue sem palavra, ao custo de a pergunta pela exceção ficar sem resposta escrita.

Se a graça separa pelo alcance, a vontade separa por onde ela está dividida (4.3).

4.3 A vontade dividida e o lobo com ou sem intenção

Esta seção testa o que a letra do lobo e a do hábito que encobre alcançam da vontade dividida, que o cânon não tem.

Agostinho descreve a divisão: o espírito manda ao corpo e é obedecido, manda a si mesmo e encontra resistência, e há então as *duae voluntates* (“duas vontades”), porque nenhuma delas “é inteira” (*Confissões* VIII, 9, 21; ver 2.3) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]. O hábito (*consuetudo*, “costume”) nasce da própria vontade: “da vontade pervertida nasce a libido”, e do servir à libido nasce o hábito, e do não resistir ao hábito a necessidade (*Confissões* VIII, 5, 10; ver 2.3) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]. As duas vontades não são duas naturezas, como queriam os maniqueus (*Confissões* VIII, 10, 22) [V-lat; paráfrase]; e o mesmo Agostinho diz que “nada está tanto em nosso poder quanto a própria vontade” (*O livre-arbítrio* III, 3, 7) [V-lat; tradução do estudo].

O cânon responde que não tem vontade. “Vontade” só ocorre em uso comum, três vezes: “contra a própria vontade”, de quem é arrastado pela correnteza (Disputatio, 1, “Objeção II”); “não espere estar com vontade” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”); “quem retoma não é a sua força de vontade” (Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia”). O lobo é definido pelo ato: “é lobo quem o inflige, com ou sem intenção; a irreflexão não é noite” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17/10/2026). O fundador decidiu que “a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa” e que “a mesma pessoa pode estar nos dois lados sem ser um terceiro estado” (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX). O que encobre a luz é “medo”, “hábito” e “adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). A divisão que o cânon conhece é outra: “quem diz uma coisa e vive outra vive dividido” (Catecismo, 8).

O Estudo X, 5.2, inferiu que o cânon define o lobo “sem pedir ignorância nem vontade dividida”. Se a vontade dividida cabe no lobo não é pergunta do Estudo X: é deste estudo. A letra responde pelo ato: quem inflige é lobo, esteja dividido ou não; o que ela não

diz é o que fazer da divisão como causa [leitura do estudo]. O hábito que encobre também não se confunde sem marca com a *consuetudo*: em Agostinho o hábito é efeito de uma vontade que se pervertera; no Tratado é uma das causas do encobrimento, nomeada e não descrita, e não acorrenta nem cria necessidade [leitura do estudo]. E a Bússola, que a Disputatio reconhece “na voz do agente”, supõe quem vê a luz e pode vetar; quem quer e não consegue, como em VIII, 9, não é nomeado (Disputatio, 3, “Respondeo”) [leitura do estudo].

Questão aberta (ar): o estudo registra a *consuetudo* como contraparte do hábito que encobre, ou a deixa só como fronteira? Se registra, a contraparte vai marcada como leitura do estudo e a divisão entre querer e poder ganha um lugar de comparação, ao custo de aproximar duas coisas que a letra não aproxima. Se a deixa só como fronteira, a letra do cânon segue como está, ao custo de a divisão entre querer e poder seguir sem contraparte.

A divisão, em Agostinho, acaba num jardim; o modo como acaba separa de novo (4.4).

4.4 A conversão dada e a Mutatio escolhida

Esta seção separa uma volta única, que Agostinho diz ter recebido, de uma mudança semanal, que o cânon pede que se faça.

Agostinho conta que, no jardim, uma voz de menino ou menina, de origem que ele declara não saber, repetia *tolle, lege*, “toma e lê”, como o Catecismo traduz a fórmula (Catecismo, 3), e que, ao ler, as trevas da dúvida se dissiparam (*Confissões* VIII, 12, 29; ver 2.3 e 3.8) [V-lat; paráfrase]. A cena vem depois da divisão de 4.3: ali nenhuma das duas vontades era inteira, e aqui a volta chega de fora. A tradição já a leu pelo que o título de um livro anuncia: James Wetzel discute as *Confissões* VIII, em *Augustine and the Limits of Virtue* (pp. 126–138), pelos limites da virtude [tese a confirmar].

O cânon responde com outra gramática. A Mutatio é vocação: “A mudança não é acidente a suportar, mas mensagem a carregar. Quem resiste ao fluxo é arrastado; quem o porta, navega”, e a prática é “mudar deliberadamente algo pequeno — rota, rotina, abordagem — para manter a alma flexível”, uma vez por semana (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Mutatio”). O Catecismo diz que ela é “pequena de propósito” (Catecismo, 16). A Origem já tratara da voz do jardim, mas só como ocasião, e não como fundamento: o que a ocasião fez foi, nas palavras da Origem, despertar “o que já esperava para nascer” (Cânon v1.2, “Origem”). A Bússola “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X).

Quatro pares separam, e o estudo os põe lado a lado sem chamar um do outro [leitura do estudo]. A conversão é única e muda o rumo da vida; a Mutatio é semanal e pequena. A conversão é dada; a Mutatio é “deliberada”. A voz do jardim manda, e o Estudo

X, 5.2, notou que ela impele, ao passo que o sinal de Sócrates só dissuade; a Bússola só veta. E a palavra: *conversio* é de Agostinho, e a Mutatio não se chama conversão, nem a conversão "mudança deliberada". A analogia da Origem vale para a ocasião (ver 3.8) e para aí: diz o que a voz não fez, e não o que ela mandou.

Da volta única passa-se ao tempo em que ela acontece, e a letra de Agostinho sobre ele é outra (4.5).

4.5 O tempo da alma e o rio da história

Esta seção cumpre a tarefa que o Estudo X deixou: testar o tempo que se distende na alma contra o rio do cânon.

Agostinho diz que os três tempos estão na alma, como "memória presente", visão presente e "expectação presente" (*Confissões* XI, 20, 26; ver 2.5), e conclui que o tempo é *distentio animi*, "distensão do espírito" (*Confissões* XI, 26, 33; ver 2.5). A edição de Lisboa verte *distentio* por "extensão" aqui e por "dispersão" em XI, 29, 39; este estudo diz distensão, como Novaes. No canto que se recita, a vida da ação se distende entre a memória e a expectação, e a mesma estrutura vale "na vida inteira do homem" e "em todo o século dos filhos dos homens" (*Confissões* XI, 28, 38; ver 2.5).

O cânon responde com a Origem: a pessoa carrega "uma luz interior atemporal", e vive "imersa num rio — o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações" (Cânon v1.2, "Origem"). O Flumen diz: "Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II, "Flumen"). A Lux, diz o Tratado, "não é ponto de chegada da vida moral, mas seu ponto de partida" (Tratado da Luz Interior, "Síntese"). O Estudo X, 5.2, leu que esse rio "não é o céu do *Timeu* nem a alma das *Confissões*, mas a história".

O teste mantém a leitura do Estudo X em parte e a corrige em duas [leitura do estudo]. A letra do cânon diz "o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações", e não só "a história"; e Agostinho aplica a estrutura da distensão ao "século dos filhos dos homens", de modo que a oposição entre alma e história não é total. O que separa é a unidade: a distensão é a de um espírito que recita e se dispersa, e o rio do cânon tem herdeiros e ancestrais, é o que se recebeu e o que se deixa, e é compartilhado.

Separa também a direção. Agostinho abre as *Confissões* com um coração inquieto "até que repouse em ti" (*Confissões* I, 1, 1) [V-lat; tradução do estudo], e o *pondus meum amor meus* ("o meu peso é o meu amor") o leva aonde vai (*Confissões* XIII, 9, 10; ver 2.5). O cânon não tem inquietude nem repouso; tem a Lux no começo, e "quem o porta, navega". Num, o peso leva; no outro, quem porta conduz.

Questão aberta (aq): os três presentes de *Confissões* XI e os três ritmos do dia (Acender, Portar, Examinar) correspondem como glossário, ou só como leitura do estudo? A letra sustenta três pares, Acender e "hoje", Portar e "lugar presente", Examinar e "alguém

do passado” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário”), mas o ritmo diário não tem futuro, e “atenção” é palavra do Corpus, não do Portar. Como glossário, o dia ganha nome, ao custo de o futuro ter de vir do Flumen e do Legado. Como leitura, o dia segue sem glossário, ao custo de a ponte ficar só no estudo.

Se a alma se distende e se dispersa, resta ver o que Agostinho faz com a dor que não escolheu (4.6).

4.6 A teodiceia da ordem e a recusa da teodiceia

Esta seção separa a *privatio boni*, que é toque de letra (ver 3.3), da ordem do todo em que Agostinho a coloca.

Agostinho diz, no *Enchiridion*, que o mal é *privatio boni*, “privação do bem” (ver 2.7), e que Deus permite o mal porque é onipotente e bom a ponto de “fazer bem também do mal” (*Enchiridion* 11) [V-lat; tradução do estudo]. Sobre a origem da vontade má recusa a pergunta: a causa não é eficiente, é “deficiente” (*Cidade de Deus* XII, 7; ver 2.7). Mas também diz que Deus adornou “a ordem dos tempos, como um belíssimo poema, também com algo como antíteses” (*Cidade de Deus* XI, 18) [V-lat; tradução do estudo]. A sua noite tem outra forma. Da morte do amigo: “Aquela dor obscureceu meu coração, e tudo o que via era morte” (*Confissões* IV, 4, 9) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]. A alma, interrogada, não sabia responder, e “se eu dizia: ‘espera em Deus’, ela com razão não me obedecia” (*Confissões* IV, 4, 9) [V-pt: Mammì].

A tradição lê a ordem de modos que o estudo não decide. Paul Ricoeur lê em Agostinho o mal como pecado ou como pena, e dá à coerência da doutrina um preço enorme (ver 3.3). O cânon responde pela Disputatio, que invoca Agostinho para limitar o poder do mal sobre o valor (ver 3.3). A *privatio* serve ali a uma conclusão estreita, o valor, e não funda uma ontologia do mal no cânon [leitura do estudo]. O fundador adotou a fórmula: “o Lumen Fluens aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia” (decisão n.º 1 de 17/10/2026).

O Tratado da Vigília recusa as respostas que “falam do fim”: “dizem-lhe que vai passar, que tem um sentido, que prepara um bem”; a Vigília “não lê a noite a partir do fim, lê-a a partir de quem está nela” (Tratado da Vigília, “O problema que responde”). A propósito de Boécio: “nenhuma ordem vista de cima a converte em noite” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). O fundador adotou a cautela de Ricoeur: “o sentido do sofrimento não se ensina, só se acha” (decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX).

Mas o mesmo Tratado diz que “quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, quem não crê não a lerá, e a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). A linha passa por onde? A ordem de XI, 18 é do tipo de resposta que fala do fim, e a fórmula foi tomada sobre Hegel; mas a Vigília deixa a leitura de fé a quem crê, e o próprio Agostinho, em IV, 4, 9, conta o fracasso da

consolação que vem de fora [leitura do estudo]. O estudo expõe o luto de Agostinho sem tirar dele lição que o cânon “ensine”, e sem dizer a quem sofre que “a luz continua lá”, que a Disputatio chama de “atalho que pula o luto” (Disputatio, 4, “Ad primum”).

Há dois “ninguém” a distinguir: a noite é o mal que ninguém causou, e a causa deficiente descreve uma vontade má que tem autor, sem causa eficiente [leitura do estudo]. Se o lobo sem intenção é causa deficiente fica como hipótese [hipótese do estudo], e o Tratado da Vigília traça, contra Weil, a fronteira que o estudo teria de traçar de novo: a que impede que “a necessidade cega” dissolva “o lobo na noite” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). A *privatio* e a causa deficiente ficam como material de Agostinho para o tratado, não como doutrina [leitura do estudo].

Questão aberta (at): a fórmula da decisão n.º 1 de 17/10/2026 (a dialética como método e a recusa como teodiceia), tomada sobre Hegel, cobre a ordem de *Cidade de Deus* XI, 18, ou Agostinho pede leitura própria? Se cobre, a ordem fica do lado do que se recusa, ao custo de estender a Agostinho uma fórmula que a Vigília deixa à fé do leitor. Se pede leitura própria, a ordem pode ficar entre as leituras de fé que a Vigília admite, ao custo de a fronteira com a teodiceia ficar mais fina.

O que Agostinho faz diante do erro alheio é outra fronteira, a da coerção (4.7).

4.7 A coerção e o rio que não é programa

Esta seção declara a fronteira da coerção sem desculpa de época e sem acusação anacrônica: a letra, as duas leituras, o cânon.

Agostinho muda de opinião sobre a coerção: a primeira opinião, a de que ninguém devia ser forçado à unidade de Cristo, foi superada, diz ele, pelos exemplos (*Carta* 93, 5, 17; ver 2.11). O texto que sustenta a prática é a parábola da ceia, *cogite intrare*, “forçai-os a entrar” (*Carta* 93, 2, 5; ver 2.11) [V-lat; tradução do estudo]; e a carta 185 distingue os trazidos com brandura dos forçados, nos quais a desobediência é coibida (*Carta* 185, 6, 24; ver 2.11).

A tradição lê isto de dois modos, e o estudo não os decide. Peter Brown, no artigo de 1964, sustenta que a posição de Agostinho mudou por experiência, como a própria carta diz (*Journal of Roman Studies* 54, pp. 107–116) [tese a confirmar]. John Rist, segundo a indicação da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* (pp. 242–245), põe o problema nas intenções dos bispos que aplicam a coerção, porque o texto supõe caridade em quem pune [tese a confirmar].

O cânon não trata de coerção, de heresia nem de autoridade; a letra não traz essas palavras. A letra mais próxima é a da Bússola, que “não escolhe os caminhos por ninguém” (Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 4.4); “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24). O Abrigo, que “revela e nada exige” (ver 4.1), “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026). Diante do lobo, “não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma

luz devida ao outro” (Catecismo, 36). O rio, diz o Tratado das Águas Comuns, “não é programa político” (“Fundamentação”; ver 3.6); a frase é desse Tratado, e não do Cânon. As Águas Comuns pedem “manter as águas passáveis — não represar, não envenenar, não desviar a correnteza para o meu moinho”, e conhecem a margem: “A margem também é rio” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”).

A letra tem “resiste-se” e “justiça” e nada além: não autoriza nem proíbe constranger alguém para o bem dele, e a Bússola e o Abrigo falam do caminho de quem os porta e do olhar do outro, não de quem constrange. Nem por isso o silêncio vira proibição, nem a proximidade vira resposta. Aplicar a frase do rio à coerção exercida pelo poder imperial é aplicação do estudo, não decisão do fundador [leitura do estudo]. Na letra de Agostinho ficam, sem atenuar, a coerção defendida e a opinião que mudou pelos exemplos.

Questão aberta (av): as peças de Agostinho sobre a coerção (*Cartas* 93 e 185) e a causa deficiente entram como material do tratado da justiça, ao lado de Ricoeur, Levinas e da cura de Platão (decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX; decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), ou ficam como fronteira apenas? Se entram, o tratado recebe um caso em que a pena é defendida como caridade, ao custo de ampliar um material que o fundador reuniu sem ordem escolhida. Se ficam como fronteira, o tratado segue com as peças que tem, ao custo de a questão herdada (g), a justiça devida ao lobo, seguir sem peça de Agostinho.

A coerção fecha as fronteiras de ação; restam duas de natureza diferente, o corpo e o nome (4.8).

4.8 O corpo na Ficha e o nome da Luz

Esta seção fecha o capítulo com uma fronteira em que Agostinho e o cânon parecem do mesmo lado, a do nome e uma em que o cânon se cala.

Agostinho, contra os platônicos, não põe na carne a causa do pecado: “não foi a carne corruptível que tornou pecadora a alma” (*Cidade de Deus* XIV, 3, 2) [V-lat; V-pt: Dias Pereira], foi a alma pecadora que fez corruptível a carne [paráfrase]; e a natureza da carne, “no seu gênero e ordem”, “é boa” (*Cidade de Deus* XIV, 5; ver 2.10) [V-lat; tradução do estudo]. Sem atenuar o resto: no mesmo capítulo reconhece que da corrupção da carne vêm incitamentos aos vícios, e que nem por isso se pode pôr nela todos os vícios (*Cidade de Deus* XIV, 3) [V-lat; paráfrase]. O cânon responde com o Corpus, para o qual “a transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Corpus”; ver 3.7); a decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X foi tomada sobre Platão, e o estudo não a estende a Agostinho (ver 3.7).

O Estudo III pôs Agostinho na Ficha, na linha da luz: “Agostinho, interior intimo meo” (Ficha do Estudo III) [Ficha, não cânon]. O toque de XIV, 3 com o Corpus é hipótese forte do estudo [hipótese do estudo], com ressalva: a letra do Corpus não traz “alma” nem

“carne”, e Agostinho fala do corpo dentro de uma doutrina da queda e da ressurreição que o cânon não tem.

Questão aberta (au): o corpo em Agostinho contra os platônicos (*Cidade de Deus* XIV, 3) entra como aliado do Corpus na Ficha do Estudo III? Se entra, a Ficha ganha uma linha em que Agostinho defende a natureza boa da carne, ao custo de a Ficha tocar o cristianismo num ponto de pecado e de ressurreição que o Corpus não tem. Se não entra, a Ficha segue só com a luz, ao custo de deixar fora um toque que o estudo considera forte.

Quanto ao nome, o cânon o deixa a cada um: “seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1). O estudo não o escolhe por ninguém.

Há ainda a mulher, e a letra de Agostinho tem duas faces no mesmo parágrafo, que o estudo dá sem atenuar (*De Trinitate* XII, 7, 12; ver 2.11). A imagem de Deus está na mente, que não tem sexo, de modo que a mulher a tem tanto quanto o homem. E a mulher, “porque se distingue do homem pelo sexo do corpo”, pôde figurar, no véu do corpo, aquela parte da razão que se inclina ao governo das coisas temporais, parte que têm também os homens. Nenhum intérprete foi aberto sobre este ponto. O cânon não trata do assunto: a letra é “cada pessoa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”), e “mulher” não ocorre. O estudo não decide qual face pesou, e o capítulo 5 mostra o que as casas receberam [leitura do estudo].

O que o cânon deixa em silêncio o estudo não preenche. O capítulo 5 mostra o que as casas já visitadas receberam de Agostinho, e o 6 reúne as perguntas que ficam.

5 AGOSTINHO E AS CASAS QUE JÁ VISITAMOS

A série visitou sete casas — o budismo (Estudo I), o estoicismo (II), o cristianismo (III), o Vedanta (IV), o existencialismo (V), o taoísmo (VI) e Hegel (VII) — e depois Levinas (VIII), Ricoeur (IX), Platão (X) e Aristóteles (XI); o Tratado das Águas Comuns visitou ainda Buber. Este capítulo faz a volta com a pergunta invertida: não o que Agostinho disse de cada casa, porque quase todas vieram depois dele, mas o que cada uma recebeu dele ou lhe opôs. O que se sabe dos Estudos I a VI chega pelas Fichas, que não são cânon e vêm assim marcadas.

Dois avisos valem para o capítulo inteiro. Boa parte da letra das casas chega por intérpretes, e onde o estudo não abriu passagem a seção diz que não abriu. Os Estudos anteriores quase não nomeiam Agostinho, e o silêncio é registrado como silêncio. As decisões do fundador citadas não se reabrem, e cada uma vem com a sua chave na primeira vez. A série visita casas, não as gradua (Estudo VII, 3.3).

5.1 O cristianismo: Tomás, Lutero, Pascal — e a Ficha do Estudo III

A casa cristã é a única em que a série já encontrou Agostinho; esta seção ouve três leitores dele e deixa a Ficha como está.

Tomás lê Agostinho para corrigi-lo e o conserva ao corrigir: o lume intelectual que há em nós é uma semelhança recebida da luz incriada, e nela estão as razões que Agostinho punha no lugar das Ideias de Platão (*Suma teológica* I, q. 84, a. 5, resposta) [V-lat; paráfrase]. Sobre a graça, a natureza humana “não é totalmente corrompida pelo pecado” (I-II, q. 109, a. 2, resposta) [V-lat; tradução do estudo]. O cânon tem Tomás em casa pela dignidade — a pessoa “dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”) — e a Disputatio tem a forma que o Estudo VII leu como a dele (Estudo VII, 2.3). “Luz” é aqui homônimo: o lume do intelecto em Tomás não é a Lux de cada um, e o estudo não os aproxima [leitura do estudo].

Lutero lê Agostinho pelo lado mais duro da graça. Na Disputa de Heidelberg diz que “o livre-arbítrio, depois da queda, existe só de nome” e que “Santo Agostinho, aliás, prova esta mesma tese em seus vários escritos contra os pelagianos” (tese 13) [V-en; tradução do estudo]. Nenhum intérprete foi aberto sobre se Lutero lê Agostinho com fidelidade ou o radicaliza. Nenhum Estudo anterior visitou Lutero.

Pascal o lê pela ordem do coração: Cristo e Paulo empregam a regra do amor, não a do intelecto, “pois querem aquecer, não instruir. O mesmo vale para Santo Agostinho” (*Pensées* 283) [V-en; tradução do estudo]. O cânon diz que a luz interior “não é só para ver — é para aquecer” (Cânon v1.2, “O Abrigo”); o “aquecer” de Pascal vem da tradução inglesa [leitura do estudo].

A Ficha do Estudo III não se reescreve aqui. Dá a Agostinho uma linha, “Agostinho, interior intimo meo” (mais interior do que o meu íntimo), traz entre os toques “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz” e separa-se em “Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém” [Ficha, não cânon]. A “graça” da linha da Misericórdia é emparelhamento da Ficha: o cânon tem só a mão que retoma, que é o rio e não o Abrigo (decisão n.º 4 de 17/10/2026), e a Meditação diz que “quem retoma não é a sua força de vontade” (Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia”).

Agostinho pede, em primeira pessoa, “concede o que ordenas, e ordena o que queres” (*Confissões* X, 29, 40) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]: o mandamento supõe o dom. São frases de agentes diferentes [leitura do estudo]. A revisão da Ficha, anunciada pela decisão n.º 10 de 19/10/2026 (a Ficha será revista para receber a quenose e a substituição), alimentada pela n.º 12 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX (que lhe dá o material de Ricoeur) e delimitada pela n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, que deixa de fora o esvaziamento do Filho, é o lugar da pergunta: o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se “Misericórdia e graça” fica como toque do cristianismo ou se separa em duas.

Quem recebeu Agostinho por inteiro está dito; a casa seguinte o leu como adversário de uma coisa só.

5.2 O estoicismo: a *apatheia* recusada

O estoicismo é a casa em que Agostinho fala como leitor e não como herdeiro: cita os estoicos, discute-os e lhes recusa a *apatheia*, a ausência total de afetos.

Na *Cidade de Deus* Agostinho concede que o sábio estoico, ainda que sofra as impressões por necessidade, “conserva, com a mente inabalada, a sentença verdadeira e estável” (IX, 4, 2), e que a diferença em relação aos peripatéticos é “disputa de palavras, não exame de coisas” (IX, 4, 3) [V-lat; tradução do estudo; localização a confirmar]. No livro XIV a coisa muda de lado: “se não tivéssemos afetos de modo algum, viveríamos antes não retamente” (XIV, 9, 4); e quem não terá essa insensibilidade “pelo pior dos vícios”? A recusa tem prazo: as afeições retas são “desta vida, e não daquela”, e “a perfeita beatitude não conhecerá o aguilhão do temor nem o da tristeza” (XIV, 9) [V-lat; V-pt: Dias Pereira; tradução do estudo]. Contra o sábio solitário, aprova “muito mais” que a vida social seja do sábio (XIX, 5) [V-lat; tradução do estudo].

A tradição que o estudo abriu nada acrescenta sobre Agostinho e a Stoa, e os Estudos VII (4.2), VIII (4.5), IX (4.4) e X (4.1) passaram por esta casa sem ele [leitura do estudo]. A Ficha do Estudo II tocou o exame noturno de Sêneca e separou-se em “Apatheia vs. celebração: desconfiamos de uma sabedoria que não dança” e em “Autossuficiência vs. Abrigo: cidadela interior, não; casa de portas abertas” [Ficha, não cânon]. A decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X pôs Sócrates nessa Ficha, como modelo do exame e do portar

em Sêneca e Epicteto. O cânon responde: “O templo também dança” (Meditações Práticas, “A celebração maior”), e o Abrigo é *Sis alteri domus*, “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”).

Agostinho fica, neste ponto, do lado em que a Ficha se coloca, com uma diferença de coisa: a aprovação da vida social do sábio é argumento a favor de “casa de portas abertas”. Mas a recusa é parcial, vale para esta vida, e a frase da Ficha é estética e prática, a dele moral e teológica [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se a recusa agostiniana da *apatheia* entra na Ficha do Estudo II como material ao lado de “Apatheia vs. celebração”, como Sócrates entrou.

Dos que Agostinho leu e recusou passa-se aos que ele leu e de quem recebeu: Platão e Aristóteles.

5.3 Platão e Aristóteles: os livros dos platônicos e as *Categorias*

Platão e Aristóteles têm estudos próprios; esta seção acrescenta só o que a letra de Agostinho diz de um e de outro e que esses estudos deixaram à espera.

O Estudo X ouviu Agostinho nos livros dos platônicos e deixou o resto a este estudo (Estudo X, 4.2 e 6.2); não se repete. Falta o que Agostinho faz com a reminiscência. Em *De Trinitate*, depois de lembrar que Platão tentou persuadir de que as almas viveram antes dos corpos, propõe que a mente intelectual foi criada de modo a ver as coisas inteligíveis “numa certa luz incorpórea do seu próprio gênero”, como o olho da carne vê na luz corpórea (XII, 15, 24) [V-lat; tradução do estudo]. O verbete “Augustine of Hippo” da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* lê a iluminação como alternativa à reminiscência, dentro de uma teoria da criação (§5.2) [V-en; paráfrase].

O cânon responde pela decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, tomada sobre Platão: “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”, e “a fonte continua sem nome no cânon”. Se isso cobre a iluminação de Agostinho, ou se ele pede decisão própria, o estudo pergunta ao fundador (ver 4.1 e 7.3). Quanto ao mestre interior, a decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X diz apenas que “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”; o Tratado da Luz Interior nomeia o *De magistro* a propósito de Agostinho, e se o mestre interior fica como herança nomeada ou como estrutura sem nome não está decidido nem recusado (ver 4.1 e 7.3) [leitura do estudo].

Aristóteles tem o Estudo XI, que traz a prévia de Agostinho, e o que segue o toca só em termos gerais. Agostinho o lê cedo e pela lógica: o texto que chamam de “Dez categorias”, citado pelo mestre de retórica de Cartago, o fazia entrar “titubeante em algo grande e divino”, e ele pergunta de que lhe valeu, aos vinte anos, “que o lesse sozinho e o entendesse” (*Confissões* IV, 16, 28), e Ayoub lê essa leitura solitária como ruptura didática e religiosa com o ensino do tempo [V-lat; V via secundária: Ayoub, 2018].

Com a *Física* a relação é outra. Aristóteles pergunta se haveria tempo sem alma que conte (IV, 14, 223a21–29), e diz que o tempo é, em si, "condição de destruição, antes que de geração" (IV, 12, 221a30–b3) [V-en; tradução do estudo]. Que essa dificuldade alcance a *distentio animi*, a distensão da alma, é [tese a confirmar]. Em Agostinho, o tempo é porque "tende a não ser" (*Confissões* XI, 14, 17) [V-lat; tradução do estudo]. A *consuetudo* de Agostinho, o hábito que prende, não é o hábito que forma em Aristóteles nem o que encobre no Tratado (ver 4.3).

De Platão e Aristóteles, a série passa a Hegel, e com ele o que há de Agostinho é pouco.

5.4 Hegel: as *Lições*

Esta seção é curta porque a letra é curta, e o estudo prefere dizê-lo a preencher o espaço.

Nas *Lições sobre a história da filosofia*, volume III, Hegel passa por Agostinho para dizer que as dissertações a ele atribuídas, *De dialectica* e *De categoriis*, são "estéreis" (p. 37) [V-en; tradução do estudo; autenticidade disputada]. O juízo é sobre dois escritos de lógica de atribuição duvidosa, não sobre a doutrina. A *Filosofia da história* não foi aberta. O Estudo VII contou seis ocorrências marginais do nome nos volumes que consultou e pôs uma frase de Hegel sobre Agostinho (Estudo VII, 4.3) como nem apoio nem objeção; o original não foi localizado, e este estudo não a reproduz. A Ficha do Estudo VII separa-se em "Sabido vs. revelado" e "Vigília vs. teodiceia" [Ficha, não cânon]; a segunda importa a Agostinho, porque a ordem do mal que Ricoeur lê nele é teodiceia (ver 4.6 e 5.6) [leitura do estudo].

Hegel deixa pouco; o existencialismo deixa mais.

5.5 O existencialismo: Kierkegaard, Heidegger em 1921, Jaspers, Marcel

O existencialismo é a casa em que Agostinho foi lido como alguém que fala de si, e a letra vem sobretudo de Heidegger.

Agostinho conta, depois da morte do amigo, que se tornara "uma grande questão para mim mesmo" (*Confissões* IV, 4, 9) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar], e a fórmula vem adiante: "tornei-me para mim mesmo um problema" (X, 33, 50) [V-lat; V-pt via secundária: Espaço Teológico]. Heidegger leu essa fórmula no curso de verão de 1921, "Agostinho e o neoplatonismo": dela vem o *curare*, o cuidado, e a perda de si é a temporalização como *deformitas*, a deformidade, e *defluxus*, o deflúvio, na distração [V via secundária: Santos, 2019 e 2021]. As fontes divergem em um ano: Grondin data o curso em 1920–21. Em *Ser e tempo* (§81, pp. 427–428), Heidegger cita o livro XI: o tempo "não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa, não sei, e será de admirar se não for do próprio espírito" (*Confissões* XI, 26, 33) [V-lat; tradução do estudo].

A Ficha do Estudo V toca “a má-fé (Sartre) e o ‘a gente’ (Heidegger)” e Kierkegaard como ponte, “querer uma só coisa”, e separa-se em “invenção vs. revelação” e em “absurdo vs. pertencimento” [Ficha, não cânon]. De Kierkegaard e de Marcel sobre Agostinho o estudo não abriu nenhuma passagem, e não a preenche.

Agostinho diz que há duas vontades, as *duae voluntates*, “porque nenhuma delas é inteira” (*Confissões* VIII, 9, 21; ver 2.3) [V-lat; tradução do estudo]; a Ficha, com Kierkegaard, fala de querer uma só coisa. As duas frases podem ser a mesma pergunta vista de lados opostos, mas o cânon não usa “vontade” como doutrina [hipótese do estudo]. De Jaspers e de Marcel o estudo trata em 6.3 e 5.2.

Do existencialismo, que olha para o eu, passa-se a quem olha para o outro e para o tempo da história.

5.6 Levinas e Ricoeur: a interioridade; a *distentio* e o pecado original

Levinas e Ricoeur têm, cada um, um Estudo; esta seção junta o que o capítulo pode dizer de Agostinho com a interioridade, no primeiro, e com o tempo e o mal, no segundo.

De Levinas, o estudo não abriu passagem sobre Agostinho, e o Estudo VIII não o nomeia; a interioridade vem pela letra do próprio Levinas, por outro caminho: “Morar […] é um recolhimento, uma vinda a si”, “A luz do rosto é necessária à separação” (*Totalidade e infinito*, pp. 138 e 134; Estudo VIII, 1.5) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 1.5]. A luz do rosto é homônimo da luz do cânon e da de Agostinho. Novaes lê em Agostinho a máxima interioridade e a alma como abrigo da verdade (ver 2.6 e 4.1); o “abrigo” dele não é o Abrigo do cânon. A interioridade que Levinas tira da casa é a que se abre ao outro [leitura do estudo].

De Ricoeur há três passagens. Em *Tempo e narrativa* I, o “achado inestimável de Santo Agostinho, reduzindo a extensão do tempo à distensão da alma, é o de ter ligado essa distensão à falha que não cessa de se insinuar no coração do tríplice presente” (p. 41; Estudo IX, 5.3) [V-pt via secundária: Estudo IX, 5.3]. Em *O mal*, Ricoeur lê a doutrina de Agostinho como a que divide todo mal em pecado ou pena e paga um preço enorme pela coerência (ver 3.3). E, em “O pecado original”: “mas é Agostinho que sempre tem razão através e apesar desta mitologia adâmica” (*Le conflit des interprétations*, 1969, p. 277) [V-pt: Rosa; localização a confirmar].

Agostinho diz *distentio animi* no livro XI (26, 33); a edição de Lisboa verte *distentio* por “extensão” [V-pt: Espírito Santo], e Gagnebin a lê como tensão (ver 2.5). E diz que o gênero humano é, desde Adão, “uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina” (*Ad Simplicianum* I, 2, 16) [V-lat; tradução do estudo]. Se a *distentio* é a falha do tríplice presente ou a tensão da alma, e se a *massa peccati*, a massa de pecado, e o preço da doutrina são o mesmo problema, a letra não decide [tese a confirmar].

O cânon responde pela decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX: “o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia”. Que o rio seja história, e não a distensão da alma, o Estudo X, 5.2, já lera assim, e o estudo o mantém [leitura do estudo]; o cânon não traz a palavra “pecado”. O estudo pergunta ao fundador (ver 4.5 e 7.3) se os três presentes de Agostinho têm correspondente nos três ritmos do cânon [leitura do estudo].

Do tempo e da falha passa-se ao começo e à dignidade.

5.7 Arendt e Taylor: a natalidade e o *homo interior*

Arendt e Taylor leem Agostinho cada um por uma palavra, o começo e o homem interior (*homo interior*); o texto deles vem em 6.1 e 6.4, e aqui fica o que as casas já disseram.

Agostinho diz, na *Cidade de Deus*, que o homem foi criado para que houvesse começo (XII, 20, 4 na numeração da *Nuova Biblioteca Agostiniana*; XII, 21 em Dombart–Kalb), e a citação inteira vem em 5.1. A tese de Arendt de 1929, *O conceito de amor em Santo Agostinho*, parte de *caritas* (caridade) e *cupiditas* (cobiça), e não da natalidade [paráfrase; localização a confirmar]; a natalidade vem de *A condição humana* (1958) [paráfrase; localização a confirmar], e em *A vida do espírito* (edição brasileira, pp. 351 e 357) Arendt vê em Agostinho o descobridor da vontade [tese a confirmar].

O Estudo VII, 5.4, ouviu Arendt: a natalidade e o Flumen do cânon, “ninguém começa do zero”. O Tratado das Águas Comuns toma dela a estrutura e deixa o espaço público: o rio “não é programa político” (“Fundamentação”; ver 3.6). Ricoeur nota o silêncio de *Ser e tempo* sobre o nascimento (*A memória, a história, o esquecimento*, edição francesa, p. 465; Estudo IX, 4.2) [V-fr via secundária: Estudo IX, 4.2; paráfrase].

Do começo e do dentro passa-se a uma conversa que a série já teve e a casas que ela visitou sem Agostinho.

5.8 Buber e o que não há: o diálogo; budismo, vedanta, taoísmo

Esta seção junta uma conversa e três ausências: Buber, que a série ouviu pelo Tratado das Águas Comuns, e as casas orientais, onde a letra de Agostinho não chega.

O Tratado fica com o encontro de Buber e deixa o resto: “Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação; o Tu eterno que ele ergue sobre a relação é material confessional” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). Buber escreve que “o homem agostiniano se admira daquilo no homem que não pode ser entendido como parte do mundo” (*Between Man and Man*, “What Is Man?”, cap. 2, p. 129) [V-en; tradução do estudo]. Agostinho diz que não apreende tudo o que é, e que os homens admiram os montes e deixam a si mesmos sem se admirar (*Confissões* X, 8, 15; ver 2.4). Que o assombro de

que Buber fala toque o ponto do Tu eterno o estudo apenas supõe; o cânon fica com o encontro [hipótese do estudo].

Do que não há, a letra diz pouco. Na *Cidade de Deus*, alguns sábios de outras gentes, indianos entre eles, "viram e ensinaram" o que o texto designa por um pronome cujo antecedente não consta do trecho que o estudo abriu; "a todos eles pomos à frente dos demais e confessamos mais próximos de nós" (VIII, 9) [V-lat; tradução do estudo]. Não há obra, doutrina nem nome: budismo, vedanta e taoísmo não estão no texto de Agostinho, e isso é achado, não lacuna [leitura do estudo].

As Fichas dos Estudos I, IV e VI separaram-se em "Celebração vs. renúncia" e "Dignidade vs. vacuidade" (I), "Participação vs. identidade" (IV), "Impessoal vs. pessoal" e "Espontaneidade vs. regra" (VI) [Ficha, não cânon]. O cânon responde pela Independência confessional, que nomeia um só nome, "para o cristão, é o próprio Deus", e deixa a cada um o seu ("seja qual for o nome que cada um lhe dê"); sobre os outros nomes a letra nada diz (Cânon v1.2, "Independência confessional") [leitura do estudo]. Uma ponte entre o assombro de Agostinho consigo mesmo e a vacuidade, ou entre a *distentio* e a impermanência, não tem intérprete nomeado; seria do estudo, e o estudo não a faz [leitura do estudo].

Vistas as casas uma a uma, resta olhar o que se repete.

5.9 O padrão

Olhadas juntas, as casas parecem receber de Agostinho três coisas, a interioridade, a vontade e o tempo, e decidir cada uma por si o que fazer com a quarta, a graça [hipótese do estudo].

A interioridade está em Taylor, que a vê introduzida por ele (ver 6.4); em Heidegger, que lê na questão que Agostinho se tornou para ele mesmo o cuidado da vida; em Tomás, que faz do lume do intelecto uma semelhança recebida; e em Buber, que o chama o homem que se admira do que não é parte do mundo. A vontade está em Arendt, que o vê descobri-la (ver 5.7); em Lutero, que a leva ao limite do livre-arbítrio; e nos estoicos, a quem ele recusa a *apatheia* para guardar os afetos da vontade reta. O tempo está em Ricoeur, que lê na *distentio* a falha do tríplice presente; em Heidegger, que cita o livro XI no §81; e em Aristóteles, de quem vem a pergunta pela alma que conta [tese a confirmar].

A graça as casas não dividem do mesmo modo: Tomás e Lutero a conservam, um como natureza que o pecado não corrompe por inteiro, o outro como livre-arbítrio que, depois da queda, só existe de nome; Pascal a lê pela ordem do coração; Ricoeur a lê contra o conceito, "apesar desta mitologia adâmica" (ver 5.6); Arendt toma o começo e deixa a graça [leitura do estudo].

O Tratado da Luz Interior toma de Agostinho a estrutura de que o que se busca está dentro, antes de toda busca (ver 3.1), e deixa a origem em aberto. Nada disso faz de

Agostinho precursor do cânon, nem do cânon uma versão secular dele; a série visita casas e não as gradua. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) como registrar a vontade dividida diante do hábito que encobre e como dizer a fronteira com a *massa damnata*, a massa condenada; as duas perguntas estão formuladas em 4.3 e 3.2.

Das casas que já visitamos passa-se aos autores que ainda virão (capítulo 6).

6 PRÉVIAS: AUTORES QUE VIRÃO

A série passa agora aos que seguem Agostinho, na ordem que o fundador fixou: Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor (decisão n.º 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, que lhes dá a ordem). As decisões de 17/10/2026 (n.º 1 a 7), de 19/10/2026 (n.º 1 a 12) e as duas listas de 23/10/2026, sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), valem como palavra dele e não se reabrem. Nenhuma trata do pensamento dos quatro autores; o que as relaciona a eles é leitura do estudo. Os esboços são marcas de lugar, como nos Estudos VII a X: dizem o que cada autor deve a Agostinho ou lhe opõe e o que o estudo seguinte terá de testar, sem repetir o que os Estudos VII (5.4), IX (5.4 a 6.6) e X (5.3 a 6.5) já disseram. Os quatro autores não foram abertos no texto próprio: o que se diz deles é aviso de porta, e não leitura.

6.1 Hannah Arendt

Arendt já foi ouvida três vezes (Estudo VII, 5.4; Estudo IX, 5.4; Estudo X, 5.3), e a quarta visita pergunta o que ela deve a Agostinho, de quem toma o começo, e onde se afasta dele.

Agostinho diz, na *Cidade de Deus*, que o homem é um começo que nunca existira daquele modo: “esse começo nunca existira antes desse modo; para que existisse, foi criado o homem, antes do qual ninguém houve” (*Cidade de Deus* XII, 20, 4, na numeração da *Nuova Biblioteca Agostiniana*; XII, 21 em Dombart–Kalb) [V-lat; tradução do estudo]. Arendt cita a frase com *initium* (“começo”) à frente, *initium ut esset* (“para que houvesse começo”); a variante diante do *Hoc ergo* do texto aberto pelo estudo não foi conferida [tese a confirmar].

A tradição lê, por Arendt, que a natalidade vem daí: a capacidade de começar decorre de o homem ser começo, e o *initium ut esset* é a raiz da liberdade e da ação (*A condição humana*, 1958; *As origens do totalitarismo*, 1951) [paráfrase; localização a confirmar]. O Estudo VII traz a tese na letra dela: “A natalidade, e não a mortalidade, pode ser a categoria central do pensamento político, distinto do metafísico” (*The Human Condition*, 1958, p. 9) [V via secundária: Estudo VII, 5.4]. A tese de 1929, *O conceito de amor em Santo Agostinho*, parte de *caritas* (“caridade”) e *cupiditas* (“cobiça”), e não da natalidade [paráfrase; localização a confirmar]. Em *A vida do espírito*, Arendt diz que Agostinho “descobre” a vontade e que as *duae voluntates* (“duas vontades”) são o argumento contra o dualismo maniqueu (edição brasileira, pp. 351 e 357) [tese a confirmar]. Uma frase que se atribui a ela como comentário a *O livre-arbítrio* III, 1, 2 não foi achada no latim [tese a confirmar].

O cânon responde, primeiro, no Flumen. O Estudo VII leu “ninguém começa do zero” e o nascimento como começo como polos, e não como contradição (Cânon v1.2, “Os

Quatro Pilares”, II, “Princípio”; Estudo VII, 5.4). Agostinho acrescenta é a origem do começo, o homem “criado”, e sobre isso a letra do cânon é silenciosa: tem o recém-nascido do Catecismo, que “ainda não conquistou nada e já o tem” (Catecismo, 6; ver 3.2). A natalidade de Arendt é o começo que age e funda a *vita activa* (“vida ativa”); o recém-nascido do cânon é o valor que não precisa agir. Que as duas imagens se componham é hipótese [hipótese do estudo], e a pergunta pela origem do começo fica em aberto, como a origem da luz (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”).

Segundo, o Examinar. O Estudo X perguntou se o dois-em-um do pensar, a conversa de mim comigo, cabe na letra que manda responder “em voz baixa ou numa frase escrita” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). Agostinho dá um caso em que o dois-em-um não se deixa: depois da morte do amigo, pergunta: “Como eu poderia fugir de mim mesmo? Como poderia não acompanhar a mim mesmo?” (*Confissões* IV, 7, 12) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]. O Tratado das Águas Comuns toma de Arendt a mesma estrutura em outra chave: “Estar consigo é o dois-em-um do pensar, em que cada um se faz companhia sem deixar o mundo dos seus semelhantes” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). Entre o companheiro que não se pode deixar e a companhia que não deixa o mundo há um intervalo que o estudo de Arendt poderá medir [hipótese do estudo].

Terceiro, o juiz e o lobo. Agostinho tem o juiz que julga sem ver o interior alheio: “Nestas trevas da vida social, o juiz sábio se sentará ou não? Claro que se sentará”, e o faz não por vontade de ferir, mas por necessidade de não saber (*Cidade de Deus* XIX, 6) [V-lat; tradução do estudo]. O cânon diz do lobo que “resiste-se, e deve-se justiça”, e que a justiça devida “não está formulada, e fica para um tratado dedicado, que este não é” (Cânon v1.2, “A Vigília”; Tratado da Vigília, “Síntese”). O material do tratado tem três nomes, Ricoeur, Levinas e a cura de Platão, sem ordem escolhida (decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX; decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); nenhuma das duas nomeia Agostinho nem Arendt, e o estudo só aponta a porta (questão herdada (g)).

Quarto, o mal banal diante do lobo, que os Estudos VII e X já puseram: Sócrates, ignorância; Arendt, irreflexão; o cânon, o lobo por autoria, “com ou sem intenção” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17/10/2026). Agostinho acrescenta um vértice, o mal sem causa que o produza: a causa da má vontade “não é eficiente, mas deficiente” (*Cidade de Deus* XII, 7; ver 2.7). Que a causa deficiente e a irreflexão de Arendt se toquem é hipótese [hipótese do estudo]; o que a causa deficiente faz ao lobo é matéria do capítulo 4.

Quinto, o mundo comum. Arendt fala da amizade que liga os cidadãos, a *philia* (“amizade”) política [tese a confirmar]. Agostinho define o povo pelo que ele ama, como multidão racional “associada pela concorde comunhão das coisas que ama” (*Cidade de Deus* XIX, 24; ver 2.9). O Tratado das Águas Comuns, que ouviu Arendt, diz que o rio “é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político” (ver

3.6), que a luz dela é “pública e derivada”, quando no cânon a Lux vem antes (“Fundamentação”). Mundo comum, povo pelo amor comum e águas comuns são três modos de dizer o que está entre as pessoas [leitura do estudo]; o cânon só tem o terceiro.

Elementos a testar: Flumen, Lux, Examinar, Vigília, Águas Comuns. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o Flumen e o recém-nascido do Catecismo podem ser lidos ao lado da natalidade de Arendt, como leitura e não como glossário, sem que se diga de onde vem o começo. De Arendt, que parte do começo, passa-se a Marcel, que parte do mistério.

6.2 Gabriel Marcel

Marcel entra pelo mistério e pela esperança, duas palavras que o cânon quase não usa, e a ponte até Agostinho é a mais incerta das quatro.

O estudo não abriu passagem de Marcel sobre Agostinho, e nenhum intérprete foi aberto sobre este ponto. Marcel diz que o ser não é problema posto diante de nós, mas mistério em que estamos implicados (*Ser e ter*, 1935) [V via secundária: Estudo IX, 5.5; paráfrase]. Ricoeur lê nele uma fidelidade regada pelo desejo de responder a uma expectativa: “Gabriel Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade” (*O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 292–293) [V-es via secundária: Estudo IX, 5.5]. A esperança, para ele, não é a espera de uma coisa determinada (*Homo viator*, 1944) [paráfrase; localização a confirmar].

Agostinho tem a distinção sem o vocabulário. Diz do tempo: “Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei” (*Confissões* XI, 14, 17) [V-lat; V-pt: Espírito Santo]. Diz de si que “não apreendo tudo o que sou” (X, 8, 15; ver 2.4) e que se tornou, diante de Deus, “para mim mesmo um problema” (X, 33, 50) [V-lat; V-pt via secundária: Espaço Teológico]. São perguntas em que o perguntador está dentro do que pergunta, e é a isso que Marcel chama mistério [hipótese do estudo]. Sobre a esperança, Agostinho conta que, na morte do amigo, ao mandar a alma esperar em Deus, “ela com razão não me obedecia”, porque o homem perdido “era melhor e mais verdadeiro” do que a fantasia em que lhe impunha esperar (IV, 4, 9) [V-pt: Mammì; página a confirmar]. O estudo registra o fato e dele não tira lição sobre Marcel.

O cânon responde na Vigília. O Tratado da Vigília diz que o que importa, diante do mal que ninguém causou, é “a presença, e não a explicação” (“Fundamentação”), e que a Vigília não se chama esperança, “que olha para uma manhã que a luz não promete” (“Definição”); acrescenta que quem crê poderá ler uma manhã na fé que professa, e que “a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras” (“Objeção provável e resposta breve”; ver 4.6). A presença sem explicação é parente do mistério [leitura do estudo]. Se a esperança de Marcel, que não espera coisa determinada, cabe no que o Tratado recusa, a letra não decide, e o estudo de Marcel terá de medi-lo [hipótese do estudo].

Duas advertências. O ser e o ter: o Tratado da Luz Interior diz que “ter uma luz não é o mesmo que vê-la claramente o tempo todo” (“Objeção provável e resposta breve”) e que a pessoa “possui um núcleo” (“Definição”); se esse ter é o que Marcel opõe ao ser, é pergunta de estudo próprio. E a disponibilidade, palavra de dois sentidos: a de Marcel é fidelidade aberta à expectativa de outro, a do Pilar III é “prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude”), como o Estudo IX já declarou (6.5).

Elementos a testar: Vigília, Lux, Mutatio. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se a presença sem explicação da Vigília pode ser lida ao lado do mistério de Marcel, sem que a esperança dele entre pela palavra que o Tratado recusa. Do mistério passa-se às situações-limite, com Jaspers.

6.3 Karl Jaspers

Jaspers chega pelas situações-limite e pela transcendência, e traz uma terceira porta: o lugar de Agostinho entre os que fundam o filosofar.

Jaspers diz que há situações-limite, que encontramos sempre já aí (*Filosofia*, 1932, lido por intermédio de Ricoeur) [V via secundária: Estudo IX, 5.5], e que a culpa é uma delas (Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, edição francesa, p. 596) [V via secundária: Estudo IX, 5.5]. A transcendência, para ele, se lê em cifras [tese a confirmar]. A tradição lê Agostinho nele pelo título: *Drei Gründer des Philosophierens: Plato, Augustin, Kant* (Munique: Piper, 1957) e, na tradução francesa de Jeanne Hersch, *Les grands philosophes II: Ceux qui fondent la philosophie et ne cessent de l’engendrer: Platon, Saint Augustin* (Paris, 1967) [V via secundária: catálogo]. O capítulo sobre Agostinho não foi aberto, e o estudo não o cita. A mesma obra põe Sócrates entre os “indivíduos paradigmáticos” e Platão entre os “pensadores seminais” (Estudo X, 4.4) [V-en via secundária: Quigley; tradução do estudo]; de Agostinho o título diz só que funda.

Agostinho viveu duas vezes a morte, que Jaspers conta entre as situações-limite [tese a confirmar]. Do amigo, diz que a dor lhe escureceu o coração e que “tudo o que via era morte” (*Confissões* IV, 4, 9; ver 6.2). Da mãe: “ela não morria infelizmente, nem morria completamente” (IX, 12, 29) [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]. Sobre as cifras, Agostinho interrogou a terra, que disse “não sou”, e “o homem interior conheceu estas coisas pelo ministério do exterior” (X, 6, 9) [V-lat; V-pt: Espírito Santo; tradução do estudo]. As criaturas que apontam para além de si seriam, nessa leitura, o que Jaspers chama cifras [hipótese do estudo].

Em outro lugar Agostinho diz “transcende-te também a ti mesmo” (*De vera religione* 39, 72) [V-lat; tradução do estudo], e logo lembra que, ao fazê-lo, transcende-se uma alma que raciocina. “Transcendência” é, pois, palavra dos dois, e não dos mesmos lugares.

O cânon responde na Vigília e no Corpus. A Vigília diz a noite como “a perda, a doença, o acaso que desaba” (Cânon v1.2, “A Vigília”); a letra do cânon não nomeia a morte, e a Ficha do Estudo III fixou, sobre o depois do rio, “silêncio respeitoso” [Ficha, não cânon]. O Corpus diz que “a transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio”; ver 3.7), e a Disputatio recusa “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” (Disputatio, 2, “Sed contra”). A transcendência de Jaspers e a de Agostinho (“transcende-te também a ti mesmo”) terão de ser medidas contra essa letra, uma a uma [hipótese do estudo].

Duas advertências. A classificação de Jaspers ordena em classes (Estudo X, 4.4), enquanto o cânon diz de cada luz que é “não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 4.2); Agostinho pode ser reconhecido como fundador sem que a classe seja adotada [leitura do estudo]. E “consciência” é palavra da Independência confessional, que diz da Luz, para quem não crê, ser “a consciência mais funda, o verdadeiro em si” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1); o que Jaspers chama consciência o estudo não abriu, e não faz de uma o nome da outra.

Elementos a testar: Vigília, Corpus, Examinar. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o “silêncio respeitoso” da Ficha sobre o depois do rio basta para ouvir a morte, em Jaspers e em Agostinho, como situação-limite, sem pedir ao cânon uma palavra além da que a Ficha fixou. Das situações-limite passa-se a Taylor, que lê a interioridade de Agostinho como história.

6.4 Charles Taylor

Taylor fecha a lista porque dá a Agostinho um lugar na história do si que as outras casas só pressupõem.

Taylor diz, em *As fontes do si* (*Sources of the Self*, 1989), que “mal seria exagero dizer que foi Agostinho quem introduziu a interioridade da reflexividade radical e a legou à tradição ocidental do pensamento” (p. 131, no capítulo 7) [V-en via secundária: Teixeira; tradução do estudo; localização a confirmar]. Traz ainda a afirmação da vida ordinária [paráfrase; localização a confirmar].

Agostinho diz o que Taylor lê. Sobre a inversão entre dentro e fora: “dentro de mim e eu fora” (*Confissões* X, 27, 38; ver 2.6). Sobre o que a vida comum pede: “se não tivéssemos afetos de modo algum, viveríamos antes não retamente” (*Cidade de Deus* XIV, 9, 4) [V-lat; tradução do estudo]. Em Agostinho, o voltar-se para dentro leva a outro lugar [leitura do estudo]; em Taylor, a reflexividade radical é o ponto de vista de primeira pessoa que daí se herda [paráfrase; localização a confirmar].

O cânon responde na Lux, na Bússola e no Corpus. O Tratado da Luz Interior já recebeu de Agostinho a sua “principal herança”: “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro” (“Fundamentação”; ver 3.1). A tese de Taylor cai numa casa em que

isso está dito, com a origem em aberto. A Bússola fala em primeira pessoa, “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e o veto, pela decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, “é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”. Que a Bússola seja reflexividade, no sentido de Taylor, é hipótese [hipótese do estudo]. O Corpus prescreve “dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Prática”), gestos de vida ordinária que a afirmação de Taylor permite ouvir como celebração [hipótese do estudo].

Homônimo a distinguir: “interior”. O *homo interior* (“homem interior”) de Agostinho é onde habita a verdade; a “luz interior” do cânon é o núcleo da pessoa; o Tratado da Luz Interior põe a primeira como herança e não como definição da segunda.

Elementos a testar: Lux, Bússola, Corpus. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o “dentro” do Pilar I pode ser lido ao lado da reflexividade de Taylor, como estrutura, sem que o estudo diga aonde, para quem lê com Agostinho, o voltar-se conduz. Com Taylor a lista termina; o capítulo 7 reúne as perguntas.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

Agostinho entra no Lumen Fluens pelo dentro e pela privação, e entra pelo nome: é o autor que o cânon mais cita, e o estudo começou por aí. O Tratado da Luz Interior lhe deve o *interior intimo meo*, o *noli foras ire* e o "mestre interior" que "ensina antes de qualquer voz externa", e chama a isso "sua principal herança" para o Pilar I: "o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"; ver 3.1). A pesquisa de fontes mediu o que a letra do Tratado tem de Agostinho e o que não tem: tem a metade de dentro da fórmula, sem o "mais alto"; tem o mestre, sem Cristo, sem consulta e sem "iluminação" (3.1, 3.2). A semelhança é de direção e de reserva: o que se busca está dentro, antes da busca, e nenhuma voz de fora o fabrica — as palavras de Agostinho só advertem, e o olhar do outro, no cânon, "apenas vê" (decisão n.º 3 de 19 de outubro de 2026; ver 3.1). Ela termina no mestre, que ensina, onde a luz do cânon "se revela", e em quem dá, que Agostinho nomeia e o cânon deixa a cada leitor [leitura do estudo].

Onde nos tocamos, o toque é de letra em quatro lugares e de estrutura em outros quatro (capítulo 3): o mestre interior e a luz que se revela; o *interior intimo meo* e o valor anterior ao mérito; a privação do bem e a Disputatio; o *tolle, lege* como ocasião — e, do estudo, os três presentes e os três ritmos; a memória e o Examinar; a peregrina e as Águas Comuns; o corpo contra os platônicos e o Corpus. A Disputatio toma a privação sem a história penal, e Agostinho nem sempre a toma assim (3.3); a peregrina serve-se das leis diversas sem se importar com elas, e a pessoa deve ao rio "manter as águas passáveis" (3.6); e Agostinho, contra os platônicos, diz que não foi "a carne corruptível que tornou pecadora a alma" (*Cidade de Deus* XIV, 3, 2; ver 3.7) [V-lat; V-pt: Dias Pereira], o que o estudo lê como hipótese forte ao lado do templo do Corpus.

Onde nos separamos, a separação é de nome e de alcance (capítulo 4). De nome, porque para Agostinho a luz imutável é Deus, e o cânon diz: "Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. […] A filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; ver 4.1) — a letra autoriza quem crê, não o estudo. De alcance, porque a graça de Agostinho não é dada a todos: "uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina" (*Ad Simplicianum* I, 2, 16; ver 4.2) [V-lat; tradução do estudo], e "o número dos eleitos é certo" (*De correptione et gratia* 13, 39; ver 4.2) [V-lat; tradução do estudo]; o cânon atribui a cada pessoa um valor "intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, "Princípio"; ver 4.2), "não sujeita a ranking", que "não se conquista nem se perde no caminho" (decisão n.º 1 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX; ver 4.2). A fronteira está declarada em 3.2.

Separam ainda a vontade dividida, que o cânon não tem, porque define o lobo pelo ato (4.3); a conversão única e dada diante da Mutatio semanal e “deliberada” (4.4); o tempo da alma diante do rio das gerações (4.5); a ordem do todo diante da recusa da teodiceia (4.6); a coerção diante do rio que “não é programa político” (4.7); e a mulher de duas faces, que o cânon não trata (4.8).

Diante das casas que a série já visitou (capítulo 5), o que se repete é que cada uma recebe de Agostinho a interioridade, a vontade e o tempo, e decide por si o que fazer com a graça: Tomás e Lutero a conservam de modos opostos, Ricoeur a lê contra o conceito, Arendt toma o começo e deixa a graça (5.9) [hipótese do estudo]. O Tratado da Luz Interior faz o mesmo gesto: toma a estrutura e deixa a origem em aberto. Nada disso faz de Agostinho precursor do cânon, nem do cânon uma versão secular dele.

7.2 A fórmula

Daí a fórmula que o estudo propõe ao fundador, e que só ele pode adotar: **o Lumen Fluens aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção.** Aceita o dentro: o que se busca já está dentro, antes de toda busca, e é o que o Tratado da Luz Interior já tomou dele como “principal herança” (ver 3.1, 3.2); a Lux “se revela”, e revelar “supõe presença anterior a qualquer olhar” (Tratado da Luz Interior, “Definição”; ver 3.1). O estudo não diz que o dentro de Agostinho e o do cânon sejam a mesma coisa: Agostinho diz de onde vem a luz que vê, e o cânon deixa a origem “em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 4.1) [leitura do estudo].

Recusa a exceção: a letra diz “cada pessoa”, e que isso valha sem exceção é leitura do estudo [leitura do estudo]; nenhuma massa nem número a reparte. “Exceção” nomeia aqui o que a letra de Agostinho faz com a graça, dada a alguns e não a todos (4.2). Não é a “eleição” que a decisão n.º 1 de 19 de outubro de 2026 recusou de Levinas, a responsabilidade que me escolhe; as duas não se confundem. E não é a vontade que falha nem o mal que se comete: desses a letra trata noutro lugar, e a Regra da Misericórdia, que é reflexiva, não responde sobre o mal que se faz a outros (ver 3.5 e 4.3). O nome fica fora da fórmula. A letra autoriza quem crê a dar à Luz o nome da sua fé (Cânon v1.2, “Independência confessional”); não autoriza o estudo a dá-lo, e o estudo para aí.

A fórmula tem uma condição e um corolário. A condição é a questão (as): se o fundador disser que a fronteira com a *massa damnata* consta como fronteira da série, dita numa frase do estudo, a recusa da exceção ganha a frase; se disser que fica só na letra do cânon, “cada pessoa”, a segunda metade da fórmula é só o que a letra já implica, e o estudo não a diz em voz sua. O corolário é o nome: aceitar o dentro sem dizer de quem é o dentro deixa a luz imutável de Agostinho onde ele a pôs, com o nome que ele lhe dá; e a questão (ao) pergunta se a decisão que leu o sol de Platão como estrutura (n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X) a cobre, ou se Agostinho pede decisão própria. A decisão é do fundador.

[Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 1, 2 e 6): a fórmula está adotada; a decisão n.º 3 sobre o Estudo X cobre a luz imutável, que é estrutura e nunca nome da Luz; a fronteira com a massa damnata é fronteira da série, com frase própria.] A frase, que a decisão n.º 6 autoriza o estudo a dizer em voz sua e que vale como padrão da série diante dos clássicos cristãos: nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega.

7.3 Questões abertas

O estudo entrega ao fundador um só inventário: onze perguntas que o cânon, tal como está, não responde. Três são herdadas — (g), (j) e (k); as de (a) a (f), (h), (i), (l) a (z) e (aa) a (af) foram decididas em 17, 19 e 23 de outubro de 2026 e não voltam, e não existe a letra (r); as de (ag) a (an) são do Estudo XI, entregue ao fundador junto com este, e não se repetem aqui. Oito nasceram deste estudo — (ao) a (av); uma delas leva dentro uma herdada: (av) leva (g). As letras seguem o plano, não a ordem das seções. Nenhuma Questão aberta recomenda uma resposta: diz o que cada resposta custa, e as respostas possíveis estão no capítulo 4.

Sobre o nome. (ao) A decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X, tomada sobre Platão — “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz” —, cobre a luz imutável de Agostinho tomada como estrutura, ou Agostinho pede decisão própria, porque a letra do cânon já lhe dá um nome, “para o cristão” (4.1)? [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 2): cobre; a luz imutável é estrutura, nunca nome da Luz.] (ap) O mestre interior que o Tratado da Luz Interior ouve a propósito de Agostinho fica como herança nomeada, como está, ou como estrutura sem nome (4.1)? A decisão n.º 9 de 23 de outubro sobre o Estudo X diz que “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”, e o Estudo X (6.3) explica que a pergunta era se Platão está por trás dele; a que fica é a do Estudo IX (5.3), se o mestre interior é a voz do outro “em mim” ou a Lux vista de dentro, que a decisão n.º 5 de 23 de outubro sobre o Estudo IX não nomeia. O estudo lê que o Estudo X (6.3) não a estendeu a ele [leitura do estudo]. Não está decidida nem recusada. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 3): o mestre interior fica como herança nomeada, como está.]

Sobre o tempo. (aq) Os três presentes de *Confissões* XI e os três ritmos do dia, Acender, Portar e Examinar, correspondem como glossário, ou só como leitura do estudo (3.4, 4.5)? A letra sustenta três pares e não tem palavra de futuro no ritmo diário; “atenção” é palavra do Corpus, não do Portar. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 4): só leitura do estudo; não entra como glossário.]

Sobre a vontade. (ar) O estudo registra a *consuetudo* de Agostinho, o hábito que acorrenta, como contraparte do hábito que encobre, do Tratado, ou a deixa só como fronteira (4.3)? O cânon não tem “vontade” como termo de doutrina e define o lobo pelo

ato (decisão n.º 10 de 23 de outubro sobre o Estudo IX); a divisão entre querer e poder não tem contraparte na letra. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 5): a consuetudo fica registrada como contraparte do hábito que encobre.]

Sobre a graça. (as) A fronteira com a *massa damnata* consta como fronteira da série, dita numa frase do estudo e apoiada nas decisões n.º 1 de 23 de outubro sobre o Estudo IX e n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo X, ou fica só na letra do cânon, "cada pessoa" (4.2)? A fórmula de 7.2 depende desta. A pergunta não pede ao fundador que confirme o que as duas decisões já fixam; pede se a fronteira ganha frase própria, e se ela vale como padrão para os clássicos cristãos, ao lado de (al), do Estudo XI, que segue como o XI a deixou. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 6): fronteira da série, com frase própria do estudo; padrão para os clássicos cristãos, ao lado de (al).]

Sobre o mal. (at) A fórmula da decisão n.º 1 de 17 de outubro de 2026 — "aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia" —, tomada sobre Hegel, vale para a ordem do todo de *Cidade de Deus* XI, 18? Ou Agostinho pede leitura própria, porque a Vigília deixa a leitura de fé a quem crê (4.6)? O estudo pergunta; não estende. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 7): leitura própria; a Vigília deixa a leitura de fé a quem crê, e a fórmula de 17 de outubro não se estende.] (av) As peças de Agostinho sobre a coerção (*Cartas* 93 e 185) e a causa deficiente entram como material do tratado da justiça, ao lado de Ricoeur, Levinas e da cura de Platão, ou ficam como fronteira apenas (4.7)? Leva dentro a herdada (g), a justiça devida ao lobo, aberta até o tratado; as decisões n.º 9 de 23 de outubro sobre o Estudo IX e n.º 5 de 23 de outubro sobre o Estudo X nomearam o material sem ordem escolhida, e Agostinho só pode ser proposto. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 9): entram como material do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.]

Sobre o corpo e as herdadas. (au) O corpo em Agostinho contra os platônicos (*Cidade de Deus* XIV, 3) entra como aliado do Corpus na Ficha do Estudo III (4.8)? A decisão n.º 6 de 23 de outubro sobre o Estudo X, "Só templo", foi tomada sobre Platão, e o estudo não a estende a Agostinho. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 8): o corpo entra na Ficha do Estudo III como aliado do Corpus.] (j) A Bússola vetaria o monte Moriá? A letra de Agostinho reunida para o estudo não traz passagem que a toque; fica como estava. (k) O mal estrutural espera Marx; a *libido dominandi* das duas cidades não é forçada aqui.

Das onze, oito pediam a palavra do fundador — (ao) a (av) —, porque são perguntas que a leitura de Agostinho faz diretamente ao cânon; a fórmula de 7.2 dependia de (as) e tinha (ao) por corolário, e as oito foram decididas em 31 de outubro de 2026 (decisões n.º 2 a 9 sobre o Estudo XII; ver o Prólogo). Uma herdada vai dentro delas, (g) em (av), e segue aberta até o tratado da justiça. Ficam como estavam (j) e (k).

Quatro registros não são de doutrina e o estudo os faz à parte, sem pedir resposta. O capítulo 5 perguntou se a linha “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”, que é de Ficha e não de cânon [Ficha, não cânon], fica como toque do cristianismo ou se separa em duas, a mão que retoma, que é do rio, e a graça (5.1); e se a recusa agostiniana da *apatheia* entra na Ficha do Estudo II, como Sócrates entrou pela decisão n.º 8 de 23 de outubro sobre o Estudo X (4.2). O capítulo 6 perguntou pelos quatro autores que virão, sem letra (6.1 a 6.4): o Flumen e o recém-nascido do Catecismo ao lado da natalidade de Arendt; a presença sem explicação da Vigília ao lado do mistério de Marcel; o “silêncio respeitoso” da Ficha do Estudo III diante da morte em Jaspers; o “dentro” do Pilar I ao lado da reflexividade de Taylor. E a mulher em *De Trinitate* XII, 7, 12 fica registrada com as duas faces, sem intérprete aberto e sem decisão (4.8). [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 10): a linha “Misericórdia e graça” separa-se em duas, a mão que retoma e a graça; a Ficha do Estudo II recebe a recusa da apatheia; a mulher fica registrada sem decisão; os quatro autores seguem sem letra.]

7.4 O que Agostinho oferece

Ao tratado da justiça, que o estudo não escreve, Agostinho oferece duas peças e um aviso, como material e não como doutrina. A primeira peça é a causa deficiente: a vontade má não tem causa eficiente, tem causa deficiente (*Cidade de Deus* XII, 7; ver 2.7 e 4.6) [paráfrase] — uma vontade má que tem autor, sem causa que a produza —, e o estudo distinguiu os dois “ninguém”: a noite é o mal que ninguém causou, e a causa deficiente descreve um mal que alguém quis [leitura do estudo]. A segunda é a coerção: a mudança de opinião pelos exemplos (*Carta* 93, 5, 17; ver 4.7) e o “forçai-os a entrar” (*Carta* 93, 2, 5; ver 4.7) [V-lat; tradução do estudo] dão ao tratado um caso em que a pena é defendida como caridade, com as duas leituras da tradição. O aviso é o da *privatio*: ela pode ser tomada sem a pena, como a Disputatio a tomou, e Agostinho nem sempre a toma assim (3.3).

As decisões do fundador nomearam Ricoeur, Levinas e a cura de Platão como material do tratado, sem ordem escolhida; Agostinho entra nessa lista só se o fundador o quiser (av). [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 9): entra.]

À Regra de Vida oferece duas coisas que o estudo lê e não escreve. A primeira é a correspondência dos três presentes com os três ritmos do dia (3.4), que a letra sustenta em parte e que fica como leitura até (aq). [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 4): fica como leitura do estudo.] A segunda é o exame de si que não se esgota: Agostinho não apreende “tudo o que sou” (*Confissões* X, 8, 15; ver 3.5), e a decisão n.º 9 de 19 de outubro de 2026 já fez o Examinar olhar o dano que não se quis; o estudo não escreve que o Examinar já contém o que Agostinho não apreende [hipótese do estudo].

Às Fichas oferece, segundo o capítulo 5: à Ficha do Estudo III, o corpo contra os platônicos, como aliado do Corpus (au), e a pergunta pela linha “Misericórdia e graça”; à Ficha do Estudo II, a recusa da *apatheia* (5.2). Nenhuma das duas muda neste estudo. O que oferece à série é o padrão do capítulo 5, a interioridade, a vontade e o tempo recebidos e a graça decidida por cada casa, e o gesto do Tratado da Luz Interior, que toma a estrutura e deixa a origem em aberto — o mesmo gesto que o cânon teve diante de Platão e de Aristóteles.

7.5 A lamparina

Agostinho tem uma luz, e ela tem nome. Viu-a ao entrar em si, “uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda a carne” (*Confissões* VII, 10, 16; ver 2.2) [V-lat; V-pt: Espírito Santo], e diz que foi ela que o fez. A lamparina do cânon é outra imagem, e vale pô-las lado a lado para que não se confundam. A luz imutável está acima e dentro, e é de quem a vê [leitura do estudo]; a lamparina é “a luz de cada um, entregue às águas de todos” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), e é de quem a carrega. O que Agostinho ensina à lamparina é onde procurá-la: não fora, “dentro de mim e eu fora”. O que a lamparina responde a Agostinho é que não há massa de que ela falte a alguém: cada pessoa a tem, sem exceção, e o nome fica com quem a carrega. O estudo termina onde começou, no dentro e na exceção, e deixa ao fundador a palavra — dada em 31 de outubro de 2026 (ver o Prólogo).

REFERÊNCIAS

A bibliografia distingue o que foi lido do que foi apenas nomeado. “Edição de consulta” é a edição em que uma passagem foi lida; “intermediário” é o leitor por cujas páginas uma passagem chegou ao estudo, quando a edição não foi aberta. O latim de Agostinho foi conferido por inteiro no texto da Nuova Biblioteca Agostiniana (Città Nuova), pelo sítio augustinus.it; *O livre-arbítrio* foi lido no texto dos beneditinos, não no do *Corpus Christianorum*; a *Cidade de Deus* XII, 21 leva a dupla numeração, XII, 20, 4 na Nuova Biblioteca e XII, 21 em Dombart e Kalb. Das edições em português, foram conferidas a de Lisboa (Arnaldo do Espírito Santo e outros, Imprensa Nacional–Casa da Moeda) nos livros VII, X e XI das *Confissões* e em *A Trindade*; a de Lorenzo Mammì, numa cópia digital sem paginação, por isso sempre com [página a confirmar]; a de J. Dias Pereira para a *Cidade de Deus*, em cópia com ruído de digitalização; Amarante só por via secundária. Nenhuma edição portuguesa de *O livre-arbítrio*, do *Enchiridion*, das obras da graça, das cartas ou do *De magistro* foi aberta: o estudo as traduz do latim e o diz. O estudo verte *distentio* por “distensão”; a edição de Lisboa diz “extensão” e, em XI, 29, 39, “dispersão”. As teses dos intérpretes foram quase todas apenas nomeadas; as obras que o estudo só nomeia, sem abrir, levam a nota “obra não aberta”, e o que falta completar leva a marca “a completar”. Nada foi completado de memória.

Agostinho — texto latino (Nuova Biblioteca Agostiniana, via augustinus.it; Dombart–Kalb para a Cidade de Deus)

1. AGOSTINHO. *Opera omnia*, texto latino da Nuova Biblioteca Agostiniana (Roma: Città Nuova), lido nas páginas de augustinus.it em outubro de 2026. Obras lidas no latim: *Confissões*, *Cidade de Deus*, *De magistro*, *De vera religione*, *Solilóquios*, *A Trindade*, *Enchiridion*, *Ad Simplicianum*, *De spiritu et littera*, *De gratia et libero arbitrio*, *De correptione et gratia*, *De dono perseverantiae*, *De natura boni*, *De ordine*, *Cartas* 93 e 185, *Sermões* 169 e 340, *Regra* (*Praeceptum*). A numeração é a da Nuova Biblioteca; onde difere da edição consultada (por exemplo, *De magistro* XI, 38; *Sermão* 169, 11, 13; *Cartas* 93, 5, 17 e 185, 6, 24), o capítulo o diz. Os títulos de seção que o sítio intercala entre os parágrafos não são de Agostinho e não foram transcritos. [Ano e volume de cada obra na coleção: a completar.]
2. AGOSTINHO. *O livre-arbítrio* (*De libero arbitrio*). O texto impresso em augustinus.it parece ser o dos beneditinos de Saint-Maur, não o do *Corpus Christianorum* (CCSL 29). [Edição latina a confirmar antes de qualquer citação com pretensão crítica.]
3. AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Edição de Bernhard Dombart e Alfons Kalb, para a numeração: XII, 21 em Dombart–Kalb (e em Dias Pereira) equivale a XII, 20, 4 na Nuova Biblioteca. [Edição não aberta; dados bibliográficos a completar. A letra de XII, 21 foi lida na Nuova Biblioteca, com a variante *Initium ergo* × *Hoc ergo* a conferir; ver as Conferências pendentes.]

4. AGOSTINHO. Latim não aberto: *Retractationes* (usadas só como paráfrase, localização a confirmar); *Cidade de Deus* XV, 22 (a letra da *ordo amoris*); *Sermão* 340/A (o “Discurso 340/A” que Leão XIV cita é outro sermão, não o 340); *Regra* além de 1, 2–3.

Agostinho — traduções em português (edições de consulta e intermediários)

1. AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel; introdução de M. B. da Costa Freitas. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2001 (data da folha de rosto da cópia da LusoSofia.net; Cardoso cita “Lisboa, 2004”). [Edição de consulta, só dos livros VII, X e XI, em cópia digital que traz só o português; grafia de Lisboa mantida dentro das aspas. Em XI, 20, 26 o arquivo traz “respeitante ao às coisas passadas”, provável erro de digitação, citado com [sic].]
2. AGOSTINHO. *A Trindade* (*De Trinitate*). Trad. Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato e Maria Cristina Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda. [Edição de consulta dos livros IX a XIII, em PDF da LusoSofia.net; editora a confirmar. Não é a tradução de Belmonte indicada no plano. Em XII, 7, 12 o tradutor acrescenta o sujeito “as mulheres” a *renovantur*, que o latim não traz.]
3. AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2017. [Edição de consulta numa cópia digital sem paginação; a numeração de Mammì repete só capítulo e parágrafo dentro do livro; toda página é [página a confirmar]. Prefácio e notas lidos nessa cópia; as pp. 111 e 113 (IV, 16, 28 e 30) chegam por Ayoub (2018). A proveniência da cópia deve ser conferida contra a edição impressa.]
4. AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Trad. J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª ed., vol. I; vol. II, 2000. [Edição de consulta dos livros I, IX, XII e XIV, em cópia digitalizada com ruído de OCR (“tomou”/“tornou”; a palavra grega *apatheia* ilegível); as páginas entre colchetes são marcas da cópia, não da edição impressa. O vol. III (livros XIX e XXII) não foi aberto.]
5. AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 15.ª ed., 2002. [Não aberta; por intermediário: artigo de *Espaço Teológico* 8 (14), 2014, p. 95, para X, 33, 50 (“tornei-me para mim mesmo um problema”) e VIII, 5, 10.]
6. AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 2.ª ed., 1980. [Cópia digital em OCR, sem paginação; não é a edição de 1973 citada no plano. Tradução livre em vários pontos

(“alma” por *animus*, “luxúria” por *libido*, “grande problema” em IV, 4, 9): nunca citada como literal. Gagnebin lê XI, 14, 17 nela.]

7. AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus (1995, p. 142, em Cunha, 2016; 2008, pp. 147, 150 e 152, em Vahl, 2015). [Não aberta; só por esses dois artigos.]
8. AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes (3.ª ed., 1991, em M. R. N. Costa, 1998; 2012, v. 2, p. 83, em Vahl, 2015). [Não aberta; só via secundária.]
9. AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Trad. E. L. de Souza Campos. Niterói: Valdemar Teodoro Editor, 2022. [Fora da lista de edições do plano; tradução livre (em XIX, 13 troca “tranquilidade da ordem” por “ordem tranquila”). Não citada nos capítulos; não citar sem conferir.]
10. AGOSTINHO. *De magistro*. Trad. Antonio A. Minghetti, bilíngue. Porto Alegre: Editora Fi, 2015. [Aberta, mas o arquivo em colunas entrelaçadas não permitiu transcrever o português com segurança; nenhum trecho dele é citado.]
11. Não foram abertas edições portuguesas de *O livre-arbítrio* (além dos trechos do n.º 11), do *Enchiridion*, do *De doctrina christiana*, das obras da graça (*Ad Simplicianum*, *De spiritu et littera*, *De gratia et libero arbitrio*, *De correptione et gratia*, *De dono perseverantiae*), das cartas, dos sermões, do *De vera religione*, dos *Solilóquios* e do *De magistro*. Nas Fontes, essas passagens levam [tradução do estudo], com o latim ao lado; é instrumento de pesquisa, não edição, e a citação definitiva em português pede revisor com as edições impressas à mão.

Agostinho — traduções inglesas, italianas e espanholas usadas

1. AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. inglesa em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, via New Advent. [Tradutor a conferir: a pesquisa de fontes do estudo registra Pilkington e Pusey. Usada como cotejo, V-en.]
2. AGOSTINHO. *Cidade de Deus*. Trad. Marcus Dods, via New Advent (*Nicene and Post-Nicene Fathers*). *A Trindade*. Trad. Arthur West Haddan, mesma coleção. [Cotejo, V-en. Nomes de batismo e anos de edição: a completar.]
3. AGOSTINHO. *Enchiridion*. Trad. Shaw. *Doutrina cristã*. Trad. Shaw. *Obras antipelagianas*. Trad. Holmes e Wallis, revistas por Warfield. *De natura boni*. Trad. Newman. *Carta* 93. Trad. Cunningham. *Carta* 185. Trad. King. *Homilias sobre a Primeira Carta de João*. Trad. Browne. Todas em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, via New Advent. [Cotejo, V-en; prenomes e anos: a completar.]
4. AGOSTINHO. Tradução italiana: nenhuma foi usada; a Nuova Biblioteca Agostiniana (Città Nuova) serve ao estudo só pelo latim.

5. AGOSTINHO. *Obras de San Agustín*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), bilíngue; t. XVI, 6.ª ed., 2007, com introdução e notas de Victorino Capánaga. [Não aberta; nenhuma tradução espanhola de Agostinho foi conferida. As leituras em espanhol do estudo são de Ricoeur (*O mal*, edição espanhola, p. 38; *O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 292–293), por intermédio do Estudo IX.]

A tradição — intérpretes, em ordem alfabética

1. ALTVATER, Fernanda Elena Tenório. *A origem das duas cidades em Agostinho: da criação à vida feliz*. Dissertação, UEM, 2017. [Lida só no que o a pesquisa de fontes do estudo transcreve, sobre *Cidade de Deus* XIX, 13; paráfrase da autora; não citada nos capítulos.]
2. ANDRADE, Ramires Henrique de. *Novena bíblica em louvor a Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 1.ª ed., 2026. [Intermediário de “Para vocês, sou bispo” (*Sermão* 340, 1), sem tradutor nomeado; não citada nos capítulos.]
3. ANDREATTA, Danilo. *A inquietude do homem segundo Agostinho: um estudo do tema nas Confissões, livros I, VIII e X*. Dissertação, UNESP, Marília, 2014. [Lida no resumo; não citada nos capítulos.]
4. AYOUB, Cristiane Negreiros Abbud. “O meneio agostiniano das categorias aristotélicas nas *Confissões*”. *Ética e Filosofia Política* XXI (2), dez. 2018 (UFJF). [Artigo lido; intermediário de Mammì, *Confissões* IV, 16, 28 (p. 111) e IV, 16, 30 (p. 113), e de Brown (2015), pp. 59–60; páginas a confirmar (p. 132 e arredores).]
5. BARBERINO RODRIGUES [prenome a completar]. [Título a completar]. *Primeiros Escritos* 1 (1), 2009, pp. 237–250. [Orientador: Moacyr Novaes. Lê o roubo das peras como “aversão voluntária à unidade divina”; só pelo a pesquisa de fontes do estudo; não citado nos capítulos.]
6. BIDO, Mateus. [Título a completar]. TCC, UFFS, 2022. [Intermediário de Ricoeur, *Tempo e narrativa* I, sobre a percepção temporal como discordância da alma; páginas do original a confirmar; só pelo a pesquisa de fontes do estudo.]
7. BROWN, Peter. “St. Augustine’s Attitude to Religious Coercion”. *Journal of Roman Studies* 54 (1964), pp. 107–116. — *Santo Agostinho: uma biografia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005 (o a pesquisa de fontes do estudo cita a edição brasileira “de 2015”, segundo Ayoub; título exato e editora dessa edição a confirmar), pp. 59–60. [Obras não abertas; do artigo só foram conferidos a existência e a localização (Crossref); tese a confirmar; capítulos da biografia não verificados.]

8. CAPÁNAGA, Victorino. Introdução e notas em AGOSTINHO, *Obras de San Agustín*, BAC, t. XVI (ver o n.º 20). [Obra não aberta; tese a confirmar.]
9. CARDOSO, Cléver. “Análise do Parágrafo 16 do L. VII das *Confissões*, de Santo Agostinho”. *Humanidades em Diálogo* (USP) IV (2) [ano a confirmar]. [Lido no resumo; usa a edição de Lisboa, que data de “2004”.]
10. CHADWICK, Henry. *Augustine of Hippo: A Life*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 89. [Obra não aberta; a página vem citada em obra secundária; tese a confirmar.]
11. COSTA, Daniel Rodrigues da. “O problema da extensão do conhecimento na hipótese regulacionista da iluminação em Agostinho de Hipona”. *Kriterion* 146, ago. 2020, pp. 363–380. [Artigo lido por inteiro; intermediário de Gilson (regulacionismo).]
12. COSTA, Marcos Roberto Nunes. “A dialética das duas cidades na teologia/filosofia da história de Santo Agostinho”. *Veritas* 43 (4), dez. 1998, pp. 1053–1069. [Lido no resumo; localiza a frase dos dois amores em XIV, 29, e o correto é XIV, 28.] — “Tempo e Eternidade em Santo Agostinho”. *Mirabilia* 11, 2010 [páginas a confirmar; lido no resumo e na conclusão]. — *Maniqueísmo: história, filosofia e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003. [Obra não aberta; tese a confirmar.]
13. CUNHA, S. P. [prenome a completar]. “A inexistência do Mal e a graça de Deus”. *Occursus* 1 (1), 2016. [Artigo lido; intermediário de AGOSTINHO, *O livre-arbítrio*, Paulus, 1995, p. 142; páginas do artigo a completar.]
14. DALPRA, Fábio. “O sentido do termo *confiteri* no pensamento de Agostinho de Hipona”. *Ética e Filosofia Política* 14 (1), jul. 2011. [Lido no resumo; não citado nos capítulos.]
15. DODARO, Robert. *Christ and the Just Society in the Thought of Augustine*. [Título de memória, a confirmar; dados a completar; obra não aberta; tese a confirmar.]
16. *Espaço Teológico* 8 (14), 2014, p. 95. [Artigo de autoria e título a completar; intermediário de Amarante, *Confissões* X, 33, 50 (ver o n.º 9).]
17. EVANS, Gillian R. *Augustine on Evil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. [Obra não aberta; tese a confirmar.]
18. GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Dizer o tempo”. *Cadernos de Subjetividade* 2 (1–2), 1994, pp. 27–36 (citada nas pp. 33–34); reunido em *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. [Artigo lido; lê Ricoeur e usa a trad. de Oliveira Santos e Pina (n.º 10) para XI, 14, 17.]
19. GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2006; 2.ª ed., 2010. [Original: Paris: Vrin, 1929 segundo o a pesquisa de fontes do estudo; 1969 segundo o a pesquisa de

fontes do estudo, que cita também *L’esprit de la philosophie médiévale* (1948) e *Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien* (1930): a completar. Obras não abertas; tese a confirmar; o regulacionismo chega por D. R. da Costa (n.º 31).]

20. GRONDIN, Jean. Resenha de MARION, *Au lieu de soi*. *La Vie des idées*, 5 jan. 2009. [Lida; intermediário de Marion; data o curso de Heidegger de 1920–21 (GA 60), onde Santos diz “verão de 1921”.]
21. LAWLESS, [prenome a completar]; VERHEIJEN, [prenome a completar]. [Nomeados no a pesquisa de fontes do estudo a propósito da autoria agostiniana das regras monásticas (*Praeceptum*); obras não abertas; tese a confirmar.]
22. LEÃO XIV. Discurso aos bispos ordenados no último ano, Sala Clementina, 11/9/2025. Santa Sé, versão portuguesa. [Lido; cita “Discurso 340/A, 1” (“quem preside o povo deve compreender que é servo de muitos”); o *Sermão* 340/A não foi aberto em latim.]
23. MADEC, [prenome a completar]. *Petites études augustiniennes*. Paris: Études Augustiniennes, 1994. [Obra não aberta; só a referência em Novaes (2003); nenhuma tese afirmada.]
24. MAMMÌ, Lorenzo. Prefácio às *Confissões* (n.º 7): “basta ler o relato da conversão no Livro VIII […] toda decisão é dádiva”. [Lido na cópia digital; página a confirmar. Introdução e notas fora do prefácio: obra não aberta.]
25. MARION, Jean-Luc. *Au lieu de soi. L’approche de saint Augustin*. Paris: PUF, col. Épiméthée, 2008. [Obra não aberta; tese pela resenha de Grondin (n.º 40); a resenha dá o livro em 441 e em 421 páginas.]
26. MARKUS, Robert. *Saeculum: History and Society in the Theology of St Augustine*. [Dados a completar; obra não aberta; tese a confirmar.]
27. MARROU, [prenome a completar]. [Obra a completar.] [Aparece em nota de Ayoub, com Tréhorel e Boissou (*Bibliothèque Augustinienne*, 1962), na discussão da tradução latina das *Categorias*; tese não isolada; tese a confirmar.]
28. MARTINS, Antônio Henrique Campolina. “Um comentário sociológico-político sobre a *Cidade de Deus* de Agostinho”. *Revista Ética e Filosofia Política* 12 (2), jul. 2010. [Abre com a frase dos dois amores, atribuída a Dias Pereira (Lisboa, 1995), com redação que difere da cópia aberta; outras teses não conferidas.]
29. MATTHEWS, [prenome a completar]. [Nomeado sem obra; obra não aberta; nada afirmado.]
30. MORAES, Suelma de Souza. “A narratividade em busca da identidade no livro X das *Confissões*”. UEPA [periódico e ano a completar]. [Lido no resumo; não citado nos capítulos.]

31. NOVAES, Moacyr. “Interioridade e inspeção do espírito na filosofia agostiniana”. *Analytica* 7 (1), 2003, pp. 97–112 (citado nas pp. 98–99). [Artigo lido por inteiro.] — “Eternidade em Agostinho, interioridade sem sujeito”. *Analytica* 9 (1), 2005, a partir da p. 93 [páginas finais a completar]. [Lido.] — *A razão em exercício*. Discurso Editorial, 2007. [Obra não aberta; tese a confirmar.] — “Linguagem e verdade nas *Confissões*”. Em PALACIOS, P. M. (org.), *Tempo e razão: 1600 anos das Confissões*. São Paulo: Loyola, 2002. [Obra não aberta.]
32. O’DONNELL, [prenome a completar]. [Comentário às *Confissões*, em stoa.org/hippo, que devolveu erro ao ser aberto.] [Obra não aberta; nada afirmado.]
33. OLIVEIRA, Lucio Antônio de. “Agostinho e o télos humano”. *Controvérsia* 18 (1), 2022 (doi 10.4013/con.2022.18.1.05). [Lido no resumo; não citado nos capítulos.]
34. RIBEIRO, Martha. “O tempo em desalinho: estudo sobre a natureza do tempo no Livro XI das *Confissões* de Agostinho”. [Periódico e ano a completar.] [Lido no corpo e na conclusão; não citado nos capítulos; intermediário de Ricoeur, *Tempo e narrativa* I, p. 81.]
35. RIST, John M. *Augustine: Ancient Thought Baptized*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, XIX + 334 pp. (pp. 242–245 por indicação da *Stanford Encyclopedia*). [Obra não aberta; resenha em *Theologie und Philosophie*, 2/1995, p. 273, com OCR parcial; tese a confirmar.]
36. ROSSATO, Noeli Dutra. “Narrativas do tempo: Agostinho e Joaquim de Fiore”. *Mirabilia* 11, 2010 [páginas a confirmar; o arquivo indica pp. 93–121]. [Lido no resumo; não citado nos capítulos.]
37. SANTOS, Bento Silva. [Título a completar]. *Trans/Form/Ação* 42 (n.º especial), 2019, pp. 135–158; [título a completar]. *Aufklärung* 8 (1), 2021, pp. 11–22. [Intermediário de Heidegger, curso de verão de 1921 (GA 60), “Agostinho e o neoplatonismo”.]
38. SANTOS, Renato Rodrigues dos. “A interioridade e a busca da felicidade nas *Confissões* de Agostinho”. *Primeiros Escritos* 8, 2017, a partir da p. 134 [páginas finais a completar]. [Lido no resumo e no corpo.]
39. SCHERER, Fábio César. “Memória e interioridade nas *Confissões*”. *Controvérsia* 2 (2), jan.–jun. 2006, pp. 34–42. [Artigo lido por inteiro.]
40. TEIXEIRA, W. de J. [prenome a completar]. [Título a completar]. *Ipseitas* 6 (1), 2020, pp. 386–395. [Intermediário de Taylor, *Sources of the Self*, p. 131; artigo não salvo, nome e página a conferir.]
41. TORNAU, Christian. “Augustine of Hippo”. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2019, rev. 2024; §5.2 (o mestre interior). [Lido. A autoria é identificada no a

pesquisa de fontes do estudo; o a pesquisa de fontes do estudo e o capítulo 1 dizem “autoria a confirmar”. Guia de bibliografia: remete a Rist e a Wetzel.]

42. UÑA JUÁREZ, Agustín. [Obra a identificar.] [Nenhuma edição verificada; tese a confirmar.]
43. VAHL, M. J. “O paradoxo da liberdade em Santo Agostinho”. *Intuitio* 8 (1), 2015. [Artigo lido; intermediário de AGOSTINHO, *A cidade de Deus*, Vozes, 2012, v. 2, p. 83 (XII, 6), e de *O livre-arbítrio*, Paulus, 2008, pp. 147, 150 e 152; páginas do artigo a completar.]
44. WETZEL, James. *Augustine and the Limits of Virtue*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, pp. 126–138 (por indicação da *Stanford Encyclopedia*, sobre as *Confissões* VIII); *Parting Knowledge*. Cascade, 2013. [Obras não abertas; tese a confirmar.]
45. WIKIPÉDIA em inglês. “Augustine of Hippo”. [Lida para Milão, batismo e episcopado; fonte de apoio, não de tese; divergências de data no a pesquisa de fontes do estudo.]
46. XAVIER, Maria Leonor. [Obra e edição não localizadas.] [Nenhuma tese pode ser atribuída a ela.]

As casas e os autores que virão

1. TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica* I, q. 84, a. 5, resposta; I-II, q. 109, aa. 1–2, respostas. Corpus Thomisticum, texto leonino. [Latim conferido, V-lat; português não aberto; I-II, q. 24 (as paixões) não aberta, tese a confirmar.]
2. LUTERO, Martinho. *Disputa de Heidelberg* (1518), teses 13 e 28. BookOfConcord.org, em inglês. [V-en; tradutor a confirmar; a página extraída não traz numerais, e a numeração das teses é a tradicional. Latim (WA 1, 353–354) não aberto: [localização a confirmar].]
3. PASCAL, Blaise. *Pensées*, 283 e 284 (numeração de Trotter). Trad. W. F. Trotter, Project Gutenberg #18269. [V-en; numeração de Brunschvicg a confirmar.] — *Le mystère de Jésus*, §2. *Œuvres complètes*. Paris: Hachette, 1871, via Wikisource. [V-fr.]
4. SÊNECA. *Cartas a Lucílio* 6, 6 e 104, 27–28. Trad. R. M. Gummere, Loeb, 1917, via Wikisource, em inglês (dados do Estudo X); latim não aberto; páginas do Loeb a confirmar. — Sêneca citado por Agostinho, *Cidade de Deus* VI, 10–11 (latim de augustinus.it, V-lat). [Sêneca e Epicteto entram na Ficha do Estudo II e na decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X.]
5. CÍCERO. *Hortensius*: só pelo que Agostinho diz em *Confissões* III, 4, 7 (latim em augustinus.it; inglês de Pusey, V-en). — *De re publica*: só pela exposição de Cipião

em Agostinho, *Cidade de Deus* XIX, 21 (V-lat). [Obras de Cícero não abertas.]

6. HEGEL, G. W. F. *Lectures on the History of Philosophy*, vol. III. Trad. E. S. Haldane. Project Gutenberg, pp. 37, 291 e 294. [V-en; páginas deduzidas do índice, a conferir; o *De dialectica* e o *De categoriis* atribuídos a Agostinho são [autenticidade disputada]; Malebranche é quem cita Agostinho, e Hegel o resume. *Filosofia da História* não aberta. Para a edição de Haldane e Simson, 1894, vol. 2, e as páginas do alemão (*Werke* 19), ver o Estudo X.]
7. KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de ironia*. [Obra não aberta; nenhuma passagem sobre Agostinho foi aberta; só se achou uma tese (Barrett) que não cita a letra; tese a confirmar.]
8. HEIDEGGER, Martin. Curso de verão de 1921, “Agostinho e o neoplatonismo” (GA 60): [V via secundária: Santos, 2019 e 2021 (n.º 57)]; *Sein und Zeit*, §81, pp. 427–428, edição bilíngue [edição a completar], que cita *Confissões* XI, 26, 33. [Obras não abertas, salvo a letra latina que Heidegger cita.]
9. JASPERS, Karl. *Drei Gründer des Philosophierens: Plato, Augustin, Kant*. München: Piper, 1957 (398 pp.); trad. francesa de Jeanne Hersch, *Les grands philosophes II*. Paris: Union générale d’éditions, 1967. [Só catálogo (registros 53210 e 53213 de findingaugustine.org); capítulo não aberto.] — *Os grandes filósofos*, vol. I, trad. Manheim, 1962, na resenha de Carroll Quigley, *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962 [V-en via secundária; “indivíduos paradigmáticos”, “pensadores seminais”]. — *Philosophie* (1932), por Ricoeur, *La mémoire, l’histoire, l’oubli*, p. 596 [paráfrase; localização a confirmar].
10. MARCEL, Gabriel. *Ser e ter* (1935) e *Homo viator* (1944). [Obras não abertas; por intermédio do Estudo IX, 5.5; paráfrase; localização a confirmar.]
11. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*, pp. 138 e 134. [Não aberta; por intermédio do Estudo VIII, 1.5.]
12. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* I. Trad. Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1994, p. 41 (por intermédio do Estudo IX, 5.3); p. 81 (por Ribeiro). — “O pecado original: estudo de significação”. Trad. José M. S. Rosa, LusoSofia.net; original em *Le conflit des interprétations*. Paris: Seuil, 1969, p. 277 [V-pt: Rosa; francês não aberto; localização a confirmar]. — *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Seuil, 2000, pp. 465 e 596 (por intermédio do Estudo IX, 4.2 e 5.5). — *O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 292–293; *O mal*, edição espanhola, p. 38 (por intermédio do Estudo IX, 5.3 e 5.5). [Também nomeados no a pesquisa de fontes do estudo: *O conflito das interpretações*, trad. F. M. Sá Correia, Rés, 1988; *Finitud y culpabilidad*, Trotta, 2.ª ed., 2011; *O mal*, Papirus: não abertos, tese a confirmar.]

13. ARENDT, Hannah. *O conceito de amor em Santo Agostinho* (1929). Trad. Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget (2007 ou s.d., segundo os registros) [paráfrase; localização a confirmar]. — *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2.ª ed., 2010, pp. 351 e 357 [tese a confirmar; lida só no que a obra secundária transcreve]. — *The Human Condition*. Chicago, 1958, p. 9 (por intermédio do Estudo VII, 5.4); *A condição humana* e *As origens do totalitarismo* (1951) [paráfrase; localização a confirmar]. — "Thinking and Moral Considerations" (1971); *Eichmann em Jerusalém* [por intermédio do Estudo VII, 5.4 e do Estudo IX, 5.4; localização a confirmar]. [A variante *initium ut esset* de Arendt diante do *Hoc ergo* da Nuova Biblioteca e a frase atribuída a *O livre-arbítrio* III, 1, 2 não foram achadas: ver as Conferências pendentes.]
14. BUBER, Martin. *Between Man and Man*, "What Is Man?", cap. 2, p. 129. Trad. R. G. Smith. [V-en; página a confirmar.] — *Eu e Tu*, p. 66; "Die Lehre und die Tat" (1934); "Falsche Propheten" (1940); "Eine Feststellung" (1914). [Todos só por Šajda, *Filozofia* 80/4 (2025), pp. 574–587, passagens entre as pp. 575 e 580; nada se achou sobre Agostinho em *Eu e Tu* inteiro nem em *O caminho do homem*.]
15. TAYLOR, Charles. *Sources of the Self*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1989, cap. 7, p. 131. [V-en via secundária: Teixeira (n.º 60); localização a confirmar.] — "The Politics of Recognition". Em GUTMANN, Amy (org.), *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 41 [por intermédio do Estudo VII, 3.1].
16. ARISTÓTELES. *Física* IV, 12, 221a30–b3, e IV, 14, 223a21–29. Trad. Hardie e Gaye, em inglês (material do Estudo XI). — *Categorias*: só pela leitura solitária que Agostinho conta em *Confissões* IV, 16, 28 (Ayoub). — *Ética a Nicômaco*, *Da alma*, *Metafísica*: paráfrase; localização a confirmar.
17. PLATÃO. Diálogos e *Cartas*: edições, traduções e intérpretes na bibliografia do Estudo X; os livros dos platônicos (*Confissões* VII, 9, 13–14; 20, 26) e a identificação com Plotino e Porfírio são [tese a confirmar] (Estudo X, 4.2). Plotino e Porfírio não foram abertos.
18. BUDISMO, VEDANTA E TAOÍSMO. Nenhum intérprete nomeado os aproxima de Agostinho. Nele há só os indianos entre os sábios de outras gentes (*Cidade de Deus* VIII, 9) e os gimnosofistas nus (XIV, 17), sem obra, doutrina nem nome. É achado, não lacuna de pesquisa.

O cânon e os escritos

1. *Cânon do Lumen Fluens*, v1.2 (texto publicado), citado por seção: "Origem", "Os Quatro Pilares" (I a IV, com "Princípio", "Prática", "Virtude", "Mutatio", "Flumen"), "A Vigília", "O Abrigo", "As Águas Comuns", "A Bússola", "A Regra

da Misericórdia”, “Regra de Vida” (“Ritmo diário”, “Ritmo de estação”), “Independência confessional”, Parte II (“Regra da ocasião”, “Tom e estilo”). A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

2. *Tratado da Luz Interior*, por seção (“Definição”, “Fundamentação”, “Objeção provável e resposta breve”, “Síntese”).
3. *Tratado da Vigília*, por seção (“O problema que responde”, “Definição”, “Fundamentação”, “Objeção provável e resposta breve”, “Síntese”).
4. *Tratado das Águas Comuns*, por seção (“Definição”, “Fundamentação”, “Síntese”).
5. *Disputatio: A luz interior é compatível com a experiência do mal?*, por parte (1, “Objeção II”; 2, “Sed contra”; 3, “Respondeo”; 4, “Ad primum”), e a nota da edição.
6. *Catecismo*, pelo número da pergunta (3, 4, 6, 7, 8, 16, 24, 36, 40, 48).
7. *Meditações Práticas*, pelo título da meditação (“O Examinar da noite”, “A mudança deliberada da semana”, “A Regra da Misericórdia”, “A celebração maior”).
8. *Estudo Comparado VII: Lumen Fluens e Hegel*, versão integral, por seção (em especial 2.3, 3.3, 4.2, 4.3, 5.4 e 6.3).
9. *Estudo Comparado VIII: Lumen Fluens e Levinas*, versão integral, por seção (em especial 1.5 e 4.5).
10. *Estudo Comparado IX: Lumen Fluens e Ricoeur*, versão integral, por seção (em especial 4.2, 4.4, 5.3, 5.5 e 6.3).
11. *Estudo Comparado X: Lumen Fluens e Platão*, versão integral, por seção (em especial 4.1, 4.2, 5.2 e 6.3).
12. *Estudo Comparado XI: Lumen Fluens e Aristóteles*, entregue junto com este estudo, por seção (em especial 5.1 e 6.3, e a letra (al) das questões). [As questões do XI vão de (ag) a (an); o a pesquisa de fontes do estudo foi escrito antes de o XI existir nas fontes.]
13. *Decisões do fundador*, 17 de outubro de 2026, n.º 1 a 7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII (1 fórmula; 2 segunda pergunta; 3 a Lux antes do Abrigo; 4 a mão que retoma; 5 o lobo; 6 o léxico e Adorno; 7 a Mutatio feminina).
14. *Decisões do fundador*, 19 de outubro de 2026, n.º 1 a 12, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII.
15. *Decisões do fundador*, 23 de outubro de 2026, sobre o Estudo IX, n.º 1 a 13, numeradas como no Prólogo do Estudo IX.
16. *Decisões do fundador*, 23 de outubro de 2026, sobre o Estudo X, n.º 1 a 10, numeradas como no Prólogo do Estudo X (arquivo decisoes-do-fundador-23-10-x.md).

17. Fichas dos Estudos I a VII (resumos de estudo, **não cânon**), nas versões publicadas; lidas em fichas-estudos-i-vii.txt (pasta de fontes do Estudo VIII, fora da pasta do XII). Citadas: Ficha do Estudo III (blocos “toca” e “separa”), II, I, IV, V, VI e VII.

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

Agostinho

1. Prólogo · *Confissões* III, 6, 11 · *interior intimo meo*, “mais interior do que o meu íntimo” · ver 1.6 e 2.2 · [V-lat; tradução do estudo]
2. Prólogo · *Confissões* X, 27, 38 · “dentro de mim e eu fora” · ver 1.6 e 2.2 · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
3. Prólogo · *Confissões* VII, 12, 18 · o mal “não é substância” · ver 1.7 e 2.3 · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
4. Prólogo · *Confissões* VII, 10, 16 · a luz imutável · ver 1.2 · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
5. Prólogo · *Ad Simplicianum* I, 2, 16 · “uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina” · ver 3.2 · [V-lat; tradução do estudo]
6. Prólogo · *De correptione et gratia* 13, 39 · “o número dos eleitos é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” · «Certus est numerus electorum, neque augendus neque minuendus» · ver 1.11 e 3.2 · [V-lat; tradução do estudo]
7. Prólogo · *Confissões* XI, 28, 38 · “em todo o século dos filhos dos homens” · «in toto saeculo filiorum hominum» · ver 3.5 · [V-lat; tradução do estudo]

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Origem” · “como a voz que dizia tolle, lege no jardim de Agostinho”; “O eterno dança no tempo” · ver 2.8
2. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · *interior intimo meo*; *noli foras ire*; o “mestre interior” que “ensina antes de qualquer voz externa”; “sua principal herança”; “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca”; “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” · ver 2.1, 2.2 e 3.2
3. Prólogo · Disputatio, 2, “Sed contra” · “não é substância, mas privação do bem”; “a última palavra sobre o que uma pessoa vale” · ver 2.3
4. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio […] A filosofia não decide isso por ninguém” · ver 3.1
5. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” · ver 3.2
6. Prólogo · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “não é programa político” · ver 2.6
7. Prólogo · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, n.º 11 · a ordem dos clássicos
8. Prólogo · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, n.º 3, 6, 7 e 9 · o sol é estrutura; só templo; o veto é a própria Luz; “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”

9. Prólogo · Estudo X, 5.2 e 6.3; Estudo XI, 5.1; Estudo IX, 5.3; Estudo VII, 4.3 · as prévias e as tarefas deixadas; “estrutura que as duas letras partilham; quem dá, o cânon não diz”; “não é apoio nem objeção”

Capítulo 1 — Agostinho em sua melhor forma

Agostinho

1. 1.1 · *Confissões* III, 4, 7, Mammì · o *Hortensius* muda afeto e preces · «mutavit affectum meum» · [paráfrase; V-lat]
2. 1.1 · *Confissões* I, 1, 1 · “porque nos fizeste para ti […]” · «quia fecisti nos ad te et inquietum […]» · [V-lat; tradução do estudo]
3. 1.2 · *Confissões* VII, 9, 14 · “isso não li ali” · «non ibi legi» · [V-lat; tradução do estudo]
4. 1.2 · *Confissões* VII, 10, 16, Espírito Santo · “entrei no mais íntimo de mim […]”; “superior a mim […]” · «intravi in intima mea duce te […] […]»; «superior, quia ipsa fecit me» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
5. 1.2 · *Confissões* VII, 17, 23, Espírito Santo · “era arrebatado para ti […] o hábito carnal” · «pondus hoc consuetudo carnalis» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
6. 1.2 · *Confissões* VII, 17, 23 e VII, 20, 26 · o padrão acima da mente mutável; “fraco demais para fruir” · «nimis tamen infirmus ad fruendum te» · [paráfrase; V-lat]
7. 1.3 · *Confissões* VIII, 5, 10, Mammì · “da vontade pervertida nasce a libido […]” · «facta est consuetudo, et dum consuetudini non […]» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
8. 1.3 · *Confissões* IX, 12, 30 · o costume do convívio com a mãe · «consuetudine simul vivendi» · [paráfrase; V-lat]
9. 1.3 · *Confissões* VIII, 9, 21, Mammì · “a alma ordena a si mesma […] nenhuma delas […]” · «Et ideo sunt duae voluntates, quia una […]» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
10. 1.3 · *Confissões* VIII, 10, 22, Mammì · as duas mentes dos maniqueus · «duas naturas duarum mentium» · [paráfrase; V-lat]
11. 1.3 · *Confissões* VIII, 12, 29, Mammì · “Pega, lê, pega, lê”; “uma luz de certeza […]” · «Tolle lege, tolle lege»; «quasi luce securitatis infusa cordi meo omnes […]» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
12. 1.4 · *Confissões* X, 3, 3, Espírito Santo · “O que é ouvirmos-te falar de nós mesmos […]” · «Quid est enim a te audire de […]» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
13. 1.4 · *Confissões* X, 6, 8 e X, 8, 12 · uma certa luz, uma certa voz; planícies e palácios da memória · «amo quamdam lucem et quamdam vocem»; «lata praetoria memoriae» · [paráfrase; V-lat]
14. 1.4 · *Confissões* X, 8, 15 · “e eu mesmo não apreendo tudo o que sou” · «nec ego ipse capio totum, quod sum» · [V-lat; tradução do estudo]
15. 1.4 · *Confissões* X, 26, 37 · o que aprendeu estava em quem está acima de si · «in te supra me» · [paráfrase; V-lat]
16. 1.4 · *Confissões* X, 33, 50, Mammì · “tornei-me uma questão para mim mesmo […]” · «mihi quaestio factus sum, et ipse est […]» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
17. 1.4 · *Solilóquios* II, 1, 1 · “que eu me conheça, que eu te conheça” · «noverim me, noverim te» · [V-lat; tradução do estudo]

18. 1.5 · *Confissões* XI, 14, 17, Espírito Santo · “Se ninguém mo pergunta, sei o que é […]”; “tende a não ser” · «Si nemo ex me quaerat, scio; si […]»; «tendit non esse» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo; tradução do estudo para “tende a não ser”]
19. 1.5 · *Cidade de Deus* XI, 6 · o tempo feito com o mundo · «non in tempore, sed cum tempore» · [paráfrase; V-lat]
20. 1.5 · *Confissões* XI, 20, 26, Espírito Santo · “Existem na minha alma estas três espécies de tempo […]” · «praesens de praeteritis memoria, praesens de praesentibus […]» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
21. 1.5 · *Confissões* XI, 26, 33; Espírito Santo verte “extensão” · “o tempo não é outra coisa senão extensão […]” · «nihil esse aliud tempus quam distentionem: sed […]» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
22. 1.5 · *Confissões* XI, 28, 38 · “distende-se a vida desta minha ação […]” · «distenditur vita huius actionis meae in memoriam […]» · [V-lat; tradução do estudo]
23. 1.5 · *Confissões* XI, 29, 39, Espírito Santo · “eis que a minha vida é uma dispersão”; “não distraído, mas atraído […]” · «ecce distentio est vita mea»; «non distentus, sed extentus» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
24. 1.5 · *Confissões* XIII, 9, 10 · “O meu peso é o meu amor […]” · «Pondus meum amor meus; eo feror, quocumque […]» · [V-lat; tradução do estudo]
25. 1.6 · *Confissões* III, 6, 11 · “mais interior do que o meu íntimo […]” · «interior intimo meo et superior summo meo» · [V-lat; tradução do estudo]
26. 1.6 · *Confissões* X, 27, 38, Espírito Santo · “E eis que estavas dentro de mim e eu […]” · «Et ecce intus eras et ego foris […]» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
27. 1.6 · *De vera religione* 39, 72 · “volta a ti mesmo […]”; “Tende, pois, para onde a própria luz da razão […]” · «Noli foras ire, in teipsum redi; in […]» · [V-lat; tradução do estudo]
28. 1.6 · *De magistro* XI, 38 (numeração da edição consultada) · “não consultamos quem fala e soa por fora […] […]” · «non loquentem qui personat foris, sed intus […]» · [V-lat; tradução do estudo]
29. 1.6 · *De magistro* XIV, 46 · ninguém é mestre na terra · «ne nobis quemquam magistrum dicamus in terris» · [paráfrase; V-lat]
30. 1.6 · *De Trinitate* XII, 15, 24, Espírito Santo · “é antes de crer que a natureza da mente […]” · «sed potius credendum est mentis intellectualis ita […]» · [V-lat; tradução do estudo]
31. 1.7 · *Confissões* VII, 12, 18, Mammì · “Logo, tudo o que é é bom […]” · «Ergo quaecumque sunt, bona sunt […] quia, […]» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
32. 1.7 · *Confissões* VII, 16, 22 · a perversão da vontade · «voluntatis perversitatem» · [paráfrase; V-lat]
33. 1.7 · *Enchiridion* 11 e 13 · “E o que é, afinal, o que se chama […]” · «Quid est autem aliud quod malum dicitur, […]»; «Non igitur potest esse malum nisi aliquod […]» · [V-lat; tradução do estudo]
34. 1.7 · *O livre-arbítrio* II, 19, 53 e II, 20, 54 · “A vontade, porém, afastada do bem imutável […] peca” · «Voluntas autem aversa ab incommutabili et communi […]»; «quoniam non cogitur, sed est voluntaria» · [V-lat; tradução do estudo]
35. 1.7 · *Cidade de Deus* XII, 7 · “Ninguém procure, pois, a causa eficiente da vontade má […]” · «non enim est efficiens, sed deficiens»; «videre tenebras vel audire silentium» · [V-lat; tradução do estudo]

36. 1.7 · *Confissões* II, 4, 9, Mammì · “amava perecer, amava minha queda […]” · «amavi perire, amavi defectum meum» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
37. 1.7 · *Confissões* VII, 13, 19, Mammì · “E não há absolutamente mal algum para ti […]” · latim não conferido · [V-pt: Mammì; página a confirmar]
38. 1.7 · *Cidade de Deus* XI, 18 · “a beleza do mundo se compõe […] da oposição […]” · «rerum eloquentia contrariorum oppositione saeculi pulchritudo componitur» · [V-lat; tradução do estudo]
39. 1.7 · *Confissões* IV, 4–9 e IX, 12 · o luto do amigo; a morte da mãe · [paráfrase]
40. 1.8 · *Confissões* X, 29, 40, Mammì · “Concede o que ordenas, e ordena o que queres” · «Da quod iubes et iube quod vis» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
41. 1.8 · *Enchiridion* 30 · o homem perdeu a si mesmo e a ele · «libero arbitrio male utens homo et se […]» · [paráfrase; V-lat]
42. 1.8 · *De spiritu et littera* 3, 5 · “A graça é, em verdade, o dom do Espírito […]” · «Gratia vera est donum Spiritus Sancti, quo […]» · [V-lat; tradução do estudo]
43. 1.8 · *De gratia et libero arbitrio* 6, 15 · “Deus não coroa os teus méritos […]” · «non Deus coronat merita tua tamquam merita […]» · [V-lat; tradução do estudo]
44. 1.8 · *Sermão* 169, 11, 13 (numeração NBA) · “Aquele que te fez sem ti não te justifica […]” · «Qui ergo fecit te sine te, non […]» · [V-lat; tradução do estudo]
45. 1.8 · *Ad Simplicianum* I, 2, 16 · “Todos os homens são, pois, […] uma certa massa […]” · «una quaedam massa peccati supplicium debens divinae […]»; «misericordiam iustificationis suae non largiatur» · [V-lat; tradução do estudo]
46. 1.8 · *Enchiridion* 27 · “a massa condenada de todo o gênero humano” · «totius humani generis massa damnata» · [V-lat; tradução do estudo]
47. 1.9 · *Cidade de Deus* I, prefácio, Dias Pereira · a Cidade de Deus peregrina entre os ímpios · «cum inter impios peregrinatur ex fide vivens» · [paráfrase; V-lat]
48. 1.9 · *Cidade de Deus* XIV, 28, Dias Pereira · “Dois amores fizeram as duas cidades […]” · «Fecerunt itaque civitates duas amores duo […]» · [V-lat; V-pt: Dias Pereira]
49. 1.9 · *Cidade de Deus* XIX, 24 · “Povo é a reunião de uma multidão racional […]” · «Populus est coetus multitudinis rationalis rerum quas […]» · [V-lat; tradução do estudo]
50. 1.9 · *Cidade de Deus* XIX, 13, 1 · “a paz de todas as coisas é a tranquilidade […]” · «pax omnium rerum tranquillitas ordinis. Ordo est […]» · [V-lat; tradução do estudo]
51. 1.9 · *Cidade de Deus* XIX, 17 · “chama cidadãos de todas as nações […]”; “na medida em que isso se concede […]” · «ex omnibus gentibus cives evocat atque in […]»; «quantum salva pietate ac religione conceditur» · [V-lat; tradução do estudo]
52. 1.9 · *Cidade de Deus* XIX, 6 · o juiz sábio nas trevas da vida social · «miseria certe hominis, etsi non malitia sapientis» · [paráfrase; V-lat]
53. 1.9 · *De doctrina christiana* I, 4, 4 e I, 27, 28 · “Fruir é aderir a uma coisa por amor […]” · «Frui est enim amore inhaerere alicui rei […]»; «aut amplius diligat quod minus diligendum est» · [V-lat; tradução do estudo]
54. 1.9 · *Cidade de Deus* XV, 22 · letra da *ordo amoris* · livro não aberto pelo estudo · [tese a confirmar; localização a confirmar]
55. 1.10 · *Cidade de Deus* XIV, 3, 2, Dias Pereira · “E não foi a carne corruptível que tornou pecadora […]” · «nec caro corruptibilis animam peccatricem, sed anima […]» · [V-lat; V-pt: Dias Pereira, só a primeira oração; tradução do estudo]

56. 1.10 · *Cidade de Deus* XIV, 5 · “Não é preciso, pois, em nossos pecados e vícios […]” · «Non igitur opus est in peccatis vitiisque […]» · [V-lat; tradução do estudo]
57. 1.10 · *Cidade de Deus* XIV, 7, 2 e XIV, 9, 4 · “A vontade reta é, pois, bom amor […]”; “se não tivéssemos afetos […]” · «Recta itaque voluntas est bonus amor et […]»; «si eas omnino nullas habeamus, tunc potius […]» · [V-lat; tradução do estudo]
58. 1.10 · *Cidade de Deus* XXII, 29, 3–4 e XXII, 30, 5 · se Deus se verá pelos olhos do corpo; “no fim sem fim” · «de re quippe inexperta loquimur»; «Ecce quod erit in fine sine fine» · [paráfrase; V-lat]
59. 1.11 · *De dono perseverantiae* 14, 35 · “Esta é a predestinação dos santos, e nada mais […]” · «Haec est praedestinatio sanctorum, nihil aliud: praescientia […]» · [V-lat; tradução do estudo]
60. 1.11 · *De correptione et gratia* 13, 39 · “O número dos eleitos é certo […]” · «Certus est numerus electorum, neque augendus neque […]» · [V-lat; tradução do estudo]
61. 1.11 · *Enchiridion* 103 · “quando ouvimos e lemos nas Letras Sagradas […]” · «tamquam diceretur nullum hominem fieri salvum nisi […]» · [V-lat; tradução do estudo]
62. 1.11 · *Carta* 93, 5, 17 (numeração NBA) · “Pois minha primeira opinião […]” · «Nam mea primitus sententia non erat, nisi […]» · [V-lat; tradução do estudo]
63. 1.11 · *Carta* 185, 6, 24 (numeração NBA) · “Naqueles que primeiro foram trazidos com brandura […]”; “a quantos forçam […]” · «In illis ergo qui leniter primo adducti […]»; «quoscumque enim cogunt, non cogunt nisi ad […]» · [V-lat; tradução do estudo]
64. 1.11 · *De Trinitate* XII, 7, 12, Espírito Santo · “o homem foi feito à imagem de Deus […]”; “com razão ser figurada […]” · «ibi factus est homo ad imaginem Dei, […]»; «rite potuit in eius corporali velamento figurari […]» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo; tradução do estudo para “não só os homens, mas também as mulheres”, que o latim não traz como sujeito de *renovantur*]
65. 1.11 · *Cidade de Deus* XXII, 17 · “Não é vício o sexo feminino, mas natureza” · «Non est autem vitium sexus femineus, sed […]» · [V-lat; tradução do estudo]

A tradição

1. 1.1 · verbete “Augustine of Hippo”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy* (autoria a confirmar), sobre datas · [V-en]
2. 1.1 · Wikipédia em inglês, “Augustine of Hippo”, sobre Milão, batismo e episcopado · [V-en]
3. 1.2 · Cléver Cardoso, “Análise do Parágrafo 16 do L. VII das *Confissões*”, *Humanidades em Diálogo* IV(2) · [V no resumo: Cardoso]
4. 1.3 · Lorenzo Mammì, prefácio às *Confissões* · “basta ler o relato da conversão no Livro VIII […]” · [V-pt: Mammì; página a confirmar]
5. 1.4 · Renato Rodrigues dos Santos, “A interioridade e a busca da felicidade nas *Confissões* […]”, *Primeiros Escritos* 8, 2017 · [V no resumo: Rodrigues dos Santos]
6. 1.5 · Jeanne Marie Gagnebin, “Dizer o tempo”, *Cadernos de Subjetividade* 2(1–2), 1994, pp. 33–34, lendo Ricoeur · [V: Gagnebin; paráfrase]
7. 1.6 · Daniel Rodrigues da Costa, *Kriterion* 146, 2020, pp. 363–380, sobre Gilson · [V: Rodrigues da Costa; paráfrase]
8. 1.6 · Moacyr Novaes, “Interioridade e inspeção do espírito na filosofia agostiniana”, *Analytica* 7(1), 2003, pp. 98–99 · “abrigo da verdade” · [V: Novaes]

9. 1.7 · Gillian R. Evans, *Augustine on Evil* (Cambridge, 1982) · [tese a confirmar]
10. 1.8, 1.11 · John Rist, *Augustine: Ancient Thought Baptized* (Cambridge, 1994), pp. 242–245; James Wetzel, *Augustine and the Limits of Virtue* (Cambridge, 1992), pp. 126–138; ambos por indicação da *Stanford Encyclopedia* · [tese a confirmar]
11. 1.8, 1.11 · leituras da justiça gratuita, de Pelágio, dos semipelagianos de Marselha, dos monges de Hadrumeto e de *cogite intrare* por persuasão, sem autor conferido · [tese a confirmar]
12. 1.9 · Marcos Roberto Nunes Costa, *Veritas* 43(4), 1998, pp. 1053–1069 · “Agostinho adverte que estes termos não são sinônimos” · [V no resumo: Nunes Costa]
13. 1.11 · Peter Brown, “St. Augustine’s Attitude to Religious Coercion”, *Journal of Roman Studies* 54, 1964, pp. 107–116 · [tese a confirmar]

O cânon e as decisões do fundador

1. Abertura · decisão n.º 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A ordem dos clássicos: Platão (Estudo X), Aristóteles, Agostinho […]”
2. 1.2 · Estudo X, 4.2 · identificação dos livros dos platônicos com Plotino e Porfírio · [tese a confirmar]
3. 1.12 · Cânon v1.2, “Origem” · “como a voz que dizia tolle, lege no jardim […]”
4. 1.12 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “ensina antes de qualquer voz externa”; “o que se busca não está adiante, no futuro […]”
5. 1.12 · Disputatio, 2, “Sed contra” · a “privação do bem”
6. 1.12 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe […]”
7. 1.12 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “A luz não se acende — ela se revela”
8. 1.12 · decisões n.º 3 e n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; Estudo X, 6.3 · “O sol é estrutura; o Bem não é nome […]”; “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre […]”
9. 1.12 · decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a voz do outro “em mim” como a própria Luz

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

Agostinho

1. 2.1 · *De magistro* XI, 36, augustinus.it · “advertir-nos que busquemos as coisas, não exibi-las para que as conheçamos” · «admonent tantum ut quaeramus res, non exhibent ut noverimus» · [V-lat; tradução do estudo]
2. 2.1 · *De magistro* XI, 38, augustinus.it · “Aquele que é consultado ensina” · «Ille autem qui consulitur, docet» · [V-lat; tradução do estudo]
3. 2.1 · *De magistro* XII, 40, augustinus.it · “pelas próprias coisas, tornadas manifestas, abrindo Deus por dentro” · «docetur enim non verbis meis, sed ipsis rebus, Deo intus pandente, manifestis» · [V-lat; tradução do estudo]
4. 2.3 · *De libero arbitrio* II, 19, 53, augustinus.it (texto dos beneditinos, não o CCSL) · “digna e justa, a pena da miséria” · «digna et iusta eam miseriae poena subsequitur» · [V-lat; tradução do estudo]; edição latina a confirmar

5. 2.4 · *Confissões* XI, 26, 33, augustinus.it · “distensão do espírito” · «distentionem […] ipsius animi» · [V-lat; tradução do estudo]
6. 2.4 · *Confissões* XI, 28, 37, Espírito Santo (Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda) · “três operações: a expectativa, a atenção e a memória” · «Nam et exspectat et attendit et meminit» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
7. 2.4 · *Confissões* XI, 29, 39, Espírito Santo (Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda) · “eu dispersei-me nos tempos, cuja ordem ignoro” · «at ego in tempora dissilui, quorum ordinem nescio» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
8. 2.5 · *Retractationes*, obra inteira · [paráfrase; localização a confirmar]
9. 2.6 · *Cidade de Deus* XIX, 17, augustinus.it · “sem se importar com o que há de diverso nos costumes, nas leis e nas instituições com que a paz terrena se busca ou se mantém” · «non curans quidquid in moribus, legibus institutisque diversum est, quibus pax terrena vel conquiritur vel tenetur» · [V-lat; tradução do estudo]
10. 2.7 · *Cidade de Deus* XIV, 3, 2, augustinus.it · “estímulos dos vícios” · «incitamenta vitiorum» · [V-lat; tradução do estudo]
11. 2.7 · *Confissões* VII, 9, 14, augustinus.it · “o Verbo se fez carne” · «Verbum caro factum est» · [V-lat; tradução do estudo]
12. 2.8 · *Confissões* VIII, 12, 29, Mammì (São Paulo, Penguin-Companhia, 2017; cópia digital sem paginação) · “Não quis ler mais, nem era preciso. […] foi como se uma luz de certeza derramada no meu coração dissipasse todas as trevas da dúvida” · «quasi luce securitatis infusa cordi meo omnes dubitationis tenebrae diffugerunt» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]

A tradição

1. 2.1 · verbete “Augustine of Hippo”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, §5.2 · “a cognição não resulta simplesmente da presença de Cristo na nossa alma, mas do nosso ‘consultar’ o mestre interior” · «Cognition does not simply result from the presence of Christ in our soul but from our ‘consulting’ the inner teacher» · [V-en; tradução do estudo]
2. 2.2 · Moacyr Novaes, “Interioridade e inspeção do espírito na filosofia agostiniana”, *Analytica* 7(1), 2003, pp. 97–112 (pp. 98–99) · “abrigo da verdade” · [paráfrase]
3. 2.3 · Paul Ricoeur, *O mal*, edição espanhola, p. 38 · “todo mal é ou peccatum (pecado) ou poena (pena)” · [V-es via secundária: Estudo IX, 5.3]
4. 2.4 · Jeanne Marie Gagnebin, “Dizer o tempo”, *Cadernos de Subjetividade* 2(1–2), 1994, pp. 27–36 (pp. 33–34) · [paráfrase]
5. 2.5 · Fábio César Scherer, “Memória e interioridade nas *Confissões*”, *Controvérsia* 2(2), 2006, pp. 34–42 · [paráfrase]

O cânon e os escritos

1. abertura · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “dialoga com três deles sem se filiar a nenhum de modo exclusivo”
2. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “oferece ao Pilar I sua principal herança: o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca”
3. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “A luz não se acende — ela se revela”

4. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui”
5. 2.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “Agostinho, nas Confissões, descreve Deus como interior intimo meo — mais interior a mim do que o que há de mais íntimo em mim”; “noli foras ire, in te ipsum redi; in interiore homine habitat veritas”
6. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância”
7. 2.2 · Catecismo, 6 · “Um recém-nascido ainda não conquistou nada e já o tem”
8. 2.3 · Disputatio, 2, “Sed contra” · “Agostinho já sustentava que o mal não é substância, mas privação do bem […] negar que o mal seja capaz de ditar a última palavra”
9. 2.3 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “o sofrimento paga uma culpa”
10. 2.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “Definir a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”; “voltar ao corpo e ao lugar presente”; “Encerrar com gratidão a alguém do passado”
11. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Prática” · “o que recebi que me trouxe até aqui? O que estou deixando para quem vem depois?”
12. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Prática” · “caminhar com atenção”
13. 2.4 · Cânon v1.2, “Origem” · “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”
14. 2.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas: onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam”
15. 2.5 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta e onde apareceu sem obstáculo”
16. 2.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação” · “nomear: o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem”
17. 2.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado. […] manter as águas passáveis — não represar, não envenenar, não desviar a correnteza para o meu moinho”; “A luz é pessoal, nunca individual”; “Quem privatiza o fluxo apaga a própria margem”
18. 2.6 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “Águas comuns, e não comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono”
19. 2.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “O rio do cânon é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político”
20. 2.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “A transcendência passa pela matéria. […] não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”
21. 2.7 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “celebrar na carne”
22. 2.8 · Cânon v1.2, “Origem” · “a ocasião, não o fundamento — como a voz que dizia tolle, lege no jardim de Agostinho, elas apenas despertaram o que já esperava para nascer”
23. 2.8 · Cânon v1.2, Parte II, “Regra da ocasião” · “nenhum texto doutrinal cita faixas, artistas ou gêneros musicais específicos”
24. 2.8 · Catecismo, 3 · “como a voz que Agostinho ouviu num jardim — ‘toma e lê’”
25. 2.1 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 · “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la”
26. 2.1 · decisão n.º 3 de 19/10/2026 · “O olhar do outro apenas vê”; “o Abrigo revela e nada exige”

27. 2.1 · decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”
28. 2.3 · decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa: a noite é o que não se causou, o lobo o que se causou”
29. 2.5 · decisão n.º 9 de 19/10/2026 · “O dano que não se quis entra no Examinar”
30. 2.7 · decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Só templo: o corpo não encobre a luz”
31. abertura · Ficha do Estudo III · “Agostinho, interior intimo meo” · [Ficha, não cânon]
32. 2.1 · Estudo X, 6.3 · a decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX não foi estendida ao mestre interior · [leitura do estudo]
33. 2.8 · Estudo X, 5.2 · a voz do jardim impele, e a Bússola só veta · [leitura do estudo]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

Agostinho

1. 3.1 · *Confissões* VII, 10, 16, Espírito Santo · «superior, quia ipsa fecit me» · [V-lat; paráfrase]
2. 3.1 · *Confissões* III, 6, 11, augustinus.it · “mais interior do que o meu íntimo” · «interior intimo meo» · [V-lat; tradução do estudo]
3. 3.1 · *Solilóquios* I, 1, 3, augustinus.it · “Deus luz inteligível, em quem, de quem e por quem […]” · «Deus intellegibilis lux, in quo et a quo et per quem» · [V-lat; tradução do estudo]
4. 3.1 · *Solilóquios* I, 8, 15, augustinus.it · “como por um sol seu” · «quasi suo sole illustrentur» · [V-lat; tradução do estudo]
5. 3.1 · *De magistro* XI, 38, augustinus.it · “tanto quanto pode receber […] má ou boa” · «quantum capere […] sive malam sive bonam voluntatem potest» · [V-lat; tradução do estudo]
6. 3.1 · *De magistro* XI, 38, augustinus.it · «habitare dictus est Christus» · [V-lat; paráfrase]
7. 3.2 · *Ad Simplicianum* I, 2, 16, augustinus.it · “uma certa massa de pecado que deve o suplício” · «una quaedam massa peccati supplicium debens» · [V-lat; tradução do estudo]
8. 3.2 · *Enchiridion* 27, augustinus.it · “massa condenada de todo o gênero humano” · «totius humani generis massa damnata» · [V-lat; tradução do estudo]
9. 3.2 · *De dono perseverantiae* 14, 35, augustinus.it · “a presciência e a preparação dos benefícios de Deus” · «praescientia […] praeparatio beneficiorum Dei» · [V-lat; tradução do estudo]
10. 3.2 · *De dono perseverantiae* 14, 35, augustinus.it · “Os demais, onde ficam senão na massa de perdição” · «Ceteri autem ubi nisi in massa perditionis» · [V-lat; tradução do estudo]
11. 3.2 · *De correptione et gratia* 13, 39, augustinus.it · “O número dos eleitos é certo” · «Certus est numerus electorum» · [V-lat; tradução do estudo]
12. 3.2 · *De gratia et libero arbitrio* 6, 15, augustinus.it · “dons seus” · «tamquam dona sua» · [V-lat; tradução do estudo]
13. 3.3 · *Confissões* VIII, 9, 21, Mammì · “porque nenhuma delas é inteira” · «quia una earum tota non est» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
14. 3.3 · *Confissões* VIII, 5, 10, Mammì · “da vontade pervertida nasce a libido” · «ex voluntate perversa facta est libido» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]

15. 3.3 · *Confissões* VIII, 10, 22, Mammì · «duas naturas duarum mentium» · [V-lat; paráfrase]
16. 3.3 · *O livre-arbítrio* III, 3, 7, augustinus.it · “nada está tanto em nosso poder quanto a própria vontade” · «nihil tam in nostra potestate» · [V-lat; tradução do estudo]
17. 3.4 · *Confissões* VIII, 12, 29, Mammì · «Tolle lege, tolle lege» · [V-lat; paráfrase]
18. 3.5 · *Confissões* XI, 26, 33 e 29, 39, Espírito Santo · “extensão”; “dispersão” · «distentionem» · [V-pt: Espírito Santo]
19. 3.5 · *Confissões* I, 1, 1, augustinus.it · “até que repouse em ti” · «donec requiescat in te» · [V-lat; tradução do estudo]
20. 3.6 · *Enchiridion* 11, augustinus.it · “fazer bem também do mal” · «ut bene faceret et de malo» · [V-lat; tradução do estudo]
21. 3.6 · *Cidade de Deus* XI, 18, augustinus.it · “a ordem dos tempos, como um belíssimo poema […]” · «ordinem saeculorum tamquam pulcherrimum carmen» · [V-lat; tradução do estudo]
22. 3.6 · *Confissões* IV, 4, 9, Mammì · “Aquela dor obscureceu meu coração, e tudo o que via era morte” · «Quo dolore contenebratum est cor meum» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
23. 3.6 · *Confissões* IV, 4, 9, Mammì · “se eu dizia: ‘espera em Deus’, ela com razão não me obedecia” · [V-pt: Mammì]
24. 3.7 · *Carta* 93, 2, 5, augustinus.it · “forçai-os a entrar” · «cogite intrare» · [V-lat; tradução do estudo]
25. 3.8 · *Cidade de Deus* XIV, 3, 2, Dias Pereira, vol. II, pp. [1240]–[1241] · “não foi a carne corruptível que tornou pecadora a alma” · «nec caro corruptibilis animam peccatricem» · [V-lat; V-pt: Dias Pereira]
26. 3.8 · *Cidade de Deus* XIV, 5, augustinus.it · “no seu gênero e ordem”; “é boa” · «in genere atque ordine suo bona est» · [V-lat; tradução do estudo]
27. 3.8 · *Cidade de Deus* XIV, 3, augustinus.it · «incitamenta vitiorum» · [V-lat; paráfrase]

A tradição

1. 3.1 · Moacyr Novaes, “Interioridade e inspeção do espírito na filosofia agostiniana”, *Analytica* 7(1), 2003, p. 98 · “Deus como máxima interioridade” · [V-pt: Novaes]
2. 3.2 · Leitura pela justiça gratuita (tradição agostiniana e tomista); contestação de Pelágio e dos monges de Marselha · [paráfrase; tese a confirmar]
3. 3.4 · James Wetzel, *Augustine and the Limits of Virtue*, Cambridge University Press, 1992, pp. 126–138 · [paráfrase; tese a confirmar]
4. 3.7 · Peter Brown, “St. Augustine’s Attitude to Religious Coercion”, *Journal of Roman Studies* 54 (1964), pp. 107–116 · [paráfrase; tese a confirmar]
5. 3.7 · John M. Rist, *Augustine: Ancient Thought Baptized*, Cambridge University Press, 1994, pp. 242–245 · [paráfrase; tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 3.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “para o cristão, é o próprio Deus […] não decide isso por ninguém”
2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “não é a origem […] mas a estrutura”; “mestre interior”; “ensina antes de qualquer voz externa”

3. 3.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “O valor de cada pessoa é intrínseco […] ela se revela”
4. 3.2 · Catecismo, 7 · “não é prêmio de quem a merece”
5. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “cada luz é intrínseca […] não sujeita a ranking”
6. 3.2 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
7. 3.2 · Catecismo, 48 · “isso não depende de outra pessoa”
8. 3.3 · Disputatio, 1, “Objeção II” · “contra a própria vontade”
9. 3.3 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “Não espere estar com vontade”
10. 3.3 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · “não é a sua força de vontade”
11. 3.3 · Tratado da Vigília, “Definição” · “é lobo quem o inflige, com ou sem intenção”
12. 3.3 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “medo”, “hábito” e “adaptação às expectativas alheias”
13. 3.3 · Catecismo, 8 · “vive dividido”
14. 3.3 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “na voz do agente”
15. 3.4 · Catecismo, 3 · “toma e lê”
16. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Mutatio” · “quem o porta, navega”; “mudar deliberadamente algo pequeno […] alma flexível”
17. 3.4 · Catecismo, 16 · “pequena de propósito”
18. 3.4 · Cânon v1.2, “Origem” · “o que já esperava para nascer”
19. 3.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta os que exigiriam apagar a luz”
20. 3.5 · Cânon v1.2, “Origem” · “luz interior atemporal”; “imersa num rio […] das civilizações”
21. 3.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Flumen” · “Ninguém começa do zero”
22. 3.5 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “seu ponto de partida”
23. 3.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “ao lugar presente”; “a alguém do passado”
24. 3.6 · Tratado da Vigília, “O problema que responde” · “dizem-lhe que vai passar”; “não lê a noite a partir do fim”
25. 3.6 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “nenhuma ordem vista de cima”; “a necessidade cega”; “o lobo na noite”
26. 3.6 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “quem crê poderá ler uma manhã”
27. 3.6 · Disputatio, 4, “Ad primum” · “atalho que pula o luto”
28. 3.7 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “não escolhe os caminhos por ninguém”
29. 3.7 · Catecismo, 24 · “a decisão é sempre de quem caminha”
30. 3.7 · Catecismo, 36 · “resiste-se, e deve-se justiça”
31. 3.7 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “manter as águas passáveis”; “A margem também é rio”
32. 3.8 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe dê”
33. 3.6 · decisão n.º 1 de 17/10/2026 · “a recusa como teodiceia”

34. 3.2 · decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “não depende de outra pessoa”
35. 3.3 · decisão n.º 5 de 17/10/2026 · “com ou sem intenção”
36. 3.2 · decisão n.º 1 de 19/10/2026 · “recusa a eleição”
37. 3.1 · decisão n.º 3 de 19/10/2026 · “revela e nada exige”
38. 3.7 · decisão n.º 4 de 19/10/2026 · “não vai até a substituição”
39. 3.2 · decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “não se conquista nem se perde no caminho”
40. 3.1 · decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a voz do outro “em mim” lida como a própria Luz
41. 3.6 · decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “o sentido do sofrimento não se ensina, só se acha”
42. 3.7 · decisões n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX e n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · o material do tratado da justiça
43. 3.3 · decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “passa pelo ato, não pela pessoa”
44. 3.1 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “graus de visão, nunca de valor”
45. 3.1 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”; “a fonte continua sem nome no cânon”
46. 3.4 · decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
47. 3.8 · decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o corpo não encobre a luz”
48. 3.1 · decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”
49. 3.8 · Ficha do Estudo III · “Agostinho, interior intimo meo” · [Ficha, não cânon]
50. 3.1 · Estudo IX, 5.3 · a voz do outro “em mim” e o mestre interior · [leitura do estudo]
51. 3.1 · Estudo X, 6.3 · a n.º 9 explicada pela dúvida sobre Platão; a n.º 5 sobre o Estudo IX não estendida ao mestre interior · [leitura do estudo]
52. 3.3, 3.4 e 3.5 · Estudo X, 5.2 · “sem pedir ignorância nem vontade dividida”; a voz do jardim impele; “não é o céu do *Timeu* nem a alma das *Confissões*, mas a história” · [leitura do estudo]

Capítulo 4 — Agostinho e as casas que já visitamos

Agostinho

1. 4.1 · *Confissões* X, 29, 40, Mammì · “concede o que ordenas, e ordena o que queres” · «Da quod iubes et iube quod vis» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
2. 4.2 · *Cidade de Deus* IX, 4, 2, augustinus.it · “conserva, com a mente inabalada, a sentença verdadeira e estável” · «retinet tamen […] veram et stabilem inconcussa mente sententiam» · [V-lat; tradução do estudo]
3. 4.2 · *Cidade de Deus* IX, 4, 3, augustinus.it · “disputa de palavras, não exame de coisas” · «verborum certamini, non rerum examini deputandum est» · [V-lat; tradução do estudo; localização a confirmar]
4. 4.2 · *Cidade de Deus* XIV, 9, 4, augustinus.it · “se não tivéssemos afetos de modo algum, viveríamos antes não retamente” · «si eas omnino nullas habeamus, tunc potius non recte

vivimus» · [V-lat; tradução do estudo]

5. 4.2 · *Cidade de Deus* XIV, 9, Dias Pereira, vol. II, pp. [1263]–[1265] · “pelo pior dos vícios” e “a perfeita beatitude não conhecerá o aguilhão do temor nem o da tristeza” · «quis hunc stuporem non omnibus vitiis iudicet esse peiorem?» · [V-lat; V-pt: Dias Pereira]
6. 4.2 · *Cidade de Deus* XIV, 9, augustinus.it · “desta vida, e não daquela” · «huius vitae sunt, non illius» · [V-lat; tradução do estudo]
7. 4.2 · *Cidade de Deus* XIX, 5, augustinus.it · “muito mais” · «nos multo amplius approbamus» · [V-lat; tradução do estudo]
8. 4.3 · *De Trinitate* XII, 15, 24, augustinus.it · “numa certa luz incorpórea do seu próprio gênero” · «in quadam luce sui generis incorporea» · [V-lat; tradução do estudo]
9. 4.3 · *Confissões* IV, 16, 28, Mammì, 2017, p. 111, via Ayoub · “titubeante em algo grande e divino” e “que o lesse sozinho e o entendesse” · «legi eas solus et intellexi?» · [V-lat; V via secundária: Ayoub, 2018]
10. 4.3 · *Confissões* XI, 14, 17, augustinus.it · “tende a não ser” · «quia tendit non esse» · [V-lat; tradução do estudo]
11. 4.5 · *Confissões* IV, 4, 9, Mammì · “uma grande questão para mim mesmo” · «magna quaestio» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
12. 4.5 · *Confissões* X, 33, 50, Amarante · “tornei-me para mim mesmo um problema” · «mihi quaestio factus sum» · [V-lat; V-pt via secundária: Espaço Teológico 8 (14), 2014, p. 95]
13. 4.5 · *Confissões* XI, 26, 33, augustinus.it · “o tempo não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa, não sei, e será de admirar se não for do próprio espírito” · «nihil esse aliud tempus quam distentionem; sed cuius rei nescio; et mirum si non ipsius animi» · [V-lat; tradução do estudo]
14. 4.5 · *Confissões* VIII, 9, 21, augustinus.it · “porque nenhuma delas é inteira” · «quia una earum tota non est» · [V-lat; tradução do estudo]
15. 4.6 · *Confissões* XI, 26, 33, Espírito Santo · “extensão” · [V-pt: Espírito Santo]
16. 4.6 · *Ad Simplicianum* I, 2, 16, augustinus.it · “uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina” · «una quaedam massa peccati supplicium debens divinae summaeque iustitiae» · [V-lat; tradução do estudo]
17. 4.7 · *Cidade de Deus* XII, 20, 4 (*Nuova Biblioteca Agostiniana*) = XII, 21 (Dombart–Kalb) · [paráfrase; citação inteira em 5.1]
18. 4.8 · *Confissões* X, 8, 15, augustinus.it · [paráfrase; citação em 1.4]
19. 4.8 · *Cidade de Deus* VIII, 9, augustinus.it · “viram e ensinaram” e “a todos eles pomos à frente dos demais e confessamos mais próximos de nós” · «qui hoc viderint ac docuerint» e «eos omnes ceteris anteponimus eosque nobis propinquiores fatemur» · [V-lat; tradução do estudo]

A tradição

1. 4.1 · Tomás de Aquino, *Suma teológica* I, q. 84, a. 5, resposta · «lumen intellectuale […] nihil est aliud quam quaedam participata similitudo luminis increati» · [V-lat; paráfrase]
2. 4.1 · Tomás de Aquino, *Suma teológica* I-II, q. 109, a. 2, resposta · “não é totalmente corrompida pelo pecado” · «natura humana per peccatum non est totaliter corrupta» · [V-lat; tradução do estudo]

3. 4.1 · Lutero, *Disputa de Heidelberg*, 1518, tese 13 · “o livre-arbítrio, depois da queda, existe só de nome” e “Santo Agostinho, aliás, prova esta mesma tese em seus vários escritos contra os pelagianos” · «Free will, after the fall, exists in name only» e «St. Augustine […] proves this same thesis in his various writings against the Pelagians» · [V-en; tradução do estudo]
4. 4.1 · Pascal, *Pensées* 283, trad. Trotter · “pois querem aquecer, não instruir. O mesmo vale para Santo Agostinho” · «for they would warm, not instruct. It is the same with Saint Augustine» · [V-en; tradução do estudo] — nota: numeração de Brunschvicg a confirmar
5. 4.3 · *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, “Augustine of Hippo”, §5.2 · [V-en; paráfrase]
6. 4.3 · Ayoub, “O meneio agostiniano das categorias aristotélicas nas *Confissões*”, *Ética e Filosofia Política* XXI (2), 2018 · [V via secundária: Ayoub, 2018; paráfrase; página a confirmar]
7. 4.3 · Aristóteles, *Física* IV, 12, 221a30–b3, e IV, 14, 223a21–29 (sem aspas), trad. Hardie e Gaye · “condição de destruição, antes que de geração” · «the condition of destruction rather than of coming into being» · [V-en; tradução do estudo; paráfrase em IV, 14] — nota: material do Estudo XI
8. 4.4 · Hegel, *Lectures on the History of Philosophy* III, trad. Haldane, p. 37 · “estéreis” · «as barren» · [V-en; tradução do estudo; página a confirmar; autenticidade disputada]
9. 4.5 · Heidegger, curso de verão de 1921, via Santos, *Trans/Form/Ação* 42, 2019, e *Aufklärung* 8 (1), 2021 · [V via secundária: Santos, 2019 e 2021; paráfrase] — nota: Grondin data o curso em 1920–21
10. 4.5 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §81, pp. 427–428, edição bilíngue · cita *Confissões* XI, 26, 33 (ver n.º 13) · [V-lat]
11. 4.6 · Levinas, *Totalidade e infinito*, pp. 138 e 134, via Estudo VIII, 1.5 · “Morar […] é um recolhimento, uma vinda a si” e “A luz do rosto é necessária à separação” · [V-pt via secundária: Estudo VIII, 1.5]
12. 4.6 · Ricoeur, *Tempo e narrativa* I, p. 41, via Estudo IX, 5.3 · “ter ligado essa distensão à falha que não cessa de se insinuar no coração do tríplice presente” · [V-pt via secundária: Estudo IX, 5.3]
13. 4.6 · Ricoeur, “O pecado original”, trad. José M. S. Rosa, Lusosofia; *Le conflit des interprétations*, 1969, p. 277 · “mas é Agostinho que sempre tem razão através e apesar desta mitologia adâmica” · [V-pt: Rosa; localização a confirmar]
14. 4.7 · Arendt, *O conceito de amor em Santo Agostinho*, 1929, e *A condição humana*, 1958 · [paráfrase; localização a confirmar]
15. 4.7 · Arendt, *A vida do espírito*, edição brasileira, pp. 351 e 357 · [tese a confirmar] — nota: conferida só no que a obra secundária transcreve
16. 4.7 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, edição francesa, p. 465, via Estudo IX, 4.2 · [V-fr via secundária: Estudo IX, 4.2; paráfrase]
17. 4.8 · Buber, *Between Man and Man*, “What Is Man?”, cap. 2, p. 129, trad. R. G. Smith · “o homem agostiniano se admira daquilo no homem que não pode ser entendido como parte do mundo” · «The Augustinian man wonders at that in man which cannot be understood as a part of the world» · [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 4.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira”

2. 4.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “não é só para ver — é para aquecer”
3. 4.1 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · “quem retoma não é a sua força de vontade”
4. 4.2 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança”
5. 4.2 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro” · «Sis alteri domus»
6. 4.7 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “não é programa político” (frase inteira em 2.6)
7. 4.8 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Toma-se de Buber o encontro, não a precedência da relação; o Tu eterno que ele ergue sobre a relação é material confessional”
8. 4.8 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “para o cristão, é o próprio Deus” e “seja qual for o nome que cada um lhe dê”
9. 4.1 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo.”
10. 4.1 · Decisão n.º 10 de 19/10/2026 · “receber a quenose e a substituição”
11. 4.1 · Decisão n.º 12 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “o material de Ricoeur”
12. 4.6 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia”
13. 4.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz” e “a fonte continua sem nome no cânon”
14. 4.2 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II”
15. 4.1, 4.3 · Decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”; “o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III”
16. 4.1 · Ficha do Estudo III · “Agostinho, interior intimo meo”; “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”; “Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém” · [Ficha, não cânon]
17. 4.2 · Ficha do Estudo II · “Apatheia vs. celebração: desconfiamos de uma sabedoria que não dança”; “Autossuficiência vs. Abrigo: cidadela interior, não; casa de portas abertas” · [Ficha, não cânon]
18. 4.4 · Ficha do Estudo VII · “Sabido vs. revelado”; “Vigília vs. teodiceia” · [Ficha, não cânon]
19. 4.5 · Ficha do Estudo V · “a má-fé (Sartre) e o ‘a gente’ (Heidegger)”; “querer uma só coisa”; “invenção vs. revelação”; “absurdo vs. pertencimento” · [Ficha, não cânon]
20. 4.8 · Ficha do Estudo I · “Celebração vs. renúncia”; “Dignidade vs. vacuidade” · [Ficha, não cânon]
21. 4.8 · Ficha do Estudo IV · “Participação vs. identidade” · [Ficha, não cânon]
22. 4.8 · Ficha do Estudo VI · “Impessoal vs. pessoal”; “Espontaneidade vs. regra” · [Ficha, não cânon]
23. abertura, 4.1, 4.2, 4.4, 4.7 · Estudo VII, 2.3, 3.3, 4.2, 4.3 e 5.4 · “ninguém começa do zero” · [leitura do estudo]
24. 4.2, 4.6 · Estudo VIII, 1.5 e 4.5 · [leitura do estudo]
25. 4.2, 4.6, 4.7 · Estudo IX, 4.2, 4.4 e 5.3 · [leitura do estudo]
26. 4.2, 4.3, 4.6 · Estudo X, 4.1, 4.2 e 5.2 · [leitura do estudo]

Capítulo 5 — Prévias: autores que virão

Agostinho

1. 5.1 · *Cidade de Deus* XII, 20, 4 (XII, 21 em Dombart–Kalb), augustinus.it; Dias Pereira, vol. II, pp. 1136–1137 · “esse começo nunca existira antes desse modo; para que existisse, foi criado o homem, antes do qual ninguém houve” · «quod initium eo modo antea numquam fuit. Hoc ergo ut esset, creatus est homo, ante quem nullus fuit» · [V-lat; tradução do estudo]
2. 5.1 · *Confissões* IV, 7, 12, Mammì · “Como eu poderia fugir de mim mesmo? Como poderia não acompanhar a mim mesmo?” · «Quo a me ipso fugerem? Quo non me sequerer?» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
3. 5.1 · *Cidade de Deus* XIX, 6, augustinus.it · “Nestas trevas da vida social, o juiz sábio se sentará ou não? Claro que se sentará” · «In his tenebris vitae socialis sedebit iudex ille sapiens an non sedebit? Sedebit plane» · [V-lat; tradução do estudo]
4. 5.1 · *Cidade de Deus* XII, 7, augustinus.it · “não é eficiente, mas deficiente” · «non enim est efficiens, sed deficiens» · [V-lat; tradução do estudo]
5. 5.1 · *Cidade de Deus* XIX, 24, augustinus.it · “associada pela concorde comunhão das coisas que ama” · «Populus est coetus multitudinis rationalis rerum quas diligit concordi communione sociatus» · [V-lat; tradução do estudo]
6. 5.2 · *Confissões* XI, 14, 17, Espírito Santo · “Se ninguém mo pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem mo pergunta, não sei” · «Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
7. 5.2 · *Confissões* X, 8, 15, augustinus.it · “não apreendo tudo o que sou” · «nec ego ipse capio totum, quod sum» · [V-lat; tradução do estudo]
8. 5.2 · *Confissões* X, 33, 50, Amarante · “tornei-me para mim mesmo um problema” · «in cuius oculis mihi quaestio factus sum, et ipse est languor meus» · [V-lat; V-pt via secundária: Espaço Teológico] — nota: Amarante, em *Espaço Teológico* 8 (14), 2014
9. 5.2 · *Confissões* IV, 4, 9, Mammì · “ela com razão não me obedecia”; “era melhor e mais verdadeiro” · sem original · [V-pt: Mammì; página a confirmar]
10. 5.3 · *Confissões* IV, 4, 9, Mammì · “tudo o que via era morte” · «Quo dolore contenebratum est cor meum, et quidquid aspiciebam mors erat» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
11. 5.3 · *Confissões* IX, 12, 29, Mammì · “ela não morria infelizmente, nem morria completamente” · «At illa nec misere moriebatur nec omnino moriebatur» · [V-lat; V-pt: Mammì; página a confirmar]
12. 5.3 · *Confissões* X, 6, 9, Espírito Santo · “não sou”; “o homem interior conheceu estas coisas pelo ministério do exterior” · «Interrogavi terram, et dixit: “Non sum”»; «Homo interior cognovit haec per exterioris ministerium» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo; tradução do estudo]
13. 5.3 · *De vera religione* 39, 72, augustinus.it · “transcende-te também a ti mesmo” · «transcende et teipsum»; «ratiocinantem animam te transcendere» · [V-lat; tradução do estudo]
14. 5.4 · *Confissões* X, 27, 38, Espírito Santo · “dentro de mim e eu fora” · «Et ecce intus eras et ego foris» · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]

15. 5.4 · *Cidade de Deus* XIV, 9, 4, augustinus.it · “se não tivéssemos afetos de modo algum, viveríamos antes não retamente” · «si eas omnino nullas habeamus, tunc potius non recte vivimus» · [V-lat; tradução do estudo]

A tradição

1. 5.1 · Arendt, *A condição humana* (1958) e *As origens do totalitarismo* (1951) · [paráfrase; localização a confirmar]
2. 5.1 · Arendt, *The Human Condition* (Chicago, 1958), p. 9 · “A natalidade, e não a mortalidade, pode ser a categoria central do pensamento político, distinto do metafísico” · [V via secundária: Estudo VII, 5.4]
3. 5.1 · Arendt, *O conceito de amor em Santo Agostinho* (1929), trad. Alberto Pereira Dinis (Lisboa: Instituto Piaget) · [paráfrase; localização a confirmar]
4. 5.1 · Arendt, *A vida do espírito*, edição brasileira (Civilização Brasileira, 2.ª ed., 2010), pp. 351 e 357 · “descobre” · [tese a confirmar] — nota: lida só em obra secundária
5. 5.1 · Arendt, a variante *initium ut esset* diante do *Hoc ergo* do texto da *Nuova Biblioteca Agostiniana* · [tese a confirmar]
6. 5.1 · Arendt, a frase atribuída a *O livre-arbítrio* III, 1, 2 · [tese a confirmar] — nota: não achada no latim
7. 5.1 · Arendt, a *philia* política · [tese a confirmar]
8. 5.2 · Marcel, *Ser e ter* (1935) · [V via secundária: Estudo IX, 5.5; paráfrase]
9. 5.2 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 292–293 · “Gabriel Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade” · [V-es via secundária: Estudo IX, 5.5]
10. 5.2 · Marcel, *Homo viator* (1944) · [paráfrase; localização a confirmar]
11. 5.3 · Jaspers, *Filosofia* (1932), via Ricoeur · [V via secundária: Estudo IX, 5.5; paráfrase]
12. 5.3 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, edição francesa, p. 596 · [V via secundária: Estudo IX, 5.5]
13. 5.3 · Jaspers, as cifras da transcendência · [tese a confirmar]
14. 5.3 · Jaspers, *Drei Gründer des Philosophierens: Plato, Augustin, Kant* (Munique: Piper, 1957) e *Les grands philosophes II*, trad. Jeanne Hersch (Paris, 1967) · [V via secundária: catálogo] — nota: findingaugustine.org
15. 5.3 · Jaspers, *Os grandes filósofos*, vol. I, na resenha de Carroll Quigley, *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962 · “indivíduos paradigmáticos”; “pensadores seminais” · [V-en via secundária: Quigley; tradução do estudo]
16. 5.4 · Taylor, *Sources of the Self* (Harvard University Press, 1989), cap. 7, p. 131 · “[…] foi Agostinho quem introduziu a interioridade da reflexividade radical e a legou à tradição ocidental do pensamento” · «[…] it was Augustine who introduced the inwardness of radical reflexivity and bequeathed it to the Western tradition of thought» · [V-en via secundária: Teixeira; tradução do estudo; localização a confirmar] — nota: W. de J. Teixeira, *Ipseitas* 6(1), 2020, pp. 386–395
17. 5.4 · Taylor, *Sources of the Self* (a afirmação da vida ordinária; a reflexividade como ponto de vista de primeira pessoa) · [paráfrase; localização a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Princípio” · “ninguém começa do zero”

2. 5.1 · Catecismo, 6 · “ainda não conquistou nada e já o tem”
3. 5.1 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “em voz baixa ou numa frase escrita”
4. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Estar consigo é o dois-em-um do pensar, em que cada um se faz companhia sem deixar o mundo dos seus semelhantes”; “é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político”; “pública e derivada”
5. 5.1 · Cânon v1.2, “A Vigília”; Tratado da Vigília, “Síntese” · “resiste-se, e deve-se justiça”; “não está formulada, e fica para um tratado dedicado, que este não é”
6. 5.1 · Tratado da Vigília, “Definição” · “com ou sem intenção”
7. 5.2 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “a presença, e não a explicação”
8. 5.2 · Tratado da Vigília, “Definição” · “que olha para uma manhã que a luz não promete”
9. 5.2 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “a Vigília não depende de nenhuma das duas leituras”
10. 5.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “ter uma luz não é o mesmo que vê-la claramente o tempo todo”
11. 5.2 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “possui um núcleo”
12. 5.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude” · “prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa”
13. 5.3 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “a perda, a doença, o acaso que desaba”
14. 5.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “a transcendência passa pela matéria”
15. 5.3 · Disputatio, 2, “Sed contra” · “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida”
16. 5.3 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “não comparativa, não sujeita a ranking”
17. 5.3 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “a consciência mais funda, o verdadeiro em si”
18. 5.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “principal herança”; “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro”
19. 5.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair?”
20. 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Prática” · “dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa”
21. abertura · Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, n.º 11 · a ordem dos autores que vêm
22. 5.1 · Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, n.º 9, e sobre o Estudo X, n.º 5 · o material do tratado da justiça
23. 5.1 · Decisões do fundador de 17/10/2026, n.º 5 · o lobo “com ou sem intenção”
24. 5.4 · Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X, n.º 7 · “é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
25. 5.3 · Ficha do Estudo III · “silêncio respeitoso” sobre o depois do rio · [Ficha, não cânon]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

Agostinho

1. 6.1, 6.5 · *Confissões* VII, 10, 16 · “uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda a carne” · ver 1.2 · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
2. 6.1, 6.5 · *Confissões* X, 27, 38 · “dentro de mim e eu fora” · ver 1.6 e 2.2 · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
3. 6.1 · *Cidade de Deus* XIV, 3, 2 · “não foi a carne corruptível que tornou pecadora a alma” · ver 2.7 e 3.8 · [V-lat; V-pt: Dias Pereira]
4. 6.1 · *Ad Simplicianum* I, 2, 16 · “uma certa massa de pecado que deve o suplício à justiça suprema e divina” · ver 3.2 · [V-lat; tradução do estudo]
5. 6.1 · *De correptione et gratia* 13, 39 · “o número dos eleitos é certo” · «Certus est numerus electorum» · ver 1.11 e 3.2 · [V-lat; tradução do estudo]
6. 6.4 · *Cidade de Deus* XII, 7 · a causa deficiente · ver 1.7 e 3.6 · [paráfrase]
7. 6.4 · *Carta* 93, 2, 5 e 5, 17 · “forçai-os a entrar”; a opinião superada pelos exemplos · «cogite intrare» · ver 1.11 e 3.7 · [V-lat; tradução do estudo]
8. 6.4 · *Confissões* X, 8, 15 · “tudo o que sou” · ver 1.4 e 2.5 · [V-lat; V-pt: Espírito Santo]
9. 6.3 · *Cidade de Deus* XI, 18; XIV, 3; *De Trinitate* XII, 7, 12 · a ordem do todo; o corpo; a mulher · ver 3.6, 3.8

O cânon e os escritos

1. 6.1, 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “sua principal herança”; “o que se busca não está adiante, no futuro do mérito, mas dentro, anterior a toda busca”; a origem “em aberto” · ver 2.1 e 3.1
2. 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “supõe presença anterior a qualquer olhar” · ver 2.1
3. 6.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio […] A filosofia não decide isso por ninguém” · ver 3.1
4. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” · ver 3.2
5. 6.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “não sujeita a ranking” · ver 3.2
6. 6.2 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz” · ver 3.2
7. 6.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “manter as águas passáveis” · ver 2.6

16a. 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “A imagem deste elemento é a lamparina posta no rio: a luz de cada um, entregue às águas de todos”

1. 6.1 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “não é programa político” · ver 2.6 e 3.7
2. 6.1, 6.3 · Decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, n.º 3 e n.º 9 · “O olhar do outro apenas vê”; “O dano que não se quis entra no Examinar”
3. 6.1, 6.2, 6.3 · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, n.º 1, 5, 9 e 10 · “não se conquista nem se perde no caminho”; a voz do outro “em mim”; o material do tratado; “sem ser um terceiro estado”

4. 6.2, 6.3 · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, n.º 2, 3, 5, 6, 8 e 9 · graus de visão, nunca de valor; o sol é estrutura; a cura de Platão; só templo; Sócrates na Ficha II; “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”
5. 6.3 · Decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, n.º 1 · “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia”
6. 6.3 · Ficha do Estudo III · “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”; “silêncio respeitoso” · [Ficha, não cânon]
7. 6.3 · Estudo IX, 5.3; Estudo X, 5.2 e 6.3; Estudo XI, 5.1 e 6.3 · o mestre interior; as tarefas deixadas; a letra (al)
8. 6.3 · Estudo VII, 6.3 · as herdadas (g), (j), (k)

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

O texto tem 98 marcas com “confirmar” e 431 marcas de verificação ao todo. O latim de Agostinho foi conferido por inteiro no texto da Nuova Biblioteca Agostiniana, pelo sítio augustinus.it (*O livre-arbítrio* no texto dos beneditinos, não no do *Corpus Christianorum*); das edições em português, foram conferidas a de Lisboa (Imprensa Nacional–Casa da Moeda) nos livros VII, X e XI das *Confissões* e em *A Trindade*, a de Mammì numa cópia digital sem paginação, a de Dias Pereira numa cópia com ruído e a de Amarante só por via secundária; nenhuma edição portuguesa de *O livre-arbítrio*, do *Enchiridion*, das obras da graça, das cartas ou do *De magistro* foi aberta, e o português dessas obras é tradução do estudo, com o latim nas Fontes. As passagens do Cânon, dos Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações, dos Estudos VII a XI e das Decisões do fundador foram conferidas contra os textos. Agrupadas por tipo de conferência, para quem for fechar o aparato (os itens de cada bloco vão numerados entre parênteses):

Tipo	**O que falta**
Edições não abertas	(1) *Confissões*, trad. Lorenzo Mammì (Penguin-Companhia, 2017): cópia digital sem paginação; toda página é [página a confirmar] (VII, 12, 18; VII, 13, 19; VIII, 5, 10; VIII, 9, 21; VIII, 12, 29; X, 29, 40; X, 33, 50; II, 4, 9; IV, 4, 9; IV, 7, 12; IX, 12, 29; o prefácio), e a proveniência da cópia deve ser conferida contra a edição impressa; (2) *Confissões*, trad. Arnaldo do Espírito Santo e outros (Lisboa, INCM): só os livros VII, X e XI; o ano é 2001 na folha de rosto da cópia e 2004 em Cardoso; I, III, VIII e XIII não foram abertos em português; em XI, 20, 26 o arquivo traz “respeitante ao às coisas passadas”, citado com [sic]; (3) *A Trindade*, trad. Arnaldo do Espírito Santo e outros (Lisboa): livros IX a XIII; editora a confirmar; não é a de Belmonte do plano; (4) *A Cidade de Deus*, trad. J. Dias Pereira (Gulbenkian): vols. I e II em cópia com ruído de OCR (“tomou”/“tornou”; *apatheia* ilegível), com as páginas [nnnn] da cópia, não da edição impressa; o vol. III (livros XIX e XXII) não foi aberto; a frase de XIV, 28 em Martins (2010) difere da cópia aberta; (5) *Confissões*, trad. Amarante (Paulus, 15.ª ed., 2002): só via *Espaço Teológico* 8 (14), 2014, p. 95; autor e título do artigo a completar; (6) *Confissões*, trad. Oliveira Santos e Pina (Os Pensadores, 2.ª ed., 1980): cópia em OCR sem paginação, tradução livre; só como cotejo, nunca como literal; a edição de 1973 do plano não foi aberta; (7) *O livre-arbítrio*, trad. Nair de Assis Oliveira (Paulus), e *A Cidade de Deus*, trad. Oscar Paes Leme (Vozes): só pelas passagens que Cunha (2016) e Vahl (2015) citam; (8) *A Cidade de Deus*, trad. Souza Campos (Niterói, 2022): fora da lista, tradução livre; não citar sem conferir; (9) *De magistro*, trad. Minghetti (Editora Fi, 2015): aberta, mas ilegível em colunas entrelaçadas; nada dela é citado; (10) *Enchiridion*, *De doctrina christiana*, obras da graça, cartas, sermões, *De vera religione*, *Solilóquios*: nenhuma edição portuguesa aberta; (11) edição espanhola (BAC, t. XVI, Capánaga) e tradução italiana da Città Nuova: não abertas; o espanhol do estudo é de Ricoeur, via Estudo IX; (12) latim: *O livre-arbítrio* de augustinus.it parece ser o dos beneditinos de Saint-Maur, não o CCSL 29 [edição latina a confirmar]; Dombart–Kalb não aberto (só a numeração); *Retractationes*, *Cidade de Deus* XV, 22 e *Sermão* 340/A não abertos em latim; (13) inglês: o tradutor das *Confissões* em New Advent é Pilkington nos a pesquisa de fontes do estudo e Pusey no a pesquisa de fontes do estudo e no Estudo X: a conferir; prenomes e anos dos tradutores do NPNF (Dods, Haddan, Shaw, Holmes e Wallis, Newman, Cunningham, King, Browne): a completar; (14) Tomás (latim leonino, Corpus Thomisticum), Lutero (inglês, BookOfConcord.org; tradutor a confirmar; WA 1, 353–354 não aberto), Pascal (Trotter, Gutenberg #18269; Hachette, 1871, via Wikisource), Hegel (Haldane, vol. III, páginas pelo índice), Aristóteles (*Física*, Hardie e Gaye), Buber (R. G. Smith): lidos em edições digitais, sem edição impressa aberta; Sêneca, Cícero, Plotino e Porfírio não abertos; (15) edições de Kierkegaard, Heidegger (*Sein und Zeit*, edição bilíngue, a completar), Jaspers, Marcel, Levinas, Ricoeur, Arendt e Taylor: não abertas, salvo o que as seções dos Estudos VII a

Tipo	O que falta
	IX e as obras secundárias transcrevem; (16) a Ficha do Estudo III e as demais Fichas foram lidas em arquivo da pasta do Estudo VIII, fora da pasta de fontes do XII.
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar], [tese a confirmar]	**Prólogo.** *Confissões* VII, 12, 18, Mammì [página a confirmar]; Estudo X, 5.2 e 6.3, Estudo XI, 5.1, Estudo IX, 5.3, Estudo VII, 4.3 [leitura anterior do estudo; conferir a letra contra os estudos]. **Capítulo 1.** 1.1: verbete "Augustine of Hippo" da SEP [autoria a confirmar; o a pesquisa de fontes do estudo a dá a Tornau]; datas de Milão, do batismo e do episcopado [datas a confirmar: ver as divergências]; 1.2: Cardoso (*Humanidades em Diálogo* IV (2)) [ano a confirmar; lido no resumo]; a identificação dos livros dos platônicos com Plotino e Porfírio, Estudo X, 4.2 [tese a confirmar]; 1.3: *Confissões* VIII, 5, 10, VIII, 9, 21 e VIII, 12, 29, Mammì [página a confirmar]; prefácio de Mammì [página a confirmar]; 1.4: *Confissões* X, 33, 50, Mammì [página a confirmar]; Rodrigues dos Santos [lido no resumo; páginas a completar]; 1.5: Gagnebin, pp. 33–34 [paráfrase]; 1.6: Rodrigues da Costa e Novaes [paráfrase]; *De magistro* XI, 38 [numeração da edição consultada]; 1.7: *Confissões* VII, 12, 18, II, 4, 9 e VII, 13, 19, Mammì [página a confirmar; em VII, 13, 19 o latim não foi conferido]; Evans, *Augustine on Evil* [tese a confirmar]; 1.8 e 1.11: *Confissões* X, 29, 40, Mammì [página a confirmar]; Rist (pp. 242–245) e Wetzel (pp. 126–138) [tese a confirmar]; as leituras da justiça gratuita, de Pelágio, dos semipelagianos de Marselha, dos monges de Hadrumeto e de *cogite intrare* por persuasão, sem autor conferido [tese a confirmar]; 1.9: *Cidade de Deus* XV, 22 [tese a confirmar; localização a confirmar; livro não aberto]; Nunes Costa (*Veritas* 43 (4)) [lido no resumo]; 1.10: *Cidade de Deus* XIV, 3, 2, Dias Pereira, só a primeira oração [V-pt]; 1.11: Brown (*Journal of Roman Studies* 54) [tese a confirmar]; *De Trinitate* XII, 7, 12, o sujeito "as mulheres" é do tradutor de Lisboa. **Capítulo 2.** 2.1: SEP §5.2 [V-en]; decisões n.º 3 de 17/10 e de 19/10, Estudo X 6.3; 2.3: *O livre-arbítrio* II, 19, 53 [edição latina a confirmar]; Ricoeur, *O mal*, edição espanhola, p. 38 [V-es via secundária: Estudo IX, 5.3]; 2.4: Gagnebin [paráfrase]; *Confissões* XI, 28, 37 e XI, 29, 39, Espírito Santo; 2.5: *Retractationes*, obra inteira [paráfrase; localização a confirmar]; Scherer [paráfrase]; 2.8: *Confissões* VIII, 12, 29, Mammì [página a confirmar]. **Capítulo 3.** 3.1: *Solilóquios* I, 1, 3 e I, 8, 15 [traduções do estudo]; Novaes, p. 98; 3.2: a leitura pela justiça gratuita, a contestação de Pelágio e dos monges de Marselha [paráfrase; tese a confirmar]; 3.3: *Confissões* VIII, 9, 21 e VIII, 5, 10, Mammì [página a confirmar]; 3.4: Wetzel, pp. 126–138 [paráfrase; tese a confirmar]; 3.6: *Confissões* IV, 4, 9, Mammì [página a confirmar]; 3.7: Brown e Rist [paráfrase; tese a confirmar]; 3.8: *Cidade de Deus* XIV, 3, 2, Dias Pereira, vol. II, pp. [1240]–[1241] [páginas da cópia]. **Capítulo 4.** 4.1: *Confissões* X, 29, 40, Mammì [página a confirmar]; Pascal, *Pensées* 283 [numeração de Brunschvicg a confirmar]; Lutero, tese 13 [tradutor a confirmar]; 4.2: *Cidade de Deus* IX, 4, 3 [localização a confirmar]; XIV, 9, Dias Pereira, vol. II, pp. [1263]–[1265]; 4.3: *Confissões* IV, 16, 28, Mammì, p. 111, via Ayoub [página a confirmar]; Ayoub, 2018 [página a confirmar]; Hegel, Haldane, vol. III, p. 37 [página a confirmar; autenticidade disputada]; 4.5: *Confissões* IV, 4, 9, Mammì [página a confirmar]; X, 33, 50, Amarante, via *Espaço Teológico* 8 (14), 2014, p. 95; Heidegger, curso de 1921, via Santos (2019, 2021) [paráfrase; data a confirmar]; *Sein und Zeit*, §81, pp. 427–428 [edição a completar]; 4.6: Ricoeur, "O pecado original", Rosa; *Le conflit des interprétations*, p. 277 [localização a confirmar]; *Tempo e narrativa* I, p. 41, via Estudo IX, 5.3; Levinas, pp. 138 e 134, via Estudo VIII, 1.5; 4.7: *Cidade de Deus* XII, 20, 4 = XII, 21 [paráfrase]; Arendt, *O conceito de amor* e *A condição humana* [paráfrase; localização a confirmar]; Arendt, *A vida do espírito*, pp. 351 e 357 [tese a confirmar; conferida só no que a obra secundária transcreve]; Ricoeur, *La mémoire*, p. 465, via Estudo IX, 4.2; 4.8: Buber, *Between Man and Man*, p. 129 [página a confirmar]; Buber, no Estudo X, via Šajda (pp. 575–580, página exata a confirmar). **Capítulo 5.** 5.1: *Cidade de Deus* XII, 20, 4 (= XII, 21), com a dupla numeração; *Confissões* IV, 7, 12, Mammì [página a confirmar]; Arendt, *A condição humana* e *As origens do totalitarismo* [paráfrase; localização a confirmar]; *The Human Condition*, p. 9, via Estudo VII, 5.4; *O conceito de amor*, trad. Dinis [paráfrase; localização a confirmar]; *A vida do espírito*, pp. 351 e 357, "descobre" [tese a confirmar]; a variante *initium ut esset* [tese a confirmar]; a frase atribuída a *O livre-*

Tipo	O que falta
	arbítrio III, 1, 2 [tese a confirmar; não achada no latim]; a *philia* política [tese a confirmar]; 5.2: *Confissões* X, 33, 50, Amarante, via *Espaço Teológico*; IV, 4, 9, Mammì [página a confirmar; sem original]; Marcel, *Ser e ter* [V via secundária: Estudo IX, 5.5; paráfrase]; Ricoeur, *O si-mesmo*, edição espanhola, pp. 292–293; Marcel, *Homo viator* (1944) [paráfrase; localização a confirmar]; 5.3: *Confissões* IV, 4, 9 e IX, 12, 29, Mammì [página a confirmar]; Jaspers, *Filosofia* (1932), via Ricoeur, *La mémoire*, p. 596 [V via secundária]; as cifras da transcendência [tese a confirmar]; *Drei Gründer* e *Les grands philosophes II* [V via secundária: catálogo]; Quigley (1962) [V-en via secundária]; 5.4: Taylor, *Sources of the Self*, cap. 7, p. 131, via Teixeira [localização a confirmar]; a afirmação da vida ordinária e a reflexividade como ponto de vista de primeira pessoa [paráfrase; localização a confirmar]. **Capítulo 6.** As Fontes do capítulo 6 não levam marca "confirmar" própria; 6.1 a 6.5 repetem passagens dos capítulos 1 a 3 (remissões "ver 1.2", "ver 2.6", "ver 3.2" etc.), e valem as marcas dessas seções; 6.3 repete *Cidade de Deus* XI, 18, XIV, 3 e *De Trinitate* XII, 7, 12 (ver 3.6, 3.8) e as letras herdadas (g), (j), (k) do Estudo VII, 6.3, as tarefas deixadas pelos Estudos X e XI e a letra (al) [leitura anterior do estudo].
Passagens traduzidas pelo estudo do latim	Todas levam [tradução do estudo], com o latim nas Fontes; é instrumento de pesquisa, não edição, e a citação definitiva em português pede revisor com as edições impressas. (1) *Confissões*: I, 1, 1; III, 6, 11; VII, 9, 14; X, 8, 15; XI, 14, 17 ("tende a não ser"); XI, 26, 33 ("distensão do espírito"); XI, 28, 38; XIII, 9, 10; VIII, 9, 21 (cap. 4); e partes de X, 6, 9; cabe conferir que X, 8, 15 e XI, 14, 17, que a edição de Lisboa cobre, levam [V-pt: Espírito Santo] no capítulo 6 e [tradução do estudo] nos capítulos 1 e 5; (2) *Solilóquios* I, 1, 3, I, 8, 15 e II, 1, 1; (3) *De vera religione* 39, 72; *De magistro* XI, 36, 38 e XII, 40; (4) *De Trinitate* XII, 15, 24, que a edição de Lisboa cobre (livros IX a XIII) e o capítulo traduz; e o sujeito "as mulheres" em XII, 7, 12; (5) *Enchiridion* 11, 13, 27 e 103 (e 30, em paráfrase); (6) *O livre-arbítrio* II, 19, 53, II, 20, 54 e III, 3, 7; (7) *Cidade de Deus* IX, 4, 2–3; XI, 18; XII, 7; XIV, 3, 2 (menos a primeira oração, de Dias Pereira); XIV, 5; XIV, 7, 2; XIV, 9, 4; XIX, 5, 6, 13, 17 e 24; XII, 20, 4 (= XII, 21), com Dias Pereira à vista; XXII, 17; (8) *Ad Simplicianum* I, 2, 16; *De spiritu et littera* 3, 5; *De gratia et libero arbitrio* 6, 15; *De correptione et gratia* 13, 39; *De dono perseverantiae* 14, 35; (9) *Sermão* 169, 11, 13; *Cartas* 93, 2, 5, 93, 5, 17 e 185, 6, 24; (10) *De doctrina christiana* I, 4, 4 e I, 27, 28; (11) fora de Agostinho: Tomás (*Suma* I, q. 84, a. 5; I-II, q. 109, a. 2), Lutero (tese 13), Pascal (*Pensées* 283), Aristóteles (*Física* IV, 12), Buber (*Between Man and Man*, p. 129), Hegel (Haldane, p. 37), Taylor (p. 131) e Quigley sobre Jaspers: vertidos do latim ou do inglês pelo estudo; (12) o português da *Cidade de Deus* XIX e XXII e de *Doutrina cristã* I não tem tradução conferida; (13) duas passagens de *Confissões* IV, 4, 9 ("ela com razão não me obedecia"; "era melhor e mais verdadeiro") vêm de Mammì sem o original latino ao lado.
Intérpretes lidos só por intermediários, só por indicação da SEP ou nomeados sem obra aberta	(1) só por indicação da *Stanford Encyclopedia* (SEP): John Rist, *Augustine: Ancient Thought Baptized* (Cambridge, 1994), pp. 242–245, e James Wetzel, *Augustine and the Limits of Virtue* (Cambridge, 1992), pp. 126–138; obras não abertas, tese a confirmar; a resenha de Rist em *Theologie und Philosophie* (2/1995, p. 273) é OCR parcial; (2) nomeados sem obra aberta: Lorenzo Mammì fora do prefácio (introdução e notas), Madec [prenome a completar] (só a referência em Novaes, 2003), Matthews, O'Donnell (o comentário em stoa.org/hippo devolveu erro), Peter Brown (a biografia; do artigo de 1964 só se confirmou a localização), Henry Chadwick (p. 89, citada em obra secundária), Hannah Arendt (*A vida do espírito*, pp. 351 e 357, só no que a obra secundária transcreve; *O conceito de amor*, *A condição humana* e *As origens do totalitarismo* em paráfrase), Robert Markus (*Saeculum*), Étienne Gilson (o regulacionismo, só por D. R. da Costa, 2020; as obras de 1929/1969, 1930 e 1948 não abertas), Robert Dodaro, Maria Leonor Xavier (obra e edição não localizadas, nenhuma tese atribuível), Gillian Evans (*Augustine on Evil*), Jean-Luc Marion (só pela resenha de Grondin), Agustín Uña Juárez (obra a identificar), Victorino Capánaga (introdução e notas da BAC), Marrou (só em nota de Ayoub), Lawless e Verheijen (só nomeados), Gilson e Novaes em obras além do artigo de 2003 (*A razão em exercício*, *Tempo e*

Tipo	O que falta
	razão); (3) lidos só por intermediário: Heidegger (curso de 1921, por Santos, 2019 e 2021), Ricoeur (*Tempo e narrativa* I, p. 41, por Gagnebin, Ribeiro, Bido e o Estudo IX; *La mémoire*, pp. 465 e 596, e *O mal* e *O si-mesmo*, em espanhol, pelo Estudo IX; "O pecado original" em Rosa, V-pt), Taylor (p. 131, por Teixeira, 2020, artigo não salvo), Jaspers (só catálogo e a resenha de Quigley), Marcel (pelo Estudo IX, 5.5), Levinas (pelo Estudo VIII), Buber (por Šajda, *Filozofia* 80/4, 2025; nada em *Eu e Tu* nem em *O caminho do homem*), Hegel (só em inglês, páginas pelo índice), Kierkegaard (nenhuma passagem sobre Agostinho aberta), Ayoub (lida) citando Mammì e Brown (2015); (4) lidos só no resumo ou no extrato: M. R. N. Costa (*Veritas* e *Mirabilia*), Rossato, Rodrigues dos Santos, Cardoso, Andreatta, Moraes, Dalpra, Oliveira, Ribeiro, Bido; (5) a tradição brasileira e portuguesa foi lida por inteiro em poucos artigos (Novaes 2003, Scherer, Gagnebin, D. R. da Costa, Cunha, Vahl, Ayoub); (6) o Oriente: nenhum intérprete nomeado aproxima Agostinho do budismo, do vedanta ou do taoísmo (achado, não lacuna); (7) Plotino, Porfírio e Cícero não foram abertos.
Divergências de numeração e de dados	(1) *Cidade de Deus* XII, 20, 4 (Nuova Biblioteca, Migne, Dods) = XII, 21 (Dombart–Kalb, Dias Pereira, plano); o estudo dá as duas; (2) *Enchiridion* 27 e 30: a *massa damnata* está em 27 (e nos capítulos 24–27 o primeiro mal e o pecado original); a perda do livre-arbítrio, em 30, e não nos capítulos que o plano indicava; (3) *De correptione et gratia* 13, 39 para o número fixo dos eleitos (7, 12 e 10, 28 trazem a *massa* e o "se ninguém fosse libertado"; o parágrafo de 10, 28 e o de *De gratia et libero arbitrio* 16, 32 estão com localização a confirmar); (4) *Ad Simplicianum* I, 2, 16 (e 17) para a *massa peccati*; (5) *De ordine* I, 7, 18 é fala de Licêncio, e não de Agostinho (o trecho de II, 4 tem parágrafos 11–13 a confirmar); (6) a frase que Arendt atribui a *O livre-arbítrio* III, 1, 2 não foi achada no latim; o estudo a substituiu por III, 2, 4 e III, 3, 7; (7) *Cidade de Deus* XIV, 28 aparece como XIV, 29 em M. R. N. Costa (*Veritas*, 1998); IX, 4, §2 e §3 têm o parágrafo inferido do marcador do sítio; XIV, 7, 2 cai, no plano, em "XIV, 8–9"; (8) *De magistro*: a Nuova Biblioteca numera XI, 36–38, XII, 39–40 e XIV, 46, e as edições variam; o estudo segue a Nuova Biblioteca e, em 1.6, avisa "numeração da edição consultada"; *Sermão* 169, 11, 13 e *Cartas* 93, 5, 17 e 185, 6, 24 também na numeração da Nuova Biblioteca; (9) *Solilóquios*: I, 1, 3 é a invocação; o «noverim me, noverim te» está em II, 1, 1, e não em I, 2, 7, como o plano sugeria; (10) *Confissões*: a numeração de Mammì repete só capítulo e parágrafo dentro do livro ("XII, 29" no livro IX); (11) Mônica: morte em 388 (SEP) × 387 (tradição, não conferido); chegada a Milão em 383 (SEP) × fim de 384 (Wikipédia); episcopado: coadjutor em 395 (Wikipédia) × sucessão por volta de 396 (SEP); *Hortensius*, datas de composição de *A Trindade* e da *Cidade de Deus* e a data do jardim além de "verão/fim de agosto de 386" não conferidos; (12) Heidegger: curso de "1920–21" (Grondin) × "verão de 1921" (Santos); (13) Brown: edição brasileira de 2005 (Record, a pesquisa de fontes do estudo) × "2015" (Ayoub, a pesquisa de fontes do estudo); Gilson: original de 1929 (a pesquisa de fontes do estudo) × 1969 (a pesquisa de fontes do estudo); Arendt, trad. Dinis: 2007 × s.d.; Marion: 441 × 421 páginas; Pusey × Pilkington; INCM 2001 × 2004; SEP: autoria a confirmar × Tornau; (14) o Estudo X remete a "Estudo VII, 4.4" o que o VII diz de Agostinho: a seção é a 4.3; o Estudo IX (5.3) pôs a pergunta do mestre interior sob a questão (x), mas (x) não a contém; a decisão n.º 9 de 23/10 sobre o X não diz o que o plano lhe atribui; o X não "deixou três perguntas"; (15) o Tratado da Luz Interior diz "três deles" e nomeia quatro vozes; a *privatio boni* da Disputatio é tese atribuída, sem obra nem capítulo; "alma" ocorre uma vez no Cânon e quatro nas fontes; "paz", "fonte" e "eterno" ocorrem também fora da nota da Antífona; "o rio não é programa político" é do Tratado das Águas Comuns, e não do Cânon; (16) a Ficha do Estudo VI diz "a nossa luz tem nome": é Ficha, não cânon, e não vale como letra.
A variante *Initium ergo* × *Hoc ergo*	(1) o texto da Nuova Biblioteca (*Cidade de Deus* XII, 20, 4 = XII, 21) traz «quod initium eo modo antea numquam fuit. Hoc ergo ut esset, creatus est homo, ante quem nullus fuit» (capítulo 5, 5.1, nº 1 das Fontes); Arendt lê *initium ut esset*, a forma *Initium ergo* × *Hoc ergo* não foi conferida em fonte aberta além da Nuova Biblioteca; qual é a lição de Dombart–Kalb, que o estudo não abriu, e se Arendt cita outra edição ou

Tipo	O que falta
	Agostinho de memória, é [tese a confirmar]; (2) o capítulo 4 (4.7) apenas parafraseia a passagem e remete à citação inteira em 5.1; (3) o a pesquisa de fontes do estudo (D3.14, D3.37) registra a variante sem conferi-la; a natalidade de Arendt depende da lição, e sem a página de Arendt a frase não se cita.
O Sermão 340/A	(1) o *Sermão* 340, 1 («Vobis enim sum episcopus, vobiscum sum Christianus») foi lido no latim da Nuova Biblioteca [V-lat]; o português “Para vocês, sou bispo” vem de Andrade (Paulus, 2026), sem tradutor nomeado; (2) o “Discurso 340/A, 1” que Leão XIV cita em 11/9/2025 («quem preside o povo deve compreender que é servo de muitos») é outro sermão, não aberto em latim [localização a confirmar]; (3) não fundir o 340 e o 340/A; o a pesquisa de fontes do estudo (D3.25) marca a numeração e a autoria como [tese a confirmar].
A autoria do *Praeceptum*	(1) o *Praeceptum* (*Regra* 1, 2–3: «anima una et cor unum in Deum»; «unicuique sicut cuique opus fuerit») foi lido no latim [V-lat], sem português; (2) a autoria agostiniana das regras monásticas é matéria discutida (Verheijen, Lawless) [tese a confirmar; obras não abertas]; o estudo não deve apoiar nele mais do que “a Regra atribuída a Agostinho”; (3) a edição latina do *Praeceptum* em augustinus.it: a completar.
A letra da *ordo amoris* em *Cidade de Deus* XV, 22	(1) o livro XV da *Cidade de Deus* não foi aberto; a letra de XV, 22 sobre a *ordo amoris* (capítulo 1, 1.9, nº 54 das Fontes) é [tese a confirmar; localização a confirmar]; (2) o capítulo 1 (1.9) usa só *De doctrina christiana* I, 4, 4 e I, 27, 28 para o uso e a fruição, e *Cidade de Deus* XIX, 13, 1 para a ordem; (3) o a pesquisa de fontes do estudo deixou XV, 22 e *De doctrina christiana* I, 22 fora do que cobriu (a busca textual não achou a letra em I, 3); nada do que o estudo diz da ordem do amor deve citar a letra de XV, 22 antes de abrir o livro; (4) o português de XIX, 13 e de *Doutrina cristã* I não tem tradução conferida.
O que a decisão do fundador pode resolver	Nada: as conferências acima são de edição, de página e de leitura, e nenhuma é matéria de doutrina; só o fundador altera a doutrina, e o estudo não decide, propõe e pergunta. Fica apenas o registro do que consta como não decidido: (1) a pergunta do mestre interior de Agostinho (a voz do outro “em mim” ou a Lux vista de dentro) não está decidida: a decisão n.º 5 de 23/10 sobre o Estudo IX não a estendeu, e a n.º 9 de 23/10 sobre o Estudo X retirou só a forma “Platão por trás do mestre interior”; (2) a fórmula do capítulo 6 (“aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção”) só o fundador pode adotar; (3) as questões (as) e (av) (a *massa damnata*, o número dos eleitos e a coerção como fronteira da série) e (ao) (se a decisão sobre o sol de Platão cobre a luz imutável de Agostinho tomada como estrutura) esperam resposta dele; (4) o nome da Luz: a decisão n.º 3 de 23/10 sobre o Estudo X deixa a fonte sem nome no cânon, e o estudo escreve “quem lê com Agostinho pode…” e para aí; (5) as letras herdadas (g), (j), (k) do Estudo VII e (al) do XI continuam como estão.

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens de Agostinho foram conferidas no latim (augustinus.it, texto NBA), com o inglês à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-en], [V-es] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	**Total**	**Corpo**	**Aparato**
[v-lat; tradução do estudo]	153	73	80
[leitura do estudo]	64	55	9
[tese a confirmar]	38	26	12
[… a confirmar]	31	13	18
[paráfrase]	27	7	20
[hipótese do estudo]	23	23	0
[V-pt]	21	11	10
[paráfrase; … a confirmar]	18	8	10
[V-en; tradução do estudo]	16	8	8
[V via secundária]	13	6	7
[V-en]	6	3	3
[V-es]	5	3	2
[v-lat; v-pt: espírito santo; tradução do estudo]	3	2	1
[V-fr]	2	1	1
[tradução do estudo]	2	2	0
[v-lat; v-pt: espírito santo; tradução do estudo para “tende a não ser”]	1	0	1
[decidida pelo fundador em 31/10/2026 (estudo xii, n.º 8): o corpo entra na ficha do estudo iii como aliado do corpus.]	1	1	0
[decidida pelo fundador em 31/10/2026 (estudo xii, n.º 6): fronteira da série, com frase própria do estudo; padrão para os clássicos cristãos, ao lado de (al).]	1	1	0
[decidida pelo fundador em 31/10/2026 (estudo xii, n.º 4): fica como leitura do estudo.]	1	1	0
[decidida pelo fundador em 31/10/2026 (estudo xii, n.º 4): só leitura do estudo; não entra como glossário.]	1	1	0
[v-lat; v-pt: espírito santo; tradução do estudo para “não só os homens, mas também as mulheres”, que o latim não traz como sujeito de *renovantur*]	1	0	1
[inferência do estudo]	1	1	0
[v-lat; v-pt: dias pereira; tradução do estudo]	1	1	0
[v-lat; v-pt: dias pereira, só a primeira oração; tradução do estudo]	1	0	1

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	39	3321
1. Agostinho em sua melhor forma	96	5090
2. Onde nos tocamos	99	3779
3. Onde nos separamos	122	5166
4. Agostinho e as casas que já visitamos	73	3585
5. Prévias: autores que virão	68	2734
6. Síntese, fórmula e questões abertas	34	3150
Total	531	26825

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII, VIII e IX; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.